

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 1969 N.º 16 576 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR
SORTEIO DE 20
AUTOMÓVEIS OPEL
Concurso PHILIPS
TRIUNFO DA TÉCNICA



O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, que hoje inicia uma visita de quatro dias à República Federal Alemã. (Ver notícia na pág. 15)

«HÁ QUE PROMOVER O PROGRESSO DE UMA NAÇÃO DESEJOSA DE RECUPERAR ATRASOS»

declarou o Presidente do Conselho na «conversa» que teve com o País (Pág. 16)

NIXON VAI A BERLIM

APESAR DA ATITUDE DA R. D. A.

KEY BISCAYNE (Florida), 11 — (A. N. I.) — A Casa Branca confirma que o presidente Nixon tenciona visitar Berlim-Occidental, no fim deste mês, apesar da ameaça de Pankow de limitar o acesso por estrada àquela cidade.



A Semana Verde em Berlim, grande exposição internacional de agricultura (29 países), afastou-se, este ano, dos padrões tradicionais. Os produtos agrícolas e das indústrias afins foram apresentados não em «stands» do tipo tradicional, mas em «boutiques» deveras originais. Beldades vestidas em obediência rigorosa aos ditames da moda, conforme a hora do dia, ensinam a preparar sopas e refeições. A jovem da gravura está encarregada da propaganda do leite, pelo que só se deve fixar esse líquido e mais nenhum permeneor... Entendido?

O secretário de Imprensa, Ronald Ziegler, declarou que as críticas russas e outras à prevista deslocação de Nixon a Berlim-Occidental em nada contribuíram, até agora, para a impedir.

Quanto à declaração da «Izvestia» de que a visita de Nixon a Berlim, em 27 de Fevereiro, mais complicará a situação criada pelo bloqueio parcial, o secretário de Imprensa afirmou: «o presidente fará a viagem a Berlim-Occidental, até agora prevista».

As restrições ao acesso rodoviário a Berlim-Occidental anunciadas pela República de Pankow, constituem «motivo de preocupação» para os Estados Unidos — declarou Robert McCloskey, informador da Secretaria de Estado, acrescentando que a posição de Washington reside na premissa de que a Rússia é responsável pelo

livre acesso de pessoas e de mercadorias àquela zona da antiga capital alemã.

Entretanto, a Secretaria de Estado vai enviar uma resposta à nota russa em que o Kremlin protestou

(Continua na 14.ª página)



Optimismo no sorriso de Otto Gloria, para a TV holandesa filmar. Rir no meio da neve, só bonito para cromo de Natal: é mesmo para televisão

COM O BENFICA NA HOLANDA

NEVE MAIOR PREOCUPAÇÃO DO QUE O «AJAX»

AMSTERDÃO, 11 — O jornalista queria fugir ao tema — que sabe glosado e batido. Mas não se pode alhear — a crónica seria quase um elogio à neve, à beleza da paisagem, à estranheza do maravilhoso resorte das árvores nuas, à admiração pelas faces ver-

melhas e olhos brilhantes das holandesazinhas, se aqui, amanhã, não houvesse um jogo de futebol. Jogo que é um caso sério. E jogo que põe a Holanda em «pólvora», toda virada para um optimismo que não esconde, nem disfarça.

E como futebol é futebol,

mesmo com neve e preocupante ameaça de possibilidade de gelo, terá de se falar do jogo, deixando a su-

DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL

Mário Zambujal

gestão da neve para «erito mais propício».

Reunião com a Imprensa no Aeroporto

Pouco passava do meio-dia quando o Benfica chegou a Amesterdão. Os órgãos de informação em peso, aguardavam os campeões nacionais. Fotos, imagens para a televisão — ambiente de acontecimento grande. Depois uma desilusão para os camaradas holandeses: só Coluna poderia falar — ordem dos altos

(Continua na 21.ª página)

Elaborado o projecto do troço de auto-estrada Carvalhos — Albergaria-a-Velha

Tudo leva a crer que a próximo, mas impossível de auto-estrada do Norte sofrerá um substancial prolongamento — num futuro mais ou menos

apenas dependente do beneplácito governamental o pro-

(Continua na pág. seguinte)

HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

Com 5 por cento da população vacinada iniciou-se a semana mais crítica da expansão do vírus «A2 Hong-Kong-68»

No meio de um fervilhar de boatos sem base, que evitaram que muitos se vacinassem ou fizessem vacinar os seus filhos, os 5,3 milhões de habitantes de Portugal metropolitano iniciaram a semana mais crítica, quanto à expressão da epidemia de gripe provocada pelo vírus «A2 Hong-Kong-68».

O número de casos de doença tem aumentado, e, segundo foi informado, no Centro Nacional de Gripe foram já isoladas 20 estirpes de aquele vírus. No entanto, todas as autoridades médicas na matéria põem em relevo a relativa benignidade dessa gripe e o facto de ela não ter atingido entre nós a amplitude que se chegou a recear, quando, em fins de Novembro último, se fizeram previsões quanto ao facto de Portugal vir a ser atingido pela disseminação do vírus.

Segundo informações prestadas pelo sr. dr. Arnaldo Sampaio, director do Centro Nacional de Gripe, foram já vacinadas em todo o território metropolitano 500 000 pessoas, a maioria das quais gratuitamente.

O número poderá parecer elevado, à primeira vista. No entanto, uma simples conta levar-nos-á a concluir que se trata apenas de 5,1 por cento da população. Quer isto dizer que a maioria das pessoas atravessará deficientemente preparada a semana crítica da gripe de Hong-Kong.

Os especialistas na matéria prevêm que, a não se alterarem as condições actuais (quer para melhor, quer para pior), o perigo da epidemia subsistirá até ao fim do próximo mês.

Entretanto, essas mesmas autoridades recomendam a vacina, que continua a fazer-se em numerosas empresas, em postos da Delegação de Saúde de Lisboa e das Juntas de Freguesia.

A vacina terá sempre inconvenientes bem menores do que a doença

Enquanto não nos foi possível arranjar, no mercado internacional, o número de vacinas necessário para evitar a disseminação da epidemia desta gripe entre nós, diversas vezes se ergueram a chamar contra o lamentável, mas inevitável, facto.

Uma voz marginal quantificada apreciável de vacina, lo-

go outras vozes se ergueram a chamar desconfiadamente quanto aos respectivos efeitos. Nisso se apoiaram inúmeras pessoas (cedendo ao medo ancestral que as vacinas quase sempre provocam) para não tomar as precauções necessárias e (o que parece pior) evitar que seus filhos se tornassem.

Foram postos a correr diversos boatos. Segundo uns, a vacina teria efeitos secundários muito desagradáveis e até perigosos. Segundo outros, quanto às crianças ter-se-iam registado casos de encefalite. Ainda segundo um terceiro a vacina teria feito eclodir a doença.

Procuramos esclarecer-nos a

infecção, pois têm as reações diminuídas e ou piora do mal que já tinha ou sofre uma reacção maior.

De qualquer modo, porém, sejam quais forem os inconvenientes (ahá mínimos) da vacina, sempre serão infinitos comparativamente aos estragos da doença lato no campo individual, pois não há comparação possível se se tiver em conta o que representaria a propagação da epidemia.

Quanto ao boato (que foi muito espalhado) de haver crianças com encefalite ou virmos hoje o sr. prof. dr. Mário Cordel, do Serviço de Pediatria do Hospital Escolar, que nos disse:

NÃO HÁ CASOS DE ENCEFALITE

este respeito, a fim de esclarecermos os leitores.

Segundo informações que já tornou públicas o sr. dr. Arnaldo Sampaio, a mais bem informada e uma das mais abalizadas autoridades na matéria, em Portugal, esclareceu parte daqueles boatos. As reacções até hoje registadas tinham sido mínimas e absolutamente normais, em qualquer caso de vacinação. As pessoas que receberam a vacina e adoeceram com a gripe de Hong-Kong um ou dois dias depois não tinham recolhido a cama em consequência de reacção à vacinação, mas muito simplesmente porque já tinham sido contaminados pelo vírus anteriormente.

Outras pessoas teriam tido reacções maiores pelo facto de estarem contaminadas por qualquer outra infecção e não terem informado disso aos vacinadores. Ora, se a vacina procura provocar uma infecção controlada, para desenvolver uma imunidade específica, não deve ser recebida por quem esteja a brincar com qualquer outra

— Não efectuámos ainda número suficiente de vacinas, nem temos ainda tempo suficiente para saber, com uma certeza científica, quais os resultados da vacinação.

E acrescentou: — É claro que qualquer vacinação envolve sempre certos riscos, mas sempre bem menores do que a doença. O que posso porém assegurar é que já vacinámos dezenas de crianças e em nenhuma delas notámos qualquer reacção anómala.

A concluir, sublinhou: — É quanto aos pretensos casos de encefalite posso afirmar que não se registou até agora nenhum provocado quer pela doença quer pela vacina.

Afirmou ainda que, até agora entre as crianças, não se registou nenhum caso grave de gripe de Hong-Kong. Todos os já detectados eram benignos.

A Cruz Vermelha vai colaborar

Na previsão de que surjam diversos focos de gripe de Hong-Kong e que a epidemia possa propagar-se a Direcção-Geral de Saúde procurou obter a colaboração da Cruz Vermelha Portuguesa, á semelhança do que se registou em 1968, aquando da epidemia da «asiática».

Houve ontem uma reunião das Formações Sanitárias da C. V. P., sob a direcção dos srs. drs. Fernando Caldeira,

director e Costa Belo, inspector. Como essas Formações Sanitárias trabalham em regime de voluntariado, auscultou-se a opinião da maioria dos seus componentes. O parecerimento foi geral e a C. V. P., em caso de necessidade, poderá enviar para os bairros pobres as suas ambulâncias com material e enfermeiras, para ocorrer aos casos necessários. Essas enfermeiras, se o julgarem preciso, poderão mandar chamar os médicos. Encara-se, ainda, a possibilidade de encerrar a Escola de Enfermagem da C. V. P., colocando as professoras e alunas bem como as alunas do curso de auxiliares de enfermagem, ao serviço da população.

Observe-se porém, que isto são apenas medidas tomadas na hipótese de a situação piorar, imprevistamente.

Chegou também ao nosso conhecimento que, a despeito de certos importadores terem anunciado às farmácias a possibilidade de fornecerem vacinas de origem holandesa, quando os farmacêuticos as quiseram obter, para fornecimento aos clientes, isso não foi possível, por não estar ainda autorizada a venda dessa vacina. O caso terá de ser resolvido pela Direcção-Geral de Saúde, pois há falta de vacinas nas farmácias da capital.

O TROÇO DE AUTO-ESTRADA CARVALHOS-ALBERGARIA

(Continuação da pág. anterior)jecto de construção de um importante troço de 50 quilómetros.

As obras de prolongamento da auto-estrada do Norte entre Vila Franca e Carregado começarão na próxima Primavera

metros daquela auto-estrada, pelo qual se faria a ligação

entre Albergaria-a-Velha e a povoação dos Carvalhos, nos arredores do Porto. O custo do empreendimento estaria calculado em cerca de 750 milhões.

Por outro lado, deverá começar já na próxima Primavera a construção do troço de sete quilómetros entre Vila Franca de Xira e o Carregado, o que virá solucionar as dificuldades do tráfego que caracterizam as ligações rodoviárias entre estas duas localidades.

O empreendimento, cuja execução estava prevista de há muito, deverá custar cerca de 150 milhões. O projecto, já entregue na J. A. E., foi executado pela «Proconsultes», que é uma associação da fir-

ma portuguesa «Profa Bril» com a firma sueca «Scandia-consult».

Como se sabe, a auto-estrada do Norte tem, actualmente, cerca de 35 quilómetros, considerando os troços entre Lisboa e Vila Franca e entre o Porto e os Carvalhos. Com a realização do troço do Carregado, o total da mais importante via rodoviária portuguesa ficará com pouco mais de 40 quilómetros. Mas, a executar-se o projecto que ligará os Carvalhos a Albergaria, a auto-estrada do Norte ficará com pouco mais de noventa quilómetros. No entanto, como a distância entre Lisboa e o Porto é de cerca de 320, e tendo em conta as modificações sempre introduzidas com a construção de novos troços, teríamos apenas um terço da distância entre as duas cidades servida por auto-estrada.

Entretanto, o percurso intermédio (entre o Carregado e Albergaria) poderá vir a ser objecto de melhorias parciais, especialmente nos itinerários mais saturados.

Cintos de segurança para o Japão

No mercado de intensa concorrência de acessórios de automóvel do Japão, a Britax acaba de concluir um acordo que abrange patentes, marcas registadas e conhecimentos técnicos, relativos a toda a sua gama de cintos de segurança automáticos e estáticos. Como resultado desse acordo a Britax espera receber encomendas no total de cerca de 100 000 unidades.

A detentora da licença da Britax é a Kayaba, grupo industrial com alto volume anual de vendas que fabrica principalmente peças de automóvel, e que se encontra actualmente a desenvolver um novo tipo de cinto de segurança.

As companhias americanas de aviação queriam baixar os preços das viagens — ... mas o acordo foi outro!

Após demoradas e trabalhosas negociações, as companhias aéreas que fazem parte da Associação Internacional de Transporte Aéreo (I. A. T. A.) conseguiram chegar a um acordo sobre as novas tarifas a aplicar entre 1 de Maio do ano corrente e 31 de Março de 1971, nas viagens sobre o Atlântico Norte e Central.

A redução de preços, cuja percentagem não é ainda conhecida, foi decidida pelo menos para as tarifas aplicáveis aos que viajam em grupo. Pelo contrário, não foi encarada qualquer redução do preço do bilhete simples e o abatimento de 5 por cento para as viagens de ida e volta foi suprimido.

Na travessia aérea do Atlântico Norte, foram introduzidas duas novidades:

• A partir de 1 de Novembro próximo, haverá tarifas especiais concedidas aos excursionistas com um mínimo de 40 pessoas com destino à Europa e de 20 no sentido inverso.

• A tarifa especial de «excursão», válida pelo período de catorze a vinte e um dias, poderá ser utilizada (ao contrário do que sucede actualmente), mesmo se a viagem se efectuar num fim-de-semana ou em período de ponta, desde que o viajante se disponha a pagar uma sobretaxa ligeira.

Foram precisos cinco meses para que os representantes das companhias chegassem a um acordo. Inicialmente, havia pontos de vista opostos. Perante a perspectiva da entrada no serviço de aviões gigantes — do tipo dos «Boeing 747» — certas companhias, particularmente americanas, queriam antecipar-se e diminuir sensivelmente os preços das viagens. Outras, mais atentas ao aumento de salários dos pilotos e do custo de exploração dos aviões, preferiam uma atitude mais prudente, não comprometendo, com batras, o preço dos bilhetes, o equilíbrio da prestação da companhia e parecem ter-se mantido a seguir os seus pontos de vista.

ASSISTENTES DA FACULDADE DE CIÊNCIAS

Na secretaria da Faculdade de Ciências de Lisboa receberam-se, até ao dia 20, declarações de candidaturas ao lugar de segundo-assistente, além do quadro, do grupo de Física. Os candidatos devem ser licenciados em Ciências Físico-Químicas ou possuir um curso superior que inclua as disciplinas daquele grupo.

Contas novas para gente nova
BANCO DO ALENTEJO

O POVO CHILENO PODERÁ SER CHAMADO A PRONUNCIAR-SE ACERCA DA REFORMA CONSTITUCIONAL

SANTIAGO DO CHILE (Fevereiro) — Durante uma alocução radiodifundida, o presidente Eduardo Frei deu a conhecer os pormenores do projecto de reforma constitucional anunciada há algum tempo. As alterações a uma Constituição que data de 1925 visam aumentar as atribuições do Poder Executivo. Com efeito, Eduardo Frei, pensa que os malogros do Governo em matéria económica são devidos às deficiências da actual Constituição, que favorece os conflitos entre os diferentes poderes e impõe prazos de entrada em aplicação que tornam ineficazes as iniciativas governamentais.

Para resolver os problemas que opõem o Executivo ao Legislativo, o presidente chileno propõe três medidas. Por um lado, tornar efectivo o uso do plebiscito já previsto na antiga Constituição. Este poderia, por exemplo, ser utilizado se o Congresso rejeitar o actual projecto de reforma. Por outro lado, criar um Tribunal Constitucional que seria encarregado de solucionar os diferendos entre o Governo e o Congresso quanto às respectivas atribuições. Por fim conceder o direito de dissolução do Parlamento, uma vez durante o seu mandato. Isto evitaria ao Poder Executivo ter de esperar por novas eleições, e continuar a governar face a uma oposição maioritária.

Para facilitar e acelerar a



EDUARDO FREI

promulgação das leis, Frei propõe que certas leis sejam aprovadas pelas diferentes comissões especializadas do Congresso, e não pelo

Congresso na totalidade. Em caso de urgência, as leis deveriam ser votadas ou rejeitadas pelo Parlamento no prazo máximo de um mês. Passado este tempo, seriam automaticamente aplicadas. Frei também previu no projecto «leis normativas» e «leis-programas», para permitir ao Poder Executivo tomar, em domínios bem especificados, disposições com força de lei.

As últimas medidas, consideradas pelo chefe do Estado como as mais importantes desta reforma, dariam ao Governo a iniciativa exclusiva das leis e das disposições relativas às despesas públicas, às previsões económicas e às remunerações do sector privado. Segundo Frei, «a política monetária, as despesas públicas são de tal modo determinantes que não podem ficar expostas a iniciativas contraditórias, que inspiram recelo e insegurança daqueles que trabalham».

As reacções ao discurso do chefe do Estado não foram até agora muito vivas. Os parlamentares dos partidos na oposição, sem criticar abertamente todas as re-

formas propostas, têm de preferência a tendência a tornar responsável a maioria pelo mau funcionamento do sistema actual. Só os grupos políticos de esquerda se manifestaram contra o espírito «antidemocrático» das reformas propostas. Acusam o chefe do Estado de querer impor ao país um regime «caesarista». Censuram-no igualmente por «colocar os seus malogros em matéria económica na conta do sistema constitucional, quando de facto é ele o seu principal responsável».

O projecto foi apresentado ao Congresso nacional. Será estudado pelo novo Parla-



mento dentro de meses, mas alguns observadores prevêem que esta reforma será rejeitada pelos parlamentares e que Eduardo Frei poderia então apelar para o povo a fim de este se pronunciar por meio de referendo.

A VACINA EXPLOSIVA

A gripe de Hong-Kong e a respectiva vacina vieram lançar a discórdia na habitualmente pacata população lisboeta. A a princípio risonha preocupação originada por mais esta insólita epidemia, de que os jornais se faziam eco com talvez excessiva largueza, vem sucedendo uma crescente e avassaladora obsessão, que é responsável por discussões violentíssimas e cortes de relações tónicas. As posições extremaram-se e já é difícil, neste mundo de relação que é o nosso, mantermo-nos afastados da lida — é-se por ou contra a vacina (quase poderíamos dizer por ou contra a própria gripe). E é-se isso com calor, com fúria.

Os argumentos chegam. A vacina?! Uma sandice — os hospitais estão (diz-se...) cheios de gente que se deu mal com as reacções por ela causadas, e, além do mais, que mal virá ao mundo em apressar-se uma gripezinha tão benigna? Tão inofensiva, como parece ser esta A2 Hong-Kong 68, nome completo a recobrir, afinal uma realidade comestível, banal... E ora, pois então! Não, a mim (a esses que discorrem assim) não me apressam eles! E para quem duvida, para quem estrebucha ainda nas garras da incerteza ou da in-

credulidade, para esses estão reservadas as razões definitivas e irresponsáveis: a eficácia de só 60% da vacina referida e o enorme lapso de tempo entre a sua inoculação e o começo da (limitada) acção preservativa.

Os outros (os por) pintam com negríssimas cores as características da epidemia hodierna, prevenindo terríveis (e irreversíveis) consequências para os temerosos que continuam a não se lhe querer submeter. Recordam a mortífera pneumónica de 1918, e os mais radicais folheiam, mesmo, os almanaques de história à procura dos relatos das pestes medievais, com que acenam aos adversários mais afoitos. Aumentam desmesuradamente os perigos que a não-vacinação acarreta, especialmente quando em presença de indivíduos ainda não imunizados — e fazem-no com um sadismo que espanta. Esmagam argumentos de ineficácia ou dor imputadas à vacina, chamando medrosos e plegas aos que especulam com aqueles. E os tentam, com fluência a sua saúde de ferro, mesmo em face dos «inimigos» que, mau grado não terem ainda recebido a picada, também estão sãos como puros...

Nos cafés, no «Metro», nas bi-

chas, no dentista, em casa da avó, não se fala doutra coisa, e sempre com acrimonia, tomando-se um partido vincado e intransigente. A mim já me perguntaram, como que num desafio, se eu era dos que aprovavam ou reprovavam — contestei, balbuciante, que, por acaso, tinha sido vacinado, mas não era de nenhuma facção. O meu interlocutor olhou-me com um desprezo que jamais esquecerei: mas nunca saberá se por ele ser dos que preferem morrer a vacinar-se ou por, pertencendo ao grupo dos que têm pena de não poderem ser vacinados mais do que uma vez, sentir asco por eu não compreender a sorte que tenho. No meio de alinhados, eu, indiferente, começo a achar-me estúpido, insignificante...

Pobre sociedade a nossa, que terça armas com tal vigor por uma epidemia que nem chega a se-lo, por uma vacina que talvez nem o seja! (como vêem já estou a tomar partido — era inevitável). Pobres de nós que não conseguimos abandonar as guerras de alecrim e manjerona, em que, periodicamente, nos debatemos com fúria. Com uma fúria deprimente e descon-soladora.

SEBASTIAO REGO

Nota
do dia

OLHAR LONGE E LARGO...

Bem gostaríamos que esta não fosse mais uma das centenas de cartas tidas por inúteis, incómodas ou impertinentes que asfixiam a actividade do Prof. Marcello Caetano se ele se deixasse atrair para o risco de as ler de ponta a ponta em cada um dos seus dias de trabalho. Aliás, já aqui, por mero palpite, tal situação foi entrevista e comentada. Há-de ser, realmente, todo o catálogo das pequenas inquietações particulares, muito mais do que das grandes inquietações gerais, pois que, dessas, se não somos nós que lhe falamos, é o primeiro-ministro que nos fala a nós.

Elas estão presentes, essas inquietações. Estão presentes mesmo quando não as referimos especialmente, pois estão na consciência de todos os responsáveis, entendendo-se como tais todos quantos, de algum modo, ocupam posições de influência; cumprimos o doloroso dever de não nos considerarmos a nós próprios alheados dessa parcela de responsabilidade, a que resulta deste trato diário de uma actualidade que é aquela que respiramos. Quem julga que se pode dar por não achado?

De qualquer modo, nós que todos os dias nos dirigimos ao público, também sentiremos o impacto da réplica, da queixa e da contestação. É o contacto directo com a massa popular que nos propõe as suas razões. Nem sempre será cómodo, algumas vezes virão perturbar uma linha de raciocínio que previamente se estabeleceu, mas nem por isso deixam de ir para a balança a pesar no prato das possibilidades: antes de deltar fora o joio é preciso escolher para o separar do trigo.

A verdade é que os problemas são muitos, são muitos e variados. Não se exagera dizendo que o País está cheio deles. A busca das soluções não é, não pode ser por capricho, há que pesar e medir, ver quanto é que custa hoje e quanto é que pode render amanhã, onde estão os meios disponíveis, onde estão os homens precisos e justos para a operação de mãos à obra. Escusamos de nos iludir, parecendo bem preferível identificar as realidades: o País é pobre, até de gente. Se não formos reciprocamente generosos e compreensivos ainda será pior.

Quais, então, os problemas? Deles fez o Prof. Marcello Caetano um sumário exemplificativo, de que por amostra se registam o serviço público, a coordenação administrativa, a independência da justiça, as casas (que não chegam) para todos, a juventude, o ultramar... «Estamos a presenciar uma espantosa transição histórica», claro que estamos. E é isso que faz a cor do tempo, é isso que dá dos problemas uma expressão que deixou de caber nos moldes que a nossa geração herdou e terá de relatar.

Parece complicado de mais, mas não podemos voltar as costas, nem aos problemas nem à muralha de dificuldades que não os deixa ver bem de frente e de que o Chefe do Governo fez o rol: o boato, a calúnia, a intriga, a deturpação, a impaciência, que fazem «perder tempo e gastar energias». Difícil? Com as coisas fáceis não vale a pena perder tempo, pois que se resolvem por si. Mas ao longo da História ficou o registo das fadigas e dos lamentos, como o do famoso vice-rei que se dizia de mal com os homens por amor de el-rei e de mal com el-rei por amor dos homens.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

¡PONHA BRAÇOS NO SEU CAMION!
O CARREGADOR HIAB ELEVA, TUDO; ATÉ OS SEUS LUCROS! DEFENDA-SE, COMPRANDO BRAÇOS A PREÇOS FIXOS!
ROLIM COMERCIAL, S. A. R. L.
R. Vitorino Damásio, 3 - Tel. 66 81 73 - Lisboa
R. Passos Manuel, 51 - Tel. 3 44 31 - Porto

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO 3 2 TELEF. 369364

Maior conforto no uso de
Dentes postíços

É a maneira agradável de evitar o desconforto de uma placa sobre DENTOFIX, um pó especial que se polvilha nas placas superiores e inferiores, fixa as mesmas firmemente de modo a dar maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. É alcalino (não ácido). Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Adquirir hoje mesmo Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS
Empréstimo em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.

SONIPAL
R. Vitorino Damásio, 3 - Tel. 66 81 73 - Lisboa
R. Passos Manuel, 51 - Tel. 3 44 31 - Porto

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café e Confeitaria Sabão Faria, 18-A.

QUANTAS BOLÍVIAS NUMA SÓ?

LA PAZ (BOLÍVIA) — A sensação de se estar numa cidade índia é a que La Paz transmite ao forasteiro mas, apesar disto, grande parte dos habitantes da sede do governo boliviano descende de velhas famílias espanholas.

Índios são metade da população boliviana e em La Paz essa deve ser a proporção, mas os outros cinquenta por cento descendem ou vieram da Europa — Polónia, Áustria, Alemanha e França. Todos estes vestem-se como os negociantes europeus e norte-americanos e as mulheres seguem de muito perto as modas de Paris, embora seja possível encontrar belas morenas com requintados vestidos europeus sob ricos e tradicionais ponchos bolivianos.

Em todas as cidades bolivianas podem encontrar-se brancos, evidentemente, mas La Paz é onde cidadãos não-índios formam uma concentração mais maciça. São as diferentes espécies de índios bolivianos que tornam este país tão diferente dentro de si próprio.

Não muito longe de La Paz fica o lago Titicaca, o mais alto lago navegável do Mundo (mais de quatro mil metros de altitude). Diz-se que estas eram as águas sagradas dos Incas. As suas ilhas habitadas, e os seus braços de um azul profundo constituem das mais belas paisagens da América do Sul.



na terra do condor e do crocodilo

Sómente um terço deste maravilhoso lago pertence à Bolívia, mas os bolivianos, sem mar e sofrendo uma nostalgia profunda por este, sentem-se muito orgulhosos deste tranquilo lago perto do céu.

Não só as ilhas, como os canais que derivam do Titicaca são habitados por índios aymaras. Este povo cobre toda a parte norte do altiplano, e grandes áreas da cidade de La Paz, principalmente os subúrbios, onde casas de adobe ou tapia se encostam pelas colinas.

Adobe é um tijolo secado ao sol, feito com palha, lama e estrume. Tapia é o mesmo que adobe, só que dão este nome a enormes tijolos amassados e secos em formas diferentes.

Os Aymaras, com cinco ou seis tapias constroem a parede de uma casa. Os telhados das habitações dos Aymaras podem ser de palha, ou de palha de água a que eles chamam totora, e que serve quer para alimentar gado ou para os próprios índios comerem, quer para construir as leve e infundáveis barcos em que os Aymaras cruzam o lago em todas as direcções.

Barcos de totora, ou balsas, levam os Aymaras a todas as partes do lago. Apesar de não serem tão duráveis como um bom barco de madeira, estas típicas embarcações, cujas réplicas minúsculas as orlaças nos oferecem no aeroporto de La Paz, aguentam perfeitamente o trabalho árduo do transporte e da pesca.

A maior parte dos índios aymaras dedica-se à cultura dos campos. Há séculos que os Aymaras têm o culto dos animais. No passado, lamas, alpacas (uma lama maior e de pele mais fina), porcos de Guiné e cães eram os únicos ani-

mas constantemente, e os desenhos que os ponchos apresentam são, de facto, irresistíveis.

As mulheres, gordas e baixas na generalidade, têm orgulho no número das suas saias de tecido, e num dia festivo pode encontrar-se raparigas ou matronas com mais de 50 saias, umas por cima das outras.

Os Aymaras constituem o maior grupo étnico que vive no «alto planalto» (altiplano). Mas eles não são únicos. Entre os grupos mais pequenos que habitam esta zona, estão os Urus e os Chiripaia. Os Urus são povo de água. Comem quase exclusivamente peixe e as suas casas são feitas de totora, a palha que usam nos seus barcos. É um pequeno povo em extinção. Debeis, os Urus vão morrendo aos poucos, e é de recear que dentro de alguns anos esta espécie se tenha extinguido.

Os Chiripaia vivem no Sul do território dos Aymaras. Embora se pareçam com estes últimos, em muitas coisas, eles têm diferenças profundas, no entanto. Falam a sua própria língua, que não é aymara. Em vez de casas rectangulares, eles têm, para viver, cabanas que se assemelham a colmeias. As mulheres usam o cabelo penteado em caprichosas espirais. Os Chiripaia não só não gostam dos Aymaras como os consideram inimigos.

O POVO DAS «YUNGAS»

O povo das yungas não apresenta diferenças fundamentais daquela que ocupa o altiplano, pois es-



Quechuas deixando o trabalho em Machacamarca, vendo-se as mulheres com os tradicionais chapéus de coco ou alho, como fornos de cachimbos.

menos índios puros e a ascendência europeia é mais nitida. Como resultado disto, o castelhano é mais falado do que qualquer outra língua. Sempre que falam um dialeto índio, este é aymara.

Um pequeno grupo de pessoas é característico das yungas: os negros, os poucos negros que são os descendentes dos escravos trazidos de África nos princípios da época colonial espanhola.

Durante séculos, estes negros sofreram com os

QUECHUAS — A FRANQUEZA E A ALEGRIA DAS GENTES DOS VALES

A maior diferença de raças pode ser observada e sentida nos vales, onde os índios locais pouco se assemelham aos Aymaras, nem na língua, pois além de serem muito mais francos e alegres falam quechua.

No entanto, como os Aymaras, a maior parte são agricultores e vivem em casas rectangulares, de bom e sólido adobe.

Poderá parecer brincadeira, mas a verdade é que a diferença destes povos reflectem-se nos chapéus que usam.

Enquanto os povos do altiplano e das yungas usam o gorro de lã com protecção para as orelhas, sob os sobrios chapéus de feltro preto, e as mulheres encaixam no cabelo lustroso os muito britânicos derby hats, o do vale cobre-se com esmaltados chapéus — as mulheres com enormes e brancos chapéus, semelhantes a fornos de cachimbos, e os homens com uns curiosos e estranhos chapéus-gorros, que não são mais do que uma réplica aos capacetes utilizados pelos conquistadores espanhóis.

As mulheres enchem os mercados e ocupam o seu tempo e dinheiro no negócio de espantosas peças de joalharia, onde o ouro e as pedras preciosas são aproveitados numa forma de grande expressão artística. As suas blusas largas e ricas, e as saias plissadas têm muito que nos faz lembrar o vestuário das mulheres espanholas de há 300 anos.

«ORIENTE» — UM OUTRO PAÍS

O oriente boliviano apresenta muitas razões para ser considerado um país estrangeiro dentro da própria Bolívia. O seu clima é diferente, a sua vegetação é diferente, e o seu povo muito diferente.

O povo do oriente boliviano chama-se camaba. Mas

dentro do próprio «oriente» há uma acentuada diferença — e separação — entre os brancos e os Camabas.

A mais velha e mais importante cidade do «oriente» é Santa Cruz, fundada em 1557.

Há 15 anos, Santa Cruz estava, praticamente, isolada do mundo, e para a atingir seria preciso muitos dias de cavalcada penosa e lenta. Foi em 1954 que uma estrada a ligou com Cochabamba. Até esta estrada estar construída, uma viagem entre estas duas cidades levava 10 a 12 dias, a cavalo. Hoje é possível percorrer a mesma distância em 12 horas, embora a estrada seja um mau caminho cheio de areia. Carros de bois são uma constante na paisagem.

Enquanto as mulheres de quase toda a Bolívia carregam coisas — incluindo os filhos — às costas, a mulher do «oriente» sabe usar a cabeça como suporte para grandes carregos, fazendo, por vezes, lembrar neste hábito e nas vestes escuras, as mulheres portuguesas.

O desenvolvimento de Santa Cruz está hoje intimamente ligado com a descoberta recente e a imediata exploração de petróleo, e, principalmente, de jazigos de gás. A Bolivian Gulf Oil Corporation é quem opera na região.

O oriente boliviano tem, no entanto, razões potenciais para acreditar num futuro desenvolvimento. O seu solo é fértil, a irrigação abundante e as chuvas periódicas. Grandes áreas à volta de Santa Cruz são hoje promissoras plantações de cana-de-açúcar, enquanto noutras zonas o algodão e o arroz se desenvolvem. Próximo de Trinidad, outra cidade importante, uma vasta planície é um excelente pasto para um número crescente de gado.

Nos últimos anos a Bolívia procurou pôr o «oriente» com povos de outras partes. Um grupo de



Índios fazendo tijolos de adobe num bairro indígena de La Paz

importância do gado, e muitos bovinos ocupam importantes áreas do altiplano. De resto, a carne que se come em La Paz pode competir, em qualidade, com a dos restaurantes de Buenos Aires e os de Montevideo.

Eles mantêm a tradição da lã de lama e de alpaca no vestuário, mas actualmente a lã de ovelha concorre já abertamente com a sua similar, que durante séculos, até hoje, agasalhou os homens das terras altas, sob os seus pespessos e macios gorros e ponchos.

As roupas aymaras tornam estes índios de pequena estatura um forte motivo para os olhos — o colorido de suas lãs, os chapéus de coco, debruçados e perfeitos, que as mulheres

nas terras áridas, mas de uma exuberante e selvagem vegetação e clima tórrido limita o norte do altiplano. No entanto, nas yungas, há

Aymaras o jugo do colonialista. Por isso, eles hoje ainda se vestem como aymaras e falam aymara para se expressar entre si.

ALGURES NO MUNDO

um repórter do «Diário de Lisboa»

Joaquim Lotria

(Continua na 2.ª página)

O TIVOLI

TEM A HONRA DE APRESENTAR, PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL, O PIANISTA MAIS GENIAL DESTE SÉCULO

O ARTISTA SOVIÉTICO

SVIATOSLAV RICHTER

2 ÚNICOS CONCERTOS

NO DIA 21 DE FEVEREIRO ÀS 18.30 H.

PROGRAMA ROMÂNTICO

ESTUDOS SINFONICOS Schumann
QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO Mussorgski

NO DIA 22 DE FEVEREIRO ÀS 21.45 H.

Concerto em colaboração com a Sociedade de Concertos
Folha de Álbum Schumann
8.ª Sonata Prokofiev

A BILHETEIRA ABRE QUINTA-FEIRA, DIA 13

Maiores de 6 anos

Representante em Portugal de

SVIATOSLAV RICHTER

SEQUEIRA COSTA

TEATRO VILLARET

BILHETES A VENDA



Depois de
VINÍCIUS • BADEN • MARCIA
A NOVISSIMA MUSICA DO BRASIL

EDU LOBO
OS Mutantes

e a cantora brasileira JOYCE

Últimos dias: Hoje e amanhã
ÀS 18.30 HORAS • MAIORES DE 17 ANOS

EDU LOBO E OS MUTANTES VOLTAM DO JAPÃO



NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

- O cineasta soviético Grigorij Kosintsev, que realizou recentemente um "Hamlet", vai começar a rodar um novo filme, também extraído de um drama de Shakespeare. Desta vez será "O Rei Lear".
- O realizador Robert Flaherty o filme "Viagem de Ida e Volta", produção italo-espanhola, onde intervêm os actores Edward G. Robinson, Maria Grazia Buscetta, Adolfo Celi, Manuel Zarzo, Ana Maria Custodio e Jose Beldu.
- Nos diversos estudos mudrilenos dobraram-se setenta e oito películas estrangeiras durante o ano de 1968. A maior percentagem correspondeu às películas norte-americanas, seguidas pelas inglesas e pelas francesas.
- Realizar-se-á de 25 de Junho a 6 de Julho o Festival Internacional Cinematográfico de Berlim-Oeste.



EM «TOURNÉE»
EXCEPCIONAL PELA R.T.P.

A CANTORA FRANCESA

JENNIFER

DO SHOW SACHA DISTEL

ANIMARÁ NO «HOTEL ALGARVE»

AS NOITES DE CARNAVAL

MUSICA DE DANÇA COM O

TRIO HÉLDER MARTINS

DA RADIO E TV PORTUGUESA

Telef. PORTIMÃO 1101 10

DESVAIRADAS! MALUCAS! ADORÁVEIS!

FRANÇA SPAIN

AS "GIRLS"

GENE KELLY • MITZI GAYNOR
KAY KENDALL • TAINA ELG

AMANHÃ DIVIRTA-SE COM ELAS
DURANTE O FABULOSO CARNAVAL DO MUNDIAL

Novo CASINO ESTORIL

apresenta



LIMA KIM

vedeta
Sul-Coreana
da
canção

RUDI HORN

ORIGINAL
EQUILIBRISTA
E MALABARISTA

MARIA VALEJO

DORISS GIRLS' SHOW

DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS

OS "SHEIKS" • JIRINA'S COMBO

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

NO CINEMA, ÀS 17 e 21.30 H. (M. 12 anos)
O BLOIO DA FREQUÊNCIA

COLISEU

HOJE, ÀS 21 e 30
(Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO DO CARNAVAL

As maiores atrações
PALHAÇOS

QUINTA-FEIRA

A tarde, entrada gratuita
às atrações dos 6 aos
10 anos

SABADO

INAUGURAÇÃO DO
CARNAVAL DO COLISEU

Bilhetes à venda

ABC

ELAS É QUE SABEM

Revista com Ivone Silva,
Nicolas Breyner, Henrique
Meyo, Delfino Cruz, Acúrcio
e José de Castro.

MARIA DA FÉ
TONI DE MATOS

HOJE, ÀS 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize as comboias elétricas

Teatro LAURA ALVES

2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 h. (Adultos)

NUMA COMÉDIA
DE PALPITANTE
INTERESSE!

VASCO MORGADO apresenta em PLENO ÊXITO

BRUNILDE JUDICE • RUI DE CARVALHO

Manuela Maria, Célia de Sousa, Fernanda Figueiredo,
Benjamin Falcão e o par revelação Guida Maria
e Vasco Morgado Junior

O JOVEM MENTIROSO

GRANDE CARNAVAL NAS BELAS-ARTES

NOITES DE 15, 16, 17 E 18

CARNAVAL DO RIO... CARNAVAL COMO LISBOA NUNCA VIU!

«BRASIL 69»

JORGE GOULART — NORA NEY
ROSINHA DE VALENÇA

E «OS MODERNOS DO SAMBA»

As revelações do Fado:
ZE FREIRE e JOSÉ PRACANA

2 Orquestras — Música Permanente — TIBURCIO e seu conjunto com Peiró, Taborda e Tito Godinho

O conjunto POP — Os FLIERS — Maiores de 15 anos
Marcações 530808 — BELAS-ARTES 41293

MATINEE INFANTIL — Domingo às 16 h — Maiores de 6 anos
PALHAÇOS — ATRAÇÕES — BRINDES

Organização:
Produções Radiofónicas de Armando Marques Ferreira e Carlos Nascimento, Lda.

Durante o Carnaval das Belas-Artes o REI DAS MEIAS tem uma surpresa para todas as Senhoras!

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

TÍTULO — «Uma mulher no cimento» (Lady in Cement) — 1964
REALIZADOR — Gordon Douglas
INTERPRETES — Frank Sinatra, Raquel Welch, Richard Conte

No ano passado, mais ou menos por esta altura, estreou-se também no Tivoli um filme intitulado *Tony Rome* inventado. Não sei se o leitor reparou que o incluímos entre as «revelações» de 67. Na altura, isso era quase um risco. Hoje, a série «Tony Rome», que já vai na terceira película, tem sido posta em relevo por quase toda a crítica internacional. Creio que é plenamente justa a valorização destes filmes menores, mas simpáticos, inteligentes e satisfatórios.

Regressa Tony Rome, do mar como sempre — ele vive num barco. E, se uma história policial se define pela ruptura de uma ordem e a restituição dessa ordem perturbada, nós poderemos notar que, para Tony Rome, a ordem é a ordem mínima, aquela que, admitindo um máximo possível de desordem, exige contudo que permaneça um certo tipo de re-

FILME QUE VALE UM OLHAR ATENTO

lações limpas e dignas e uma certa justiça que impeça a destruição dos indivíduos inocentes ou as falsas acusações.

A ordem absoluta é o tenente Santini (Richard Conte) quem a representa. Amigo de Rome, mas agente da polícia, ele tem muitas vezes de perseguir Rome pelos métodos pouco normais que este utiliza nos seus inquéritos. O tenente Santini é a ordem na sua perfeição — e Gordon Douglas, realizador, gosta de nos mostrar a casa dele, moderna e funcional, a mulher, elegante e distinta, e o filho, irreverente e bem educado, todos tomando as suas refeições ao ar livre e fazendo desporto. Contudo, o rapaz tem por Rome uma atracção particular, e a mulher de Santini também, a ordem vive fascinada pela desordem. O que sucede igualmente em nós — irresistível esta alusão de viver, este toque sensual e malicioso, esta forma ensonada e divertida de se atravessar o mundo. O mundo, isto é, Miami, com toda a longa enumeração de vícios, da prostituição aos emigrados cubanos e ao jogo clandestino em casas mortuárias, da homossexualidade ao alcoolismo (compensação oral).

explica Raquel Welch). Não interessa saber quem matou quem, nem interessa como, nem interessa porque. Há um nome e um facto. Espalhe-se um nome em redor, as pessoas retrocedem porque sabem, ou porque não sabem, mas têm sempre algo para ocultar. Há algumas mortes para se fazer cair. E, de repente, percebe-se o fio à medida, interessante apenas por conter o labirinto desta cidade e assimilar a geografia da sua perversão. Sequência após sequência, Gordon Douglas estabelece um inventário. É, tal como no filme anterior, há uma certa anáclase no que reveladamente, de forma significativa de tudo isto é o facto de a música não ser um comentário dos acontecimentos, um sublinhar dos momentos culminantes, mas um instrumento de ligação, que alinhava as cenas na rotina da sua existência. Importa aqui a corrupção, o seu delírio minado, e amor novo por fim — para o mar, como Tony Rome, para aí descobrir um lugar de harmonia no jogo mais ou menos ingenuo ou no amor à procura de inexistente, tocando pelo puro gosto de não procurar mais nada.

Definitivamente, este Tony Rome vale a pena formando um compendioso filme menor, repete-se para evitar as equívocas, há nele mais do que suficiente para justificar um olhar um pouco atento.

EM COMPLEMENTO: Uma curta-metragem, inútil e desatualizada, sobre a moda, onde se salienta, pelo imenso sucesso das suas histórias, o modelo Geneviève Gélès.

EDUARDO PRADO CORREIO

TRINDADE

— F N A T —
HOJE, às 21.45 (17 anos)
e T. N. P., pela Fundação do Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto
na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.

No Teatro S. Luiz duas peças de Sagan

Ah! Esta Françoise Sagan!

Al está uma pequena de sorte. Escreve uns livrinhos e eles vendem-se. Faz umas pecinhas e elas representam-se. Mais do que isso, são bem interpretadas. Mas que sorte danada!

Ontem, o São Luiz, de uma vez só, levou duas comédias de Sagan. Uma num acto: «L'Échard». Outra, em sete quadros: «Le Cheval Évanou». A primeira, para completar o tempo que falta à segunda. Esta, para dar a ideia que a outra não passa de um exercício que subiu ao palco como um aperitivo.

Mas a verdade é que a Sagan tem o seu público. Não é grande público, mas é-lhe fiel. E, ainda cá, vá que não vá, mas em Paris... Que pequena de sorte é esta Sagan! Dizemos isto porque o que ontem se viu no São Luiz foi mesmo criado em Paris. Não foi, feito para esta exportação. Veio de lá com o rótulo de frágil, mas o certo é que veio numa embalagem de luxo.

«L'Échard» ainda tem uma pequena história. Da mais tempo a ver do que a falar dela. É assim como um triângulo de lados iguais. Equilíbrio de princípio ao fim. Até que, de repente, acaba e pronto.

Mas «Le Cheval Évanou» é um pouco diferente. Não é melhor teatro, mas tem mais história. Todavia, pode dizer-se que, a despeito do galope final, é bem um trote à inglesa.

«Le Cheval Évanou» narra um acontecimento em que participam sete personagens e mais um criado escocês que até chega a tocar gaita-de-foles. A coisa passa-se num destes castelos em que a Sagan acredita que o público acredita. O barão deu um título à mulher rica e esta deu-lhe dois filhos. Uma delas que quer casar-se. Um seles que não sabe o que quer. Nada disto tinha grande importância se o apurado gosto de Sagan não descobrisse que, em França, os caçadores de dotes andam aos pares em Inglaterra e são amantes sem dinheiro, mas, no íntimo, tão ricos de amor que se lançam juntos numa dupla conquista. São amantes de dois canos.

Ah! Mas o amor para Sagan é um monstro bafante que ataca de frente e de lado. Pois é isto. O barão-pai percebe tudo e, mesmo assim, apaixonou-se de um amor sério (e digno até à renúncia) pela amante do futuro genro — a mesma que, no plano deste, era a gazuza da segunda metade do cofre inglês: competia-lhe atacar o filho do barão.

Al é que o galá afina. Com o filho, vá lá, mas com o pai, isso é que não. E, então, o crime redime o amor. Pois, pois.

O curioso é que, com esta história de pouco-mais-ou-menos, o encenador Jacques Charon faz um belo

espectáculo. Melhor dizendo: favoreceu duas notáveis interpretações — a do barão (Jacques François) e a da amante que se nega ao golpe (Claire Vernet). Qualquer dos papéis tem um cumprimento total, magnífico. Ele faz acreditar que tudo pode ser verdade. Ela convence que nada podia ter sido diferente. Pelo lado deste par excepcional é que se pode ver toda a sorte de Sagan. Ela, a Sagan, até pode escrever um «Cheval Évanou» que tem, em França, quem faça dele um espectáculo.

TAVARES DA SILVA

Atrás do Reposteiro

- Já está escolhida a peça de inauguração do novo Teatro Maria Matos.
- Vão principiar dentro de pouco tempo as obras de construção do Teatro Municipal do Porto.
- A companhia do actor Henrique Santana deve dar alguns espectáculos na provincia, depois do Entrudo.
- Está assente a digressão pela provincia da companhia do Teatro Maria Vitória.
- Devem prolongar-se até ao fim do mês, no Capitólio, as representações da peça «O Tango».
- Carmen Dolores, Alvaro Benamor e Augusto de Figueiredo vão interpretar a peça de Strindberg, «A dança da morte».

VASCO MORGADO APRESENTA

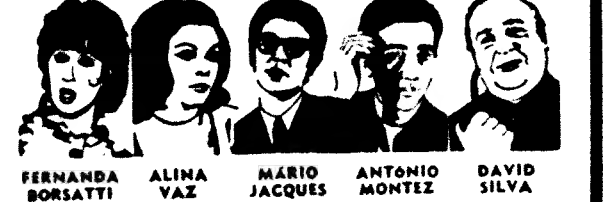
TEATRO VILLARET

EM 3.º MÊS UM GRANDE SUCESSO

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.

A PREGUIÇA com RAUL SOLNADO

o homem que tanto se espreguça que, deixou de trabalhar...



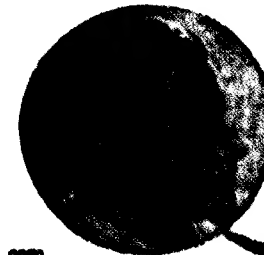
AMANHÃ, no ODEON: NOTÁVEL ESTREIA

MARAVILHOSA HISTÓRIA DE DOIS JOVENS DOMINADOS PELO DESEJO DE AMAR DEPRESSA

COM A FASCINANTE VEDETA **ROCIO DURCAL**

UMA COMÉDIA ESPECTACULAR NO MAIS DELICIOSO ESTILO DE FESTIVAL

NAS ASAS DO AMOR



com o NOVO ÍDOLO DA RADIO PALITO ORTEGA



Excl. IMPERIAL FILMES

MAIORES 12 ANOS
CANÇÕES
DANÇAS
HUMOR
TERNURA
RIQUEZA

EASTMANCOLOR

REALIZAÇÃO DE **LUIS CÉSAR AMADORI**

ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

TEMPORADA DE 1968/69

11.º CONCERTO

TIVOLI • Amanhã às 18.30 horas

Maestro: Gianfranco Rivelli
Solistas: Fernando Lalres (piano), Anna Lyxy (violino), Oscar Lyxy (viola)

PROGRAMA

Concerto n.º 58 em fá maior Tartini
Concerto em fá maior, K. 459 para piano e orquestra... Mozart
Malediction, p.º piano e orq. Liszt
Sinfonia Concertante K. 364 para violino, viola e orq... Mozart

Bilhetes à venda a 50% de desconto a estudantes (P.º maiores de 6 anos)

CAPITÓLIO

Tel. 32.00.79
As 21.45 h.
M/ 17 anos

TANGO

O mais extraordinário baile dos últimos tempos, pela COMPANHIA DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II
3.º mês de representações



NO TEATRO T 32.60.37 VARIEDADES (ADULTOS)

AMANHÃ — ESTREIA, ÀS 21.45 HORAS

VASCO MORGADO apresenta

EUNICE MUÑOZ e FERNANDO GUSMÃO

na obra de ARNOLD WESKER

AS QUATRO ESTAÇÕES

numa encenação de **PAULO RENATO**

MONUMENTAL

Hoje, não há espectáculo para descanso oficial da Companhia

AMANHÃ, EM 2 SESSÕES, 20.45 e 23 h.

(ADULTOS) A FARSA

«QUANDO ELA SE DESPIU...»

com CAMELO e FLORBELA

• RIR, FAZ BEM! VÁ AO

• MARIA VITÓRIA •

E RIA, RIA, RIA, COM A FAMOSA REVISTA

GRANDE POETA É O ZÉ!

(Prémio da Imprensa — 1968, como o melhor revista do ano)

• UM SUCESSO EXCEPCIONAL COM SALVADOR • **JOSÉ VIANA**

(Prémio da Imprensa-1968)

• **MARIANA**

MAX • ANITA • DORA • V. MENDES • MARIANO FRANCO

E A NOTÁVEL ATRACÇÃO

• **MAY AVRIL**

JOSE VIANA em Lisboa

Edu Lobo e Os Mutantes: duas caras do mesmo Brasil inventor de música nova

De um lado o violão de Edu Lobo, arma ligeira. De outro as guitarras eléctricas, a organeta, a bateria, a harmónica, duas flautas de bésel, guizos, pratos, castanholas, pandeireta, todo o armamento prático de «Os Mutantes». Foi ontem no Villaret, com presença do público falando brasileiro e improvisando ritmo nas poltronas. Edu ganhou.

Edu ganhou porque o seu Brasil é mais genuíno. Porque a sua música nos cerca por todos os lados. Porque a sua linguagem tem efectivamente que ver com os problemas, as esperanças, as decepções de 80 milhões de habitantes. Para uma noite de luta devia haver um vencedor. E foi Edu Lobo.

O espectáculo, que se repete hoje e amanhã, integra-se na série «Boa música do Brasil» iniciada há dois me-

ses com Vinícius, Baden e Márcia e boa música mesmo. Vamos esperar pelo Grande Prémio R. T. P. da Canção Portuguesa? No fundo, há uma comparação a fazer...

Até mesmo os sonoros «Mutantes» (Rita Arnaldo, Sérgio, Ronaldo) estão uns furos acima do nosso melhor. «Pertencemos», disseram, «a um grupo de música de vanguarda. Não tocamos bossa nova, procuramos antes a música electrónica». Preencheram toda a primeira parte do show com um à-vontade absolutamente invejável, e foram soberbos de inventiva (graciosa) em dois números, «Trem Fantasma», deles próprios, e «Bat-Macumba», do negro Gilberto Gil. Outros compositores apresentados: Caetano Veloso, Jorge Ben, Tom Zé, Rafael Villard.

Este é o Brasil crítico, experimental gritando talvez para se ouvir. O Brasil que pode meter no cadinho Greenwich Village, West Coast e Liverpool — e servir Brasil apesar de tudo, apesar até de letras como «ela é minha menina/ eu sou o menino dela/ ela é o meu amor/ eu sou o amorzinho dela».

Ah, mas depois veio Edu, o violão de Edu, a menina que estava ao lado de Edu (Joyce, ex-jornalista). Vieram as músicas de Edu e os versos de Ruy Guerra, Oduvaldo Vianna Filho, Vinícius, Torcato Neto, Gianfrancesco Guarnieri. Dos dois mil brasileiros que estudam em universidades portuguesas — ler telegrama da A. N. 1 de ontem — sentiram a presença de algumas das dezenas: um show dentro do show.

Se Edu quisesse, mas a gripe não deixou, teríamos violão e público até meio da noite.

Boa música do Brasil reduz-nos à triste condição do bombo e dos ferrinhos e duro de engolir, mas é verdade. As 444 poltronas do Villaret esperam ainda duas lotações completas, finto o que, como está escrito nos fados, teremos Tonis e Tonichas até enjorar.

F. A. P.

RECINTOS DE DIVERSÕES

- Regressa dentro de dias a Portugal a cantadeira Maria Teresa Quinta.
- Regressam na próxima segunda-feira a Lisboa os artistas Majda Sofia, Aristida da Silva e Tino Costa, após uma digressão pela América do Norte.
- O artista Conde de Aguiar deve deslocar-se dentro em breve à Argentina.
- Vai gravar um novo disco a artista Ana Hortense.
- A cantadeira Ada de Castro regressa dentro de dias de São Paulo.
- Já regressou à actividade artística a cantadeira Maria José da Guia.
- Continua a actuar todas as noites na Salsala o mago prof. Karma.
- São da autoria do conhecido compositor Arlindo de Carvalho algumas das produções que a artista Ana Hortense vai gravar num próximo disco.
- Continuam os convites aos artistas portugueses para se deslocarem à América do Norte.
- Encontra-se em Paris a artista Maria Abreantes.

«ELAS É QUE SABEM»

— a revista que promete uma carreira longa

Aplaudido pela crítica respeitável e pelo público que tem esgotado as lotações do ABC, agora um dos mais confortáveis teatros da cidade, «Elas é que sabem», o novo espectáculo de José Miguel, reveste-se de características novas e invulgares que trazem consigo uma total renovação do teatro de revista. Mantendo os tradicionais valores da revista «à portuguesa», agora mais pronunciados por um novo e fresco sentido de crítica, é um espectáculo de gargalhada, ritmo diferente e luz, servido pelo talento de Mário Alberto e pela música excepcional de João Nobre e João de Vasconcelos.

O texto, da famosa parceria Paulo da Fonseca, Cesar de Oliveira e Rogério Brochinha, é interpretado por Ivone Silva, no auge da sua brilhante carreira, Nicolau Breynner, Henriqueta Maya, José de Castro, que se estreia em revista, à frente de uma grande companhia valorizada pelas vozes de Tony de Matos e de Maria da Fé.

O corpo de baile, dirigido por Mestre Charles, é uma das grandes atracções deste sensacional espectáculo.

NOS PALCOS DO MUNDO

Em Nova York, mas fora da Broadway, continuam em cena as peças «Tango», do polaco Slawomir Mrozek, «Little Murders», de Jules Feiffer, e «To Be Young, Gifted And Black».

Estreou-se em Roma a comédia «Dois Mais Dois Não Fazem Quatro», de Lina Velmüller, dirigida por Franco Zeffirelli.

VIDA MUSICAL

O pianista Fernando Lares no próximo concerto da Orquestra de Camara Gulbenkian

O quarto concerto programado para a segunda série de manifestações musicais da temporada que a Orquestra de Camara Gulbenkian está a realizar no Tivoli está marcado para amanhã às 15 e 30.

Neste concerto, o pianista Fernando Lares interpretará o «Concerto» K. 459, em fá maior, para piano e orquestra, de Mozart, e «Malediction» de Liszt, reaparecendo ao público de Lisboa depois de longa permanência na América, onde exerce o professorado em vários Conservatórios de Música, além de desempenhar diversos cargos de artista residente, tendo sido nomeado, em 1968, presidente da North American Liszt Society.

No programa elaborado para esta manifestação musical da Orquestra de Camara Gulbenkian — que será regida pelo seu maestro titular Gianfranco Rivoli — além das obras já mencionadas, serão ainda interpretadas o «Concerto» N.º 58, em fá maior, de Tartini e a «Sinfonia Concertante», K. 364, para violino, viola e orquestra, de Mozart. Nesta última obra, a Orquestra de Camara Gulbenkian terá a colaboração solística de Ana Lysy, violinista e de Oscar Lysy, violoncelista, instrumentistas daquele núcleo orquestral próprio da Fundação Gulbenkian.

A venda de bilhetes para a segunda série de concertos da temporada da Orquestra de Camara Gulbenkian efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli.

A venda de bilhetes para a segunda série de concertos da presente temporada da Orquestra de Camara Gulbenkian, efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli.

Fernando Lares num concerto amanhã no Tivoli

No concerto que a Orquestra de Camara Gulbenkian

realiza amanhã, no Cinema Tivoli, às 15 e 30, reaparecerá ao público da capital, depois de longa ausência na América, o pianista Fernando Lares, artista de categoria internacional que, além da sua normal actividade de concertista, exerce o professorado em vários Conservatórios de Música, norte-americanos, desempenha diversos cargos docentes e de pianista residente em múltiplas entidades de carácter cultural e foi nomeado, em 1968, presidente da North American Liszt Society.

Fernando Lares neste concerto da Orquestra de Camara Gulbenkian, interpretará o «Concerto» K. 459, em fá maior, para piano e orquestra, de Mozart, e «Malediction», de Liszt.

No programa elaborado para esta manifestação, dirigida pelo seu maestro titular, Gianfranco Rivoli, estão incluídas, além das obras já mencionadas, o «Concerto» N.º 58, em fá maior, de Giuseppe Tartini e a «Sinfonia Concertante», K. 364, para violino, viola e orquestra, de Mozart. Nesta última obra, a Orquestra de Camara Gulbenkian terá a colaboração solística de Ana Lysy, violinista, e de Oscar Lysy, violoncelista, instrumentistas daquele núcleo orquestral próprio da Fundação Gulbenkian.

A venda de bilhetes para a segunda série de concertos da temporada da Orquestra de Camara Gulbenkian efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli.

Audições escolares no Conservatório

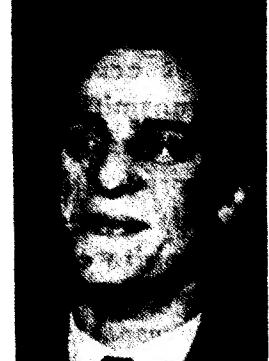
No intuito de facilitar às famílias dos estudantes e ao público em geral um meio seguro de aquirir o aproveitamento escolar e a orientação pedagógica dos alunos e professores, respectivamente, o Conservatório Nacional vai promover um ciclo anual de audições escolares.

A primeira destas audições está marcada para depois de amanhã, às 17 e 30, na sala de Concertos, com entrada pela Rua dos Caetanos 23. Colaboram alguns das classes de Piano, Arte de Dizer e Violoncelo.

ora diga-nos...

— É um homem feliz?

«A felicidade, amigo, é coisa grave: exige um coração de bronze» (Victor Hugo). Mas como se mede a felicidade do homem? Quantos leitores voltarão, enfastiados, esta página?



• Começamos por um sorriso. Há sorrisos que são desde logo a única resposta...

— É feliz?

— Em certa medida — acatela-se o jovem Luis Augusto da Silva Pereira, estudante do Instituto Comercial.

— Enfim, como o vemos tão sorridente...

— Eu explico: sou quase feliz. Seria completamente feliz quando tiver realizado as minhas aspirações.

«Acabar, o curso», ser um bom técnico de contabilidade numa casa próspera. Casar a mais dos 30. Ter três filhos.

• Manhã feliz de Inverno: ao primeiro sorriso veio juntar-se um segundo... Manuel Vazques Verdades, serraleiro mecânico, fez um gesto com a mão:

— Sou feliz, sim senhor. Sou feliz porque me dou bem com a minha mulher. E acho que na profissão me consideram... Vinte e tal anos de emprego, boas referências. Não já não tenho nada que aprender.



Agora é esperar pela velhice: juntar uma côrrea e ir para a minha casa do Sobral de Adiga.



• Um tranqüilo chapéu de chuva. Um passinho miúdo, de homem trabalhador. Apesar da reforma, o sr. Adelino Joaquim Coutinho, antigo pintor da C. P., ainda bate Lisboa. E quanto a felicidade...

— Sou feliz. Peste crever à vontade. Há quatro anos convertei-me à Igreja Evangélica e aceitei o Senhor como meu salvador. Antes disso não me sentia tão feliz. Foi assim uma coisa... Não sei explicar. A minha mulher falava-me muito da Igreja, fui lá uma vez e gostei. Sabe como é?

«A CONDESSA DE HONG-KONG» VAI SAIR DO «MUNDIAL»

Após sete semanas de verdadeiro e espectacular sucesso de exibição na tela do cinema Mundial, o famoso e discutido filme colorido de Charlie Chaplin, «A Condessa de Hong-Kong» anuncia agora os seus derradeiros dias no cartaz para dar lugar ao programa do Carnaval.

É, portanto, um êxito que sai em pleno êxito. Mas, os compromissos são para cumprir, o que torna impossível à empresa do Mundial prolongar o actual programa para além do dia 12.

«A Condessa de Hong-Kong», que Sophia Loren,

Marlon Brando, Tippy Hedren e Margaret Rutherford interpretam de maneira notável, é uma das mais apitantes comédias do ano e um dos mais sugestivos cartazes do momento, em Lisboa.

Filme de situações, de irresistível bom humor e crítica, com música indelével, encenado pelo maior génio do cinema, «A Condessa de Hong-Kong», que a Sonora Filme distribui em rigoroso exclusivo, resulta num delicioso pretexto para mais de duas horas de permanente alegria e constante surpresa.

Entre os elementos projectados na primeira parte, destaca-se um documentário colorido de António Lopes Ribeiro e Miguel Spiegel sobre uma viagem à Terra Santa. Nos intervalos das segundas «matineas» e das noites, o ambiente acolhedor da confortável sala da Rua Martim de Freitas é enriquecido com música directa transmitida do novo bar da plateia, e executada por José Araújo e Carlos Villaret, ao piano.

«A ÚLTIMA AMEAÇA» em sessão cultural no cinema Império

«A última ameaça», um argumento de grande interesse dramático, excepcionalmente interpretado por Humphrey Bogart (director do jornal «The Days»), por Ethel Barrymore (herdeira do fundador, e que, embora capitalista, luta ao lado do idealista Bogart), por Ed Begley e Warren Stevens, lembra este filme, produzido em 1952, o Frank Capra dos bons tempos, glorificação do heroísmo tipicamente americano, onde o jornalista e a imprensa honesta lutam contra a corrupção, os bandos armados de gangsters, o negócio e o tráfico de mercaderia suja.

Richard Brooks escreveu o argumento e realizou o filme com a sua mão experimentada, conseguindo tornar a sua acção dramaticamente apaixonante.

«A última ameaça» («denúncia U. S. A.») é o segundo programa do Ciclo sobre Humphrey Bogart, que o Império apresenta amanhã, às 18 e 30, na sua 618.ª sessão de cinema clássico.

GRUPO DE TEATRO «MIGUEL LEITÃO»

LEITUA, 11 — Em assembleia geral, reunida recentemente, foram eleitos os corpos gerentes do Grupo de Teatro «Miguel Leitão», desta cidade, que ficaram assim constituídos: direcção: Guilherme de Carvalho Negrão Valente, presidente; João Manuel Fidalgo de Gouveia, vice-presidente; Edgar Manuel Marques de Carvalho e Vital Lopes Couto, secretários; Valdemar José do Nascimento, tesoureiro; assembleia geral — Miguel Leitão Elias, presidente; Francisco dos Santos e Jorge Fonseca Pereira, secretários; conselho fiscal — dr. José Manuel de Meneses, secretário; Horácio Filipe da Silva, relator.

CARNAVAL NO CINE-TEATRO LIDO

CINEMA — VARIEDADES — BAILES — M/ 15 anos

MATINEES INFANTIS — M/ 6 anos

PEÇAM PROGRAMAS! COMPAREM OS PREÇOS!

O MÉTODO DO ENSINO CIENTÍFICO

CIÊNCIA

UM DOS OBJECTIVOS importantes do ensino científico — são numerosos os professores que o consideram o mais importante de todos — consiste em familiarizar os alunos com o método científico em si. Este objectivo é naturalmente mais uma questão de método do que de programa, e não poderá ser atingido por uma

simples acumulação de conhecimentos transmitidos oralmente nas aulas. Se um ensino científico não propender para cultivar a faculdade de raciocínio e para desenvolver o juízo e o espírito crítico não pode ser, quer se trate de um ensino geral ou de um ensino especializado, considerado como satisfatório.

O ensino científico deve seguir o método científico em si e recorrer à síntese, da observação, da interpretação, da dedução e do ensaio experimental. A ciência não pode existir sem o método científico. Esta afirmação é válida para todos os ciclos do ensino escolar: os primeiros passos do espírito do jovem aluno devem-se basear na observação, de modo que adquira os conhecimentos para uma aproximação directa da natureza, pois é evidente que uma determinada quantidade de noções

deve seguir o método científico em si e recorrer à síntese, da observação, da interpretação, da dedução e do ensaio experimental. A ciência não pode existir sem o método científico. Esta afirmação é válida para todos os ciclos do ensino escolar: os primeiros passos do espírito do jovem aluno devem-se basear na observação, de modo que adquira os conhecimentos para uma aproximação directa da natureza, pois é evidente que uma determinada quantidade de noções

IMPORTANCIA DOS TRABALHOS PRATICOS

Isto leva-me a dizer algo sobre a importância da demonstração e da experimentação. Chama-se demonstração à experiência que tem por objectivo demonstrar um fenómeno. As leis que regem esse fenómeno são já bem conhecidas, e a experiência serve para animar a percepção do aluno, que tira prazer do facto de se tratar de qualquer coisa nova para ele, e cuja memória guardará por mais tempo a lembrança do facto demonstrado que se este tivesse sido unicamente exposto oralmente.

Uma segunda forma de experiência que serve para decidir a escolha entre duas soluções propostas para um problema, uma exacta e outra falsa, pode ser considerada, em certa medida, como mais útil. Neste caso, é lá necessário e possível explorar os meios apropriados e discutir a solução provável, e os alunos podem tomar uma parte activa na discussão.

Uma terceira forma de experiência não vem no fim, mas no início de uma cadeia de ideias. Fornece novas informações e provoca outros progressos. A preparação da experiência, a observação, a constatação dos resultados de todas as maneiras possíveis, assim como a sua interpretação, fornecem numerosas ocasiões de familiarizar os alunos com os tipos de investigações científicas.

As investigações podem ser efectuadas pelo professor ou pelo aluno. É evidente que as que forem complicadas e perigosas serão executadas pelo professor, mas depois de Comenius, Salzmann e Pestalozzi, os educadores têm sido sem-

pre de opinião de fundamentar a educação na actividade dos alunos. Estão convencidos que os conhecimentos e as capacidades que aqueles adquirem por si próprios ficarão mais solidamente consolidados do que os que abstrahem assistindo passivamente às demonstrações.

Afigura-se também que a actividade em que o aluno toma parte e que lhe dá prazer se for adaptada às suas capacidades, é mais importante do que a simples aquisição de conhecimentos. A actividade pessoal é mais adequada para desenvolver a educação de um homem inteligente, sagaz, activo e independente, do que a melhor conferência demonstrativa ou mesmo a explicação de um problema no quadro negro. Os alunos energicos e de espírito aguçado devem sentir

uma comichão nas pontas dos dedos, quando condenados a unicamente observar a experiência efectuada pelo professor. A maior parte dos sistemas escolares prevê trabalhos práticos que fornecem aos alunos ocasiões de actividade pessoal deste tipo. Certamente, será sempre necessário que uma grande parte do ensino tenha lugar nas aulas, mas o carácter essencial dos trabalhos de laboratório afirma-se cada vez mais. É evidente que uma determinada quantidade de trabalhos práticos efectuados pelos alunos é um elemento indispensável para o ensino científico moderno.

Dr. Franz Mutscheller (director da Associação Alemã para o Desenvolvimento do Ensino da Matemática e da Ciência).

CIÊNCIA E PROGRESSO

OS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS constituem a base de todo o progresso nos domínios da técnica, da agricultura e da indústria. Uma população melhor educada e melhor instruída fornecerá uma mão-de-obra melhor preparada para o seu papel, melhores engenheiros e melhores trabalhadores científicos, e por seu intermédio poderá atingir uma produção mais eficiente. Além disso, uma população mais educada compreenderá certamente melhor a política do seu governo no domínio económico assim como as medidas que serão tomadas nesse campo. O melhoramento da economia exige uma melhor educação, pois em última análise, só por seu intermédio se poderá elevar os níveis de vida.

O melhoramento do ensino científico apresenta uma urgência particular, tendo em conta a necessidade de atrair para as ciências um maior número de alunos. Se as pessoas — penso em particular nos industriais — tomarem consciência que os cientistas são tão essenciais como os não-cientistas em todos os domínios da vida moderna, os humanistas ficarão limitados ao domínio que é o seu e deixarão de exercer nas esferas elevadas da educação, o papel dominante que actualmente lhes é facultado.

O desafio está lançado. Incumbe de o realçar a todos os que são responsáveis pelo ensino dispensado nas nossas escolas, a todos os membros do corpo docente reflectidos e conscientes das suas responsabilidades, a todos os administradores interessados, e, por fim, aos homens políticos que determinam a política económica e adoptam as leis que regem o ensino. A vontade de nova reforma poder-se-á medir pelo vigor e pela constância dos esforços que serão empreendidos, assim como pela importância dos sacrifícios financeiros autorizados.

A educação representa uma arma cuja importância e eficácia não são seguramente menores que a dos engenhos utilizados na defesa de um país. Merece, pois, que se lhe consagre verbas tão importantes como as que são afectas às empresas militares, pois é possível que não sejam as armas com maior alcance, mas as melhores escolas, que decidam, ao fim e ao cabo, a competição que se trava à escala mundial e na qual todos estamos comprometidos.

(de uma comunicação do Dr. F. Mutscheller numa sessão de estudos realizada pelo Bureau du Personnel Scientifique et Technique de l'OCDE, Istambul, Set. 1961)

A MORTE DE CRISTO

À LUZ DA MEDICINA MODERNA

UMA AGONIA BREVE

A agonia de Cristo foi, de facto, bastante breve em relação à de outros crucificados, nomeadamente à dos malfeitores suplicados ao mesmo tempo que ele. Abreviaram o suplício devido para os fazer morrer antes do princípio do Sabbath, pelas seis horas da tarde. Era esta a lei. Para acelerar o fim, os Romanos procediam muito simplesmente ao «crurifragium» (quebrar das pernas): por pancadas com tábuas ou barras de ferro partiam as pernas dos crucificados. Estes, não podendo apoiar-se, afixavam-se rapidamente. Admito-se que Cristo já tivesse morrido quando os legionários romanos vieram quebrar as pernas dos malfeitores. José d'Arimateia teria reclamado então o seu corpo a Pilatos que teria manifestado a sua surpresa perante uma morte tão rápida. É então que se dá o episódio do golpe de lança no flanco de Jesus Cristo.

Quando à água que sai do lado após este golpe, vários autores estão de acordo em ver nela líquido pericárdico. A duração relativamente breve desta agonia pode-se explicar, tendo-se em conta torturas sofridas por Cristo após a sua condenação.

A medicina dá portanto uma descrição bastante trágica e horrível desta morte. Compreendem-se os protestos de Cicero, cerca de um século antes, contra este suplício atroz. Compreendem-se ainda melhor quando se sabe que é a agonia de Jesus Cristo, após a morte de Herodes, fez crucificar 3000 judeus revoltados. É que Jesus da galileia devia a Tito, futuro imperador, quando do cerco de Jerusalém em 70, a sua vida cerca de 300 crucificações por dia. Antes precedem as «grandes civilizações».

HENRI DE SAINT-BLANQUAT («Sciences et Avenir», Janeiro 1968)

Cristo morreu anfiado. O seu sofrimento pode ser precisamente descrito e é digno de campo de concentração. Mas esta resposta não resolve todos os problemas.

Com efeito, os Evangelhos contam que Cristo, condenado ao meio-dia, segundo o testemunho do apóstolo João, vem a morrer só às três horas da tarde. Deve ter ficado crucificado uma ou duas horas antes de morrer. Ora os «dependurados» citados acima ficavam em perigo de morte após dez minutos de suplício.

Mas os crucificados não eram apenas suspensos pelas mãos. Também os seus pés eram pregados. Isto implica que os condenados podiam, apesar da dor, apoiar-se nos pés, erguendo-se e retomar assim a respiração. Os pés pregados permitiriam assim prolongar o suplício. Pedra mesmo prolonga-se por muito tempo: «Parece igualmente», escreve o padre Bréhant, que o sítio em que foram pregados os pés na parte vertical da cruz, terá comandado em grande medida a duração da agonia. Se os pés tivessem sido pregados muito em baixo, a morte devia surgir bastante rapidamente, dada a impossibilidade de retomar a respiração. Se tivessem sido muito em cima poder-se-ia determinar o suplício (certos crucificados ficavam quarenta e oito horas na cruz antes de expirar), e que levaria a deixar um guarda ao pé da cruz e cansava os espectadores.

A colocação dos pregos tem por isso grande importância. Na maior parte dos quadros representando a crucificação, o Cristo é figurado com os pregos nas palmas das mãos. Existe ali uma impossibilidade: o peso do corpo puzendo as mãos teria levado a que estas se rasgarem. Experiências efectuadas com cadáveres mostraram-no. Para que a mão possa suportar o peso do corpo a única solução é cravar os pregos entre os ossos do corpo.

HOJE PARECE-NOS ESTRANHO que antes do século XX nunca ninguém se tenha interrogado sobre como exactamente morreu Jesus Cristo.

De que morrerem os crucificados? Os pregos cravados nos pés e nas mãos não bastariam para provocar uma morte rápida, salvo excepções. Ora tratava-se de um suplício corrente no império romano e que provocava a morte de maneira tão infalível como a guilhotina. Era, aliás, o suplício legal, a guilhotina desse tempo. A morte de Cristo, como a de todos os crucificados, não teve de facto qualquer explicação médica antes do século XX. Apenas, de há uma trinta anos para cá, médicos e cirurgiões se debruçaram sobre este problema. Entre eles, cite-se principalmente o dr. Barbel.

A primeira indicação data da guerra de 1914-1918. Proveniente de um médico checo, o dr. Hynek, que descreveu uma punição infligida no Exército austro-alemão. Nesta punição, chamada «aufbinden», suspendia-se pelas mãos o condenado à força. Os pés deviam apenas roçar o solo. Os braços esticados suportavam portanto todo o peso do corpo. A punição não durava muito tempo: dez minutos no máximo, após o que o homem era retirado da força. Com efeito, surgiam então contrações violentas de todos os músculos. Ao fim de algum tempo, estas contrações atingiam um estado permanente de rigidez que impedia a caixa torácica de expandir e ar que enchia os pulmões, provocando a asfixia e a morte.

O segundo testemunho data da guerra de 1939-1945. (Foram portanto precisas duas guerras mundiais para compreender medicamente os sofrimentos de Cristo.) Esse testemunho foi fornecido pelos antigos deportados do campo de Dachau. Tratava-se do mesmo suplício, com a diferença que o condenado não era retirado. A asfixia e a asfixia apareciam da mesma maneira. O condenado contraía desesperadamente os braços para retomar fôlego. Mas esgotava-se, as forças abandonavam-no. Finalmente, deixava-se asfixiar. Se era muito vigoroso e prolongava demasiado o suplício, prendiam-lhe pesos aos pés.

Sabemos agora de que morreu Jesus

QUANTAS BOLÍVIAS NUMA SÓ?

(Continuação da 4.ª página)

emigrantes de Okinawa, a ilha do Pacífico, tem hoje ali uma próspera comunidade e são os principais produtores de arroz — quase todo o arroz que os bolivianos comem actualmente são dos campos destes japoneses diligentes.

Mas, se há muitas razões para alimentar esperanças, não há menos para dizer que esta é uma das zonas com mais problemas no país, no qual corresponde a dois terços do território.

Só Santa Cruz tem comunicações com o mundo exterior. A restante superfície permanece isolada.

Os habitantes das terras altas não se atrevem a descer até ao «orientes», onde os insectos implacáveis e o calor sufocante os assusta e repele.

A chuva, no «orientes», embora abundante, cai só numa parte do ano. Perto de Trinidad a água torna-se preciosa na estação da seca. Os ricos constroem cisternas e conseguem abastecer-se o suficiente, na estação das chuvas.

Mas o pobre vê-se obrigado a comprar a água a vendedores ambulantes, que a trazem, em barris, de muitos quilómetros de distância.

Com todos estes problemas, o povo do Oriente pensa — e acredita firmemente — que o seu é também o destino da Bolívia.

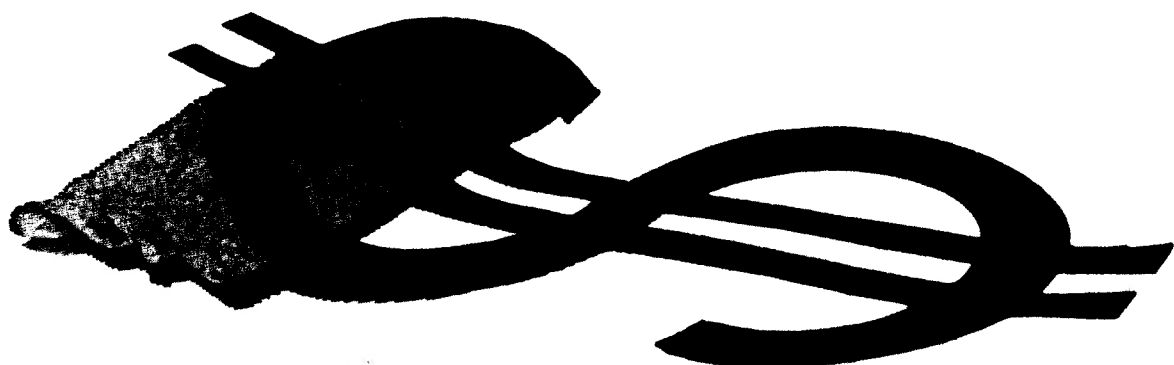
(Em muitas partes do «orientes» há índios do mais primitivo. Muitos destes grupos são alvos de estudo de antropologistas, como os Siriono, que vivem ao norte de Santa Cruz. Alguns adaptam-se a

uma nova vida — vestem camisa e calça e fazem o possível por tratar a terra. Muitos continuam selvagens, na floresta impenetrável.)

Dois terços da Bolívia oferecem este panorama. Eles são o «orientes». Mas os Bolivianos acreditam que eles vão-se encher de gente trabalhadora, e em pouco tempo o «orientes» alimentará o país.

«Santa Cruz depressa se tornará a maior cidade do país» — dizem eles — «em breve será uma metrópole no coração da América do Sul».

ACORDE-O!



O dinheiro quando está parado não rende.
Multiplique o seu dinheiro e faça-o trabalhar para si com o nosso auxílio.

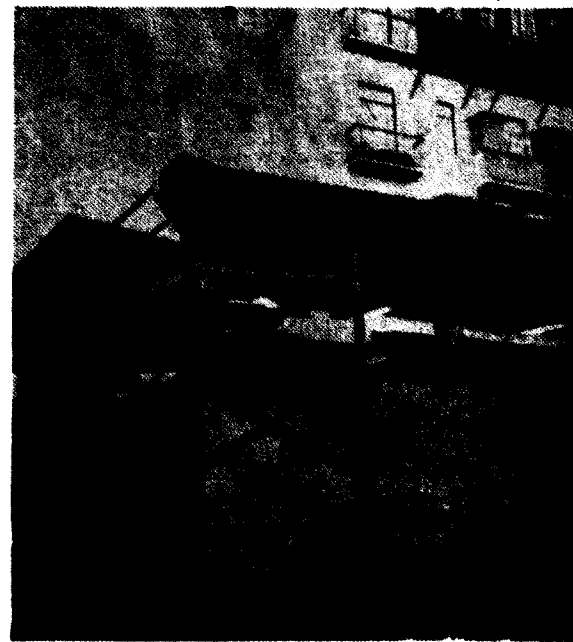


BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta.

Manhã na praça

ANDAIME NO MERCADO DO BAIRRO ALTO

Frio, vento e chuva. Com esta perspectiva, a intenção primeira da dona de casa é deslocar-se o menos possível. Toca então de telefonar para o lugar da esquina — porque há-de ser a esquina? Isso é privilégio da tabacaria e tem a chancela de Fernando Pessoa —, então, melhor, para o lugar mais próximo



O mercado do Bairro Alto está em obras. Em perspectiva: menos frio para as vendedeiras e donas de casa que nele se abastecem

e fazer a encomenda da hortaliça para o dia. O mesmo em relação ao talho e padaria. Gasta-se 2-10 em telefonemas, mas poupa-se na farmácia. Porque isto de pés molhados é resfriado pela certa.

Também ficamos em casa, mais propriamente, no bairro. Há muito que não vamos aqui, ao mercado do Bairro Alto; achamo-lo aliciente no aspecto humano, mas mal fornecido e ainda ninguém serviu à mesa a simpatia das vendedeiras ou aquilo que não comprou.

Com um tempo destes tem de se apelar para a compreensão dos maridos. «Não há nada, os pescadores não vão ao mar, além disso estamos na época do defeso e a hortaliça, tão cara...». E temos de contar que, se é última hora chover muito, o marido é muito capaz de almoçar num dos restaurantes da Baixa.

Por tudo isto, ficamos pelo Bairro Alto e quando chegamos ao mercado tivemos uma surpresa bastante grata: andaimos à volta do recinto referiam obras.

— Parece que sempre vão tapar o mercado! — disse uma das vendedeiras, ainda um tanto incrédula com a sorte grande que para ela representava um pouco de frio a menos.

E se estava frio! O mercadinho parece bom canalizador da corrente de ar. Que o digam o nosso rosto, os pés e as mãos. Por causa dos pés subitamente frios, olhámos os das vendedeiras e deparámos com umas chancas de madeira e couro como há muito, mesmo muito tempo, não víamos.

— Comprei-as por causa do frio, mas não aquecem nada. Só não deixam entrar a água!

Quanto à qualidade e fartura dos produtos, basta referir o tempo, este tempo que convida as donas de casa a ficarem em casa, encarecem e diminuem a sua quantidade!

PREÇOS DOS PRODUTOS

Havia muitas bancas vazias.

— Ficaram em casa. Não há nada e está muito frio.

Erão poucas as donas de casa presentes.

— Cada vez se vende menos!

Para fugir ao frio — tínhamos esse privilégio, não estávamos ali a vender nada —, passámos as bancas a correr. Para a próxima vez, esperamos, já haverá resguardos dos lados no Mercado do Bairro Alto.

Na passagem pelas bancas vimos que a lombarda estava a 2\$50; a couve portuguesa também a 2\$50 e a cabeça de nabo a \$50 e 1\$00; os molhos dos grelos vendiam-se a 8\$00 e das nabijas a 10\$00. Claro que estes podiam dividir-se por muitos molhinhos pequenos a 1\$00 e 1\$50. O quilo das azeitonas estava marcado a 10\$00; e das cenouras, a 5\$00.

PEIXE

Vimos o quilo da marmita negra a 8\$00 e 11\$00; dos rabos de pescada, a 12\$80; do gorão, a 15\$00, 15\$50 e 16\$80; da pescada branca, a 25\$50 e 30\$00; do carapau, a 8\$50 e 9\$00; do peixe-espada, a 15\$00 e 15\$50; da pescada congelada, a 17\$00; da xaputa, a 10\$40; e do berbigão, a 5\$00.

FRUTA

O quilo das laranjas vendia-se a 3\$00 e 6\$00; da melancia, a 11\$70; da pera, a 11\$70; da banana, a 13\$00; e dos peros «starters», a 11\$70.

CRIAÇÃO

Quanto à criação, só viva, estava o quilo do coelho a 23\$00; do frango, a 20\$50; e da galinha, a 21\$00. A dúzia dos ovos apresentava a tabela de 15\$80.

DONA DE CASA



Eis por que a Companhia de Seguros Império é hoje uma Companhia de Marketing

Há 10 anos, havia quem acreditasse que não era possível inovar em matéria de seguros. Foi então que começámos. E de ano para ano a IMPÉRIO tem sempre apresentado qualquer coisa mais no sentido das necessidades do cliente.

Não era possível, por exemplo, sem encargos suplementares, cobrar os prémios mensalmente. Resolvemos então lançar o SEGURO POPULAR DE VIDA, com prémios mensais e...

taxas mais baixas! Mereceu a pena. Chegámos depressa à conclusão de que muito se pode melhorar, com espírito prático e eficiente.

O SEGURO DO RENDIMENTO FAMILIAR, por exemplo, permite-lhe actualizar a cobertura, se o ordenado ou o número de filhos aumentarem.

Se a casa ou alguns dos seus móveis arderem, o SEGURO

DO LAR, outro exemplo, garante-lhe o valor de substituição (e não apenas o valor de usado, como antigamente).

Não são apenas seguros que vendemos aos nossos segurados. É segurança! E para a segurança dos clientes tudo conta: a largueza das nossas coberturas, o espírito prático e actual dos nossos seguros, a consideração pessoal e a simpatia dos nossos agentes e técnicos, a própria forma como liquidamos os sinistros. Por isso somos uma Companhia de Marketing.

**As empresas que se projectam para o futuro
inspiram-se hoje numa filosofia de mercado
(marketing) em que as necessidades do cliente
orientam toda a sua acção.**

A IMPÉRIO é uma dessas empresas.

IAO SEU SERVIÇO



IMPERIO
a sua seguradora

SEM DIRECÇÃO O CLUBE ATLÉTICO DE QUELUS

Sob a presidência do sr. José Lourenço e com a presença de membros da direcção e numerosos associados, efectuou-se no salão do Clube Atlético de Queluz, a assembleia-geral ordinária a fim de apreciar, discutir e votar o Relatório e Contas e Parecer do Conselho Fiscal referentes ao exercício de 1968, e eleger os novos corpos gerentes e delegados à Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio.

Momentos antes do começo dos trabalhos foi guardado um minuto de silêncio em memória de Agripino de Oliveira, sócio e grande amigo do clube.

Verificou-se não haver listas, pelo que foram escolhidos na altura sete dos presentes os quais foram incumbidos de, oportunamente, elaborar uma lista directiva que será apresentada no próximo dia 26, às 21 e 30, no mesmo local à mesma associativa.

CASA DA COMARCA DE ARGANIL

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Casa da Comarca de Arganil. Presidem à assembleia-geral, a direcção e aos conselhos fiscal e regional, respectivamente os srs. Eduardo Fernandes de Matos, Alvaro Fernando Ferreira Pinto, António Lopes Machado e o presidente da direcção.

JORNALISTAS INGLESES VIRAM CHOVER EM PORTUGAL

Um grupo de jornalistas britânicos, especialistas em Turismo, deixou hoje Lisboa depois de ter passado quatro dias em Portugal.

O grupo veio fazer a cobertura da inauguração da

III Semana de Engenharia Mecânica

No Instituto Superior Técnico, continuou, hoje, a III Semana de Engenharia Mecânica que é organizada pelos finalistas do respectivo curso e tem por objectivo desenvolver e melhorar a colaboração entre a escola e a indústria.

No âmbito do programa estabelecido, realizou-se, esta manhã, uma sessão de filmes sobre «Permutadores de calor e reparação de blocos de motores a fríos». À tarde, realizou-se um colóquio sobre «Os aparelhos de elevação e a sua construção», de que foi animador o sr. eng.º António Catita e moderador o sr. prof. Oliveira Faria.

CINECLUBE UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Na continuação das suas actividades, o Cineclube Universitário de Lisboa exhibe, depois de amanhã, no cinema Imperial e, no sábado no Jardim Cinema, às 18 e 20, o filme «As Badaladas da meia-noite», de Orson Welles.

Este filme está integrado no ciclo «A linguagem cinematográfica», dedicado ao estudo da montagem e narrativa.

A Frente Nacional de Libertação exige a retirada incondicional dos norte-americanos

HONG-KONG, 11 — (F.P.) — «A Frente Nacional de Libertação não cederá na sua exigência de uma retirada incondicional das tropas dos Estados Unidos e dos seus aliados, retirada que constitui o único caminho para a solução do problema vietnamita», declarou ontem a agência da F. N. L. do Vietnam do Sul.

«Se os Estados Unidos se recusarem a agir deste modo, o povo do Vietnam do Sul continuará a combater até que os agressores americanos sejam vencidos e que o último G. I. tenha saído do Vietnam do Sul», afirmou ainda a agência, que denunciou o mito alimentado pelo Governo de Saigão de que o Sul é vítima de uma agressão por parte do Vietnam do Norte e repetiu que «os Estados Unidos constituem a única presença de forças estrangeiras no Vietnam».

Contudo a agência não desmentiu categoricamente a presença de tropas norte-vietnamitas, limitou-se a frisar que não arquitectam em a história absurda de uma agressão do Norte contra o Sul da mesma pátria e calculando a F. N. L., os fantoches de Saigão tentam impingir gato por lebre, ou seja, que os agressores americanos seriam os combatentes da liberdade e os fantoches de Saigão os patriotas, enquanto

que o povo do Vietnam do Sul, que resiste, seria o agressor.

A agência salientou que a guerra de resistência contra os Estados Unidos e o Governo de Saigão é conduzida pela F. N. L. e desmentiu que esta seja um movimento comunista.

A declaração rejeita por outro lado, a proposta feita pelos delegados sul-vietnamitas e americanos, na conferência de Paris para a discussão da restauração da zona desmilitarizada e alega que foram os americanos que violaram essa zona com os seus actos de guerra.

Vão ser publicadas as «Obras Completas» de António Sérgio

A obra de António Sérgio constitui um dos monumentos portugueses do nosso tempo. Ele influenciou as gerações que se lhe seguiram de maneira bem acentuada e funda. Os seus livros, desde os oitenta volumes de «Ensaços» até os artigos e opúsculos, os textos literários são uma fonte intelectual das mais fecundas do século XX em Portugal.

Dai a necessidade de reunir essa obra dispersa em livros e folhetos esgotados alguns bem raros em artigos de revistas e jornais.

A notícia que damos hoje aos nossos leitores é exactamente essa de que as «Obras Completas» de António Sérgio vão ser publicadas dentro em breve. Vai editá-las a Livraria Sá da Costa que já foi editora de António Sérgio em período grande da sua vida.

Está a ser elaborado o plano dessa edição que consti-

tuirá de facto o maior monumento que se pode erguer à memória de António Sérgio que há dias fechou para sempre os olhos; mas nem por isso a sua obra deixará de influenciar as gerações que se seguem, como influenciaram as gentes do seu tempo.

CORO GULBENKIAN

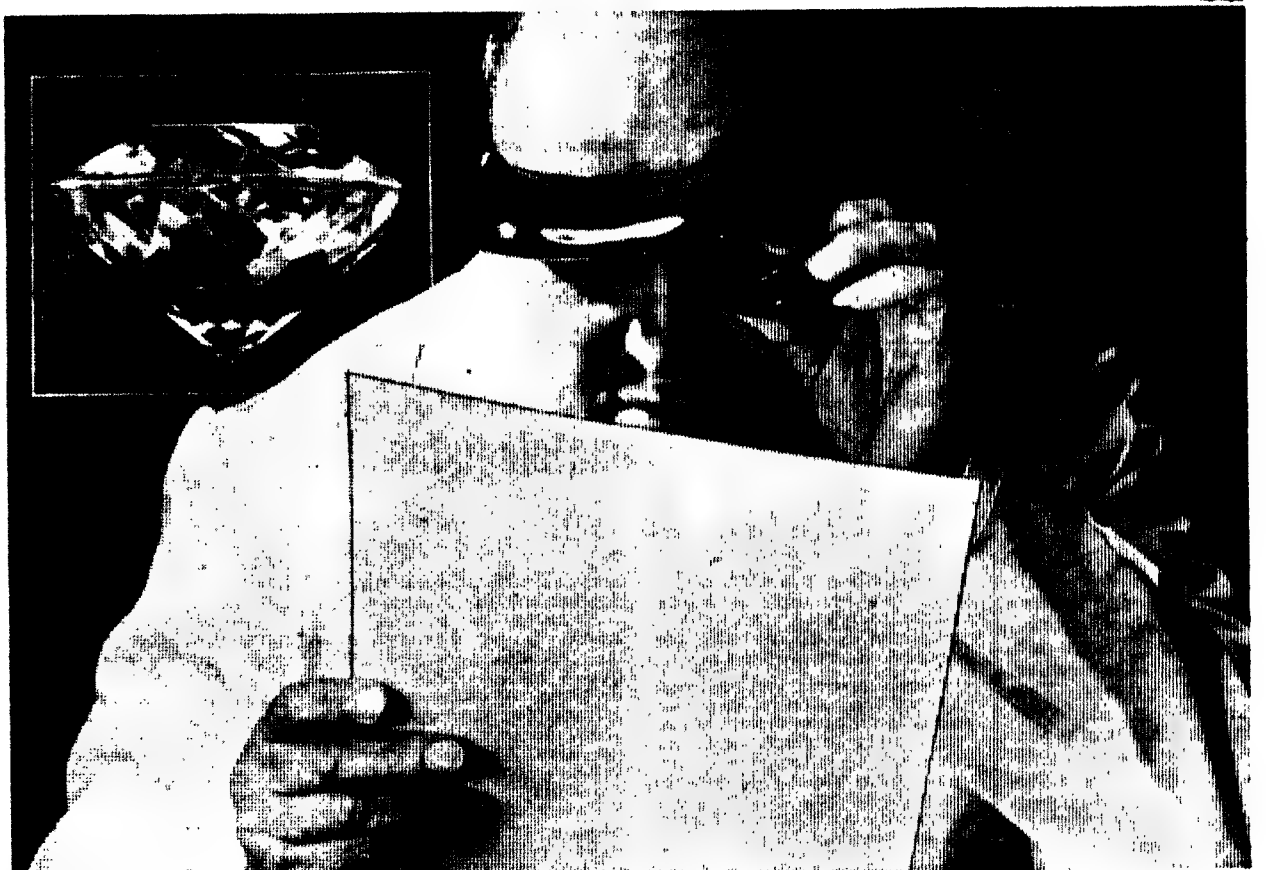
A Fundação Gulbenkian deliberou prorrogar até quinta-feira o prazo de inscrição para o concurso de admissão de novos membros no nome de bairros da Secção B do Coro Gulbenkian.

Todos os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Música (Avenida de Berna, 45-A) a fim de preencherem um roletum e entregarem duas fotografias tipo passe. Só será aceite a inscrição de indivíduos com a idade máxima de 40 anos, inclusive.

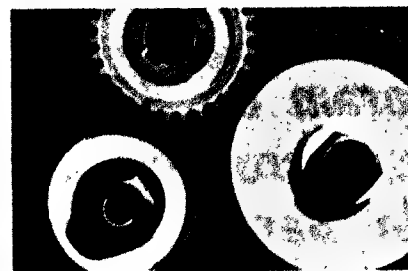
Novo professor do Instituto Superior de Agronomia

Foi, apreciado por unanimidade no concurso para professor extraordinário do 8.º grupo de disciplinas do Instituto Superior de Agronomia, o sr. eng.º agrónomo Manuel José Dias Soares Costa que hoje se submeteu à última prova — defesa de uma dissertação sobre «Determinação da utilização digestiva dos alimentos — uma nova técnica para os estudos com suínos», de que foi arguente o sr. prof. eng.º Joaquim Pais de Azevedo.

O sr. prof. eng.º agr.º Manuel José Dias Soares Costa foi assistente no Instituto Superior de Agronomia, tendo ido, depois, para o Laboratório de Nutrição Animal, da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas.



Qualquer copiator, duplicador RX...



...movimenta automaticamente uma assistência completa...



...e não imobiliza o seu capital!

O «Angra do Heroísmo» regressa por avaria

O paquete «Angra do Heroísmo», que largara de Lisboa, no domingo, com 103 passageiros a bordo, rumo à Madeira e Açores, sofreu uma avaria a 150 milhas da costa portuguesa, pelo que deve regressar hoje ao Tejo, a fim de ser reparado.

O navio atracará à Rocha do Conde de Óbidos ao fim da tarde e os passageiros farão imediatamente o transbordo para o paquete «Funchal», que largará logo que o embarque esteja completo.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utiliza os comboios eléctricos.

V. sabe quanto vale uma cópia Rank Xerox?

Quando V. manda produzir uma cópia de um documento no seu escritório, já pensou realmente em quanto lhe fica essa cópia? Bem. Pomos de parte a questão, no caso de V. já ser um cliente Rank Xerox. Parece um paradoxo, mas o valor de uma cópia RX é muito superior ao seu custo. Vale uma assistência completa e gratuita ao equipamento. Vale também um apoio técnico que envolve racionalização e redução de burocracia no fluxo documental da empresa. Isto é um pormenor do tipo de ser-

viço, real e positivo, oferecido pela Rank Xerox. No panorama da cópia e duplicação, a Xerox também representa tempo: o que se poupa com a operação num copiator/duplicador RX. Representa um bom rendimento de capital que V. teria de investir na aquisição de um copiator vulgar — porque um copiator/duplicador RX não se vende. Aluga-se. E isto evita que V. imobilize capital sem qualquer rendimento. Nem se sujeita a depreciações.

Portanto, faça os seus cálculos e estabeleça a diferença entre quanto vale uma Xerox e o custo de uma cópia vulgar.

Telefone para:
53 99 51 (Lisboa) — 6 70 58 (Porto) e
2 70 48 (Coimbra)
Sede: Av. António
Augusto de Aguiar,
106 Lisboa



*Rank Xerox é uma marca registada da Rank Xerox Limited

Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox

Actualidade internacional

TAL NÃO SE VIA DESDE 1965

A maior cidade dos E. U. A. imobilizada pela neve

NOVA YORK 11 — (F. P.) — Nova York paralisada — tal não se via desde a grande falta de corrente eléctrica de Novembro de 1965. Mas desta feita não foi a electricidade a culpada. Um violento nevoeiro, que durou perto de vinte e quatro horas sem interrupção, imobilizou a maior cidade dos Estados Unidos. O génio da organização norte-americana falhou desta vez. Os serviços de desobstrução revelaram-se impotentes para remover os milhares de toneladas que representam 30 a 35 cm de neve sobre toda a superfície de uma cidade tão grande. A surpresa foi ainda maior porque os serviços meteorológicos, embora informados por satélites especiais, só tinham previsto pequenos nevoes. Na realidade, a neve começou a cair no domingo ao amanhecer e só parou à meia-noite do dia seguinte.

A tempestade bloqueou em casa os condutores dos veículos de desobstrução e na segunda-feira à tarde, carros eram os carros e os autocarros que conseguiram circular no centro da cidade. Quanto ao trânsito nos arrabaldes nem é bom falar nisso. A raridade dos autocarros a interrupção total dos comboios suburbanos e os atrasos enormes no metropolitano imobilizaram a maior parte dos novos orçamentos de se apresentarem no seu trabalho. Desde domingo que as estações de Rádio lançavam o alarme: comunicados e boletins especiais sucediam-se nas ondas criando uma atmosfera de crise. Dizia-se que se tratava de uma cidade atingida por uma calamidade desconhecida. A maioria das grandes empresas não abriu as suas portas na segunda-feira por falta de empregados. A bolsa de Nova York e as escolas tiveram que fazer o mesmo. Mais de mil automóveis ficaram que se abandonados no norte de Manhattan. São milhares os que ficaram ao longo das auto-estradas que conduzem aos aeroportos ou aos arrabaldes distantes. Domingo à noite os hotéis foram tomados de assalto pelos habitantes dos arredores surpreendidos em Nova York e que não podiam regressar a casa. Muitas pessoas que trabalhavam no domingo tiveram que dormir nos seus escritórios. Inversamente as pessoas que foram passar o fim-de-semana fora viram-se impedidas de voltar a casa.

Todavia foi nos aeroportos que a situação se apresentou mais catastrófica. No domingo à noite, só no aeroporto internacional Kennedy, umas sessenta mil pessoas viram-se obrigadas a passar a noite no campamento.

provas. Todos os voos foram anulados e as pessoas tiveram que dormir nas poltronas no chão ou dentro dos aviões. Segunda-feira de manhã a National Airlines pediu que um helicóptero abastecesse a sua escala no aeroporto Kennedy: já não havia nada que comer nem que beber a bordo para entreter a impaciência dos passageiros.

MAIS DE CEM MORTOS

NOVA YORK 11 — (R.) — A polícia anunciou que morreram hoje mais de 17 pessoas na cidade de Nova York em consequência da maior tempestade de neve de que há memória nos últimos dez anos.

Não foi feita ainda uma contagem rigorosa do número de mortos causados pelas tempestades de neve, embora se julgue que possa exceder a centena nos Estados do Nordeste.

O senador John Lindsay decretou o estado de emergência por causa da neve na cidade de Nova York.

A SITUAÇÃO EM ESPANHA

MADRID, 11 — (F. P.) — A situação social em Bilbao, Hércules e Madrid continua a ser delicada. A depuração feita na Universidade de Madrid parece ter sido suficiente para permitir as faculdades madrilenas de entreabrir as portas com vista aos exames da época. Mas quanto à reabertura dos cursos tanto em Madrid como em Barcelona não pensam os círculos oficiais que se efectue antes dos primeiros dias do mês que vem. A Polícia continuará, entretanto, as suas operações para desmantelar os pequenos grupos castistas, anarquistas, e maofistas, focos de agitação antes da introdução do estado de excepção. Segundo informações de boa fonte o número de detidos em Madrid desde a promulgação do estado de excepção é de 250 a 275, sendo a maioria estudantes. Quanto ao resto da Espanha não há qualquer possibilidade de oscilar o número de prisões. Duas categorias são particularmente visadas: os estudantes e os membros das Comissões Operárias (clandestinas) sobretudo os comunistas católicos progressistas da AST (Associação Sindical de Trabalhadores) e socialistas (da União Sindical Operária).

Os observadores madrilenos fazem reparo na «neutridade» mantida pelos industriais quanto aos sindicatos presos. Não há despedimentos como era costume e, quando nem em liberdade, por vezes depois de alguns dias de detenção, recontram os seus lugares na empresa.

Em Bilbao, que continua a ser ponto nevrálgico da situação social espanhola, foram presos ontem onze vinete grevistas. O total de sindicalistas detidos já além de sessenta. Os atos foram permanentes em greve total, o que sucede também nos estaleiros navais. O número de grevistas bilbaínos seria superior a 17 000.

Em Barcelona, há 10 mil afectados ou por greve ou por «lock out». Em São Sebastião a greve na Michelin continua.

CONVERSAS LUSO-ESPAÑOLAS

MADRID 11 — (F. P.) — No Palácio de Santa Cruz, sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros, começaram ontem as reuniões da comissão internacional de limites hispano-portuguesas.

A delegação espanhola é presidida pelo embaixador e secretário-geral permanente do Ministério dos Negócios Estrangeiros, German Burriel, e a de Portugal pelo embaixador dr. Gonçalo Caldeira Coelho, director dos assuntos políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Entre as questões a tratar figuram a fixação dos limites na zona marítima do Baixo Guadiana, o projecto de convénio para a realização de obras de regularização na barra desse rio, a regulamentação da pesca nos rios fronteiriços, excepto no Minho, a ordenação dos transportes fluviais entre Vila Real de Santo António e Ayamonte e as estradas de ligação sobre as barragens do Douro, de grande interesse turístico.

SCHROEDER TERÁ OS VOTOS DO N. P. D.

HANOVER, 11 — (F. P.) — Gerard Schroeder, ministro federal alemão da Defesa e candidato do Partido Cristão-Democrata (CDU-CSU) à presidência da República, pode estar certo de obter os 22 votos do N.P.D. quando das eleições de 5 de Março em Berlim-Ocidental.

Adolf von Thadden, presidente do Partido Nacional Democrático declarou hoje em Hanover que o «comité directivo do N. P. D. tinha convidado os seus representantes nas Dietas provinciais e não votaram no candidato do Partido Social Democrata (SPD), Gustav Heinemann, actual ministro da Justiça.

SABOTAGEM

SAIGÃO, 11 — (F. P.) — Nas últimas doze horas a F. N. L. bombardeou sete objectivos militares americanos e sul-vietnamitas, entre os quais a base de Da Nang.

Pela primeira vez desde que reconhecemos a funcionar a F. N. L. fez saber o comboio que liga Da Nang a Huế. Esta linha não funcionou durante dois anos por causa das sabotagens quando diárias tendo sido reaberta há um mês.

DESORDENS EM BOMBAIM

O EXÉRCITO INDIANO ESTÁ DE PREVENÇÃO

BOMBAIM, 11 — (R.) — O Exército indiano encontrava-se de prevenção e reforços da Polícia chegaram a noite passada a esta cidade, após o terceiro dia de terríveis desordens em consequência das quais morreram 22 pessoas e mais de 100 foram feridas por balas disparadas pelos agentes.

O comissário da Polícia R. S. Modak afirmou que o Exército se encontrava de prevenção mas não fora chamado a intervir. O comissário disse ainda que a situação estava dominada e revelou que pelo menos 1500 pessoas foram presas.

Bombaim, tem sido devastado por multidões enfurecidas desde sábado quando o movimento militante Maharashtra Shiv Sena tentou impedir o vice-primeiro ministro Morarji Desai de entrar na cidade. O movimento está empenhado numa campanha para uma solução favorável para Maharashtra num futuro próximo.

Ajuda chinesa a Biafra

LAGOS, 11 — (F. P.) — A China comunista intervém no conflito da Nigéria, fornecendo aos secessionistas biafrenses dinheiro, armas e equipamento diverso — declarou ontem, em Lagos, o ministro nigeriano da Informação, Anthony Enahoro, que esclareceu que este auxílio é encaminhado através da Tanzânia e de outros países. No entanto, não há qualquer prova de que mercenários chineses participem no conflito.

Enahoro revelou, por outro lado, que a Marinha federal intensificou as suas patrulhas nas águas nigerianas, para combater as possíveis infiltrações de partidários dos rebeldes.

MANIFESTAÇÃO DE ESTUDANTES EM LAHORE

RAWALPINDI, 11 — (R.) — Estudantes, manifestando-se de frente do palácio do governador do Paquistão Ocidental, em Lahore, exigiram a noite passada uma mudança de regime e a libertação de colegas presos, segundo comunicou a agência noticiosa paquistanesa Associated Press.

A agência disse que a manifestação fora ordeira. Os estudantes desfilaram pelas ruas da cidade, com cartazes, pedindo reformas económicas e políticas.

Entretanto, em Rawalpindi, um grupo de mulheres veladas desfilou, gritando «Viva Ayub Khan».

RESTAURANTE-SNACK-BAR

O prato do dia do Chef para esta semana

Segunda	Caldreira de Cabrito a Angolana
Terça	Caril de Frango à Indiana
Quarta	Bife à TUTTI MUNDI
Quinta	Goulash de Vitela à Tolstoi
Sexta	Bacalhau à TUTTI MUNDI
Sábado	Coelho Salteado à Capadora
Domingo	Dobrada à moda do Porto
	Arroz de Lampreia à moda do Minho
	Feijoadá à Brasileira
	Arroz à Valenciana
	Filetos de Linguado à TUTTI MUNDI

RESTAURANTE-SNACK-BAR

DRUGSTORE

Preocupação americana quanto a Berlim

(Continuação da 1.ª página)

contra a eleição em Berlim-Ocidental, no dia cinco de Março, do novo presidente da Alemanha Federal.

Segundo os observadores, a Rússia pediu aos Estados Unidos que persuadissem a Alemanha Federal a não realizar aquele acto em Berlim-Ocidental.

O problema de Berlim deve ser um dos assuntos que o secretário-geral da N. A. T. O., Manlio Brosio debaterá com o secretário de Estado William Rogers, com o secretário da Defesa, Laird, e com outros elementos do Governo norte-americano, no decurso da sua visita a esta cidade, de 13 a 14 de Fevereiro, a

qual se realiza a pedido de Rogers.

Brosio deverá abordar também a reunião dos ministros da N. A. T. O., marcada para onze de Abril, em Washington.

NOVAS RESTRIÇÕES?

BONN, 11 — (R.) — Aumentou hoje a especulação nesta cidade de que a visita de surpresa do marechal soviético Ivan Yakubovsky a Berlim-Leste poderia anunciar novas restrições a viagens entre a Alemanha Ocidental e Berlim-Oeste.

O marechal Yakubovsky, supremo comandante das forças do Pacto de Varsóvia, chegou ontem a Berlim-Leste apenas 24 horas depois da Alemanha Oriental anunciar restrições quanto ao acesso por terra a Berlim-Oeste.

A agência noticiosa alemã-Oriental A. D. N. comunicou laconicamente a visita do marechal, que é um dos subsecretários da Defesa soviéticos, mas não indicou a razão dela.

As restrições alemãs-orientais, como represália contra a decisão de Bonn de efectuar a eleição presidencial alemã-ocidental em 5 de Março em Berlim-Oeste, foram anunciadas no domingo, após consultas telefonadas com a União Soviética. Deputados federais e membros do Partido Nacional Democrático, da extrema-direita, que tem 22 dos 1034 lugares no Colégio Eleitoral, foram já impedidos de atravessar por terra a Alemanha Oriental.

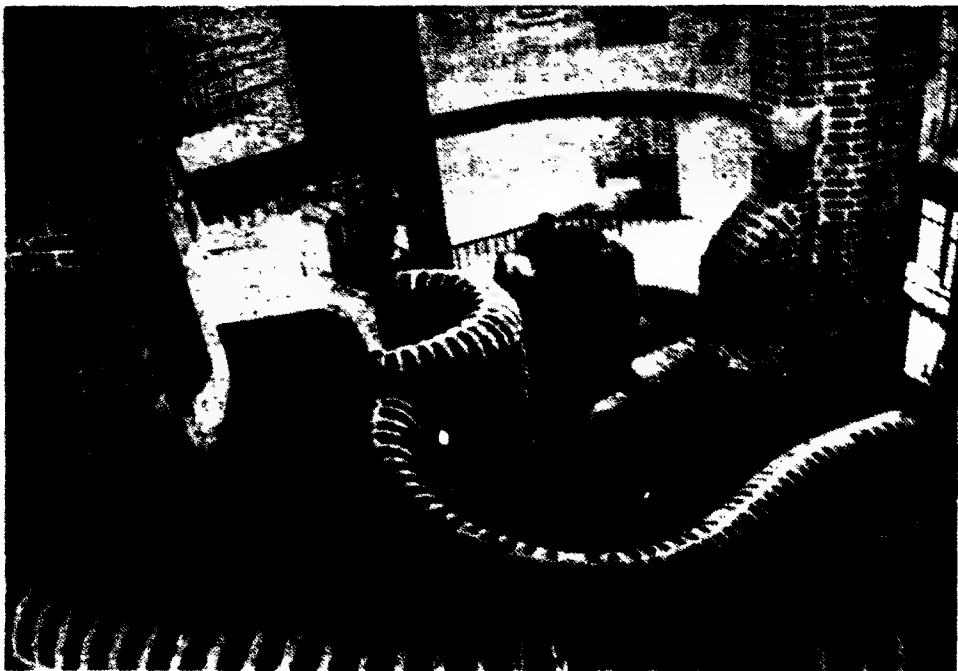
O efeito das medidas é que os deputados de esquerda — atingindo cerca de 500 — e os poucos militares que estão a gozar licenças em Berlim-Oeste terão de seguir por via aérea para a cidade.

OS ESTUDANTES DE BERLIM CONTRA A VISITA DE NIXON

BERLIM, 11 — (F. P.) — A assembleia dos estudantes da Universidade Livre de Berlim decidiu na segunda-feira apertar-se a próxima visita de Richard Nixon à antiga capital do Reich e manifestar-se contra a eleição do presidente da R.F.A. em Berlim, no dia 5 de Março.

O «Parlamento Estudantil» considera que esta eleição é contrária aos interesses da população de Berlim-Ocidental. Quanto à visita do presidente dos Estados Unidos, os estudantes anunciaram que este deixará Berlim de forma diferente dos seus predecessores.

Já no domingo, Horst Mahler, dirigente do Clube Republicano e defensor dos membros do S.D.S. (Federação dos Estudantes Socialistas) tinha feito constar que a oposição extra-parlamentar de Berlim se manifestaria contra Nixon e contra a celebração da assembleia federal.



No mais moderno asilo para pessoas idosas da República Federal da Alemanha, em Garth, perto de Düsseldorf, substituíram-se praticamente todos os degraus por rampas. O projecto é do arquitecto Boehm, de Colonia, que teve também em consideração nichos e recantos onde os velhinhos podem descansar. O edifício, todo construído em tijolo sem reboco, tem sido alvo das mais animadas discussões. «Discutam, discutam — diz o projectista. — O que interessa é que os 185 hóspedes se sintam perfeitamente bem no novo ambiente»

Os conservadores britânicos e a imigração

O discurso pronunciado por Heath acerca do problema da imigração provocou viva controvérsia. O dirigente da oposição conservadora impressionou a opinião pública pelo tom alarmista da sua intervenção. A presença a seu lado de Powell — tornado com ou sem razão o símbolo do racismo militante — confirmou um endurecimento na atitude oficial do Partido Conservador a respeito da imigração. Heath é certo, defendeu-se imediatamente de ter aderido a Powell. Parece claro, no entanto, que os argumentos de Powell encontram um eco suficientemente significativo para que o «leader» da oposição de Sua Majestade se sinta obrigado a tê-los em conta.

Sem dúvida que Heath não vai tão longe como Powell, que sugerira a criação de um Ministério do Repatriamento a fim de encorajar os imigrantes a regressarem aos seus países de origem. Excluiu especificamente a força e os embaraços administrativos como meio de fazer partir os que já chegaram, e evocou unicamente o «auxílio generoso» a favor dos que desejem regressar ao seu país. Noutros pontos fundamentais, Heath está em

desacordo com Powell. No entanto, por comparação com os seus discursos anteriores, aproximou-se daquilo a que chamam o «powellismo». Todas as suas antigas referências ao papel histórico da Grã-Bretanha, país-refúgio, desapareceram. Heath insiste agora numa rigorosa aplicação das medidas de fiscalização existentes, sugerindo claramente que estas são mal aplicadas.

O dirigente conservador deseja que de futuro os cidadãos da Commonwealth sejam tratados exactamente como estrangeiros. Deste modo o seu direito a cidadania britânica perderia o carácter automático e ficariam submetidos a verificações regulares.

PRÓXIMAS CONVERSACÕES SINO-CANADIANAS

OTTAWA, 11 — (F. P.) — «A nossa Embaixada em Estocolmo foi encarregada de comunicar à Embaixada da República Popular da China a proposta do Canadá para o início de conversações acerca das relações entre os dois países num futuro próximo e em local e data que convenham a ambos os Governos», declarou ontem, nos Comuns, Mitchell Sharp, ministro dos Negócios Estrangeiros do Canadá.

«Espero» — acrescentou — «que não tardaremos a receber uma resposta do Governo chinês e que representantes de ambos os países poderão em seguida empreender o exame do reconhecimento da República Popular da China e a troca de embaixadores entre Ottawa e Pequim».

O ministro salientou que, apesar da falta de relações diplomáticas, foi possível nos últimos anos intensificar o comércio com a China e aumentar os contactos em vários outros domínios.

Deixariam de poder mandar vir a família sem o acordo das autoridades britânicas, que teriam de apreciar os recursos financeiros dos pretendentes. Por outro lado, a família deveria limitar-se a mulher e aos filhos, crianças incapazes de trabalhar. Por fim, as autoridades poderiam recusar a entrada aos que desejassem instalar-se em zonas já superpovoadas, como os estrangeiros, os imigrantes da Commonwealth só seriam admitidos por certo tempo, num local e para um trabalho de antemão bem determinados.

Para Heath, trata-se de um problema nacional que o Governo deve solucionar sem demora. Mas, nos círculos próximos do Governo, afirma-se que nada justifica esta pressa. Assim, entre Janeiro e Novembro de 1968, entraram na Grã-Bretanha quatro mil e trezentos emigrantes da Commonwealth, na sua maior parte médicos e enfermeiras de que o país tem carência. Durante o mesmo período, quarenta e uma mil e seiscentas pessoas juntaram-se ao seu chefe de família, ou sejam onze mil menos do que em 1967. Ao mesmo tempo, durante o primeiro semestre de 1968, onze mil emigrantes voltaram a partir para o seu país de origem. Os círculos governamentais fazem notar, por outro lado, que não é imposto qualquer limite à entrada de estrangeiros: assim, em 1967, foram admitidos na Grã-Bretanha quarenta e seis mil trabalhadores estrangeiros não qualificados vindos da Commonwealth.

Verdadeiramente, se, sem o querer admitir expressamente, os conservadores especulam com o racismo latente — e que por vezes se manifesta com virulência de vastos sectores da opinião pública, designadamente nas classes médias, mas também nos meios operários, onde Powell encontrou numerosos apoios. O problema racial reflecte-se bastante nitidamente nas propostas de Heath, que dizem exclusivamente respeito aos imigrantes de cor, sem qualquer referência ao número de estrangeiros brancos que se instalam todos os anos na Grã-Bretanha (vinte mil), nem aos irlandeses e aos brancos da Commonwealth, nem aos milhares de britânicos que emigram todos os anos.

Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»

Wilson inicia hoje uma visita de quatro dias à Alemanha Ocidental

LONDRES, 11 — (R.) — O primeiro-ministro Harold Wilson parte hoje para Bonn numa visita de quatro dias à Alemanha Ocidental, planeando reafirmar o compromisso da Grã-Bretanha para com uma Europa unida.

Nas suas conversações com o chanceler federal dr. Kurt Georg Kiesinger e outros ministros, Wilson sondará as possibilidades de colaboração mais íntima com a Europa continental, como parte da campanha da Grã-Bretanha para entrar para o Mercado Comum.

As relações entre o Leste e o Oeste, a situação na Checoslováquia, a aliança da N.A.T.O., o tratado de não-proliferação nuclear e projectos anglo-alemães para cooperação na indústria e tecnologia encontrar-se-ão, também, na agenda. Wilson visitará Berlim-Oeste na sexta-feira, regressando a Londres no mesmo dia.

A visita faz parte de contactos regulares entre os dois Governos, que se registam quase uma vez por ano. Wilson desejava, também, ter a certeza de que não existe qualquer ressentimento por causa da pressão da Grã-Bretanha sobre Bonn, em Novembro passado, para levar o Governo alemão-ocidental a revalorizar o marco.

CONSULTAS ENTRE A GRÃ-BRETANHA E O EUROMERCADO

Não é provável que possibilidades de reconciliar atitudes diferentes quanto a acordos internacionais monetários sejam discutidas em profundidade antes da visita à Europa do presidente Richard Nixon, que poderá fornecer certos indícios quanto à posição do novo Governo americano.

A visita de Wilson realça-se após a sessão do Conselho da União Europeia Ocidental na semana passada no Luxemburgo,

que teve como resultado um acordo sobre consultas políticas entre a Grã-Bretanha e os cinco associados da França no Euro-mercado.

Antes desse acordo, houve grande especulação em Bonn acerca de possíveis novas iniciativas britânicas na Europa, incluindo um anunciado plano secreto para uma federação supranacional europeia. Afirmou-se que isso fora sondado durante uma visita feita a capitais europeias pelo antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, George Brown.

Wilson desmentiu a existência de tal plano, mas a ideia perdurou em virtude do conhecido interesse do Foreign Office em qualquer propostas que pudessem ajudar a manter viva a noção de Europa.

Agora que foi alcançado o acordo do Luxemburgo, espera-se que diminua o interesse na alternativa supranacional.

CARNAVAL NO ALGARVE TORRALTA

proporciona o CARNAVAL DO ANO



RUI DE MASCARENHAS

no HOTEL GOLFINHO
PRAIA DE D. ANA — LAGOS
E NO

CONJUNTO TURÍSTICO DA PRAIA DE ALVOR
COM

RUI DE MASCARENHAS o notável artista português conhecido em todo o Mundo;

INÉS MARCO conhecida vedeta sul americana

LENITA GENTIL Prémio de Imprensa de 1968

ALEX sempre inimitável;

a jovem artista JÚLIA CHAVES

E O ACORDEONISTA PORTUGUES

TINO COSTA que se apresenta pela primeira vez em Portugal, depois dos grandes êxitos que alcançou nas maiores cidades do continente americano

Dance as 4 noites do Carnaval
ao som das orquestras de FERNANDO ALBUQUERQUE
e LEO TINO

Para a juventude, o conjunto ié-ié «FILFRA»

Apresentação de ISABEL WOLMAR

MARCAÇÕES:

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A — Telef. 5 17 48 e 5 44 79

ALGARVE — Hotel Golfinho — Praia D. Ana — Telef. 302 — LAGOS

TORRALTA — Praia de Alvor — Telef. 1324 e 428 — PORTIMÃO

COOPERAÇÃO

GERMANO-

-JUGOSLAVA

BONN, 11 — (A. N. D.) — Os ministros da Economia Karl Schiller, da Alemanha Federal, e Toma Granfil, da Jugoslávia, assinaram um acordo de cooperação económica, industrial e técnica entre os dois países.

O acordo também prevê que seja nomeada uma comissão mista para promover permutas técnicas, produção conjunta e vendas a terceiros países.

Toma Granfil é o primeiro ministro jugoslavo a visitar a Alemanha Federal desde a segunda guerra mundial. Conferenciou também com o chanceler Kiesinger.

Para hoje, o seu programa inclui conferências com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Willy Brandt, e das Finanças, Franz-Josef Strauss, visitando depois, nos próximos três dias, fábricas da Alemanha Federal.

PRESIDENTE DO CONSELHO: O instinto vital da conservação do País exige uma política de reformas

Através da Televisão e da Rádio o Presidente do Conselho fez, ontem, uma palestra que a seguir, transcrevemos na íntegra:

O Presidente do Conselho recebe quotidianamente avultada correspondência vinda de todos os pontos do País e proveniente das pessoas mais variadas e das mais diversas condições. Andam as cartas à volta de um por dia. Não posso lê-las pessoalmente, está claro, pois não faria outra coisa — e o tempo escasseia para dar conta de tarefas essenciais. São os secretários que procedem à sua leitura e que me informam depois, sumariamente, dos assuntos tratados. É por aí vejo qual a imagem que o público forma de um chefe de governo. Imagina o senhor absoluto de tudo quanto há neste País e com poderes para resolver todos os casos e para dispor de todas as coisas. Uns pedem-lhe que lhes proporcione casa para habitar; outros emprego; muitos solicitam subsídios, pensões, bolsas de estudo, não são poucos os que implorem remédio para situações familiares, para casos profissionais, e até para problemas morais. Queixa acerca de patrões, de superiores, do funcionamento dos serviços públicos, das sentenças dos tribunais, críticas a providências legislativas, a decisões do Governo, a deliberações das câmaras municipais ou a actos de particulares — de tudo isto há sempre, de mistura com conselhos, avisos, aplausos, incitamentos, e agradecimentos acompanhados de palavras reconfortantes de apoio e estímulo.

Claro está que esta volumosa correspondência tem grande valor na medida em que permite um contacto directo com a massa popular. Os secretários vão encaminhando, como é possível, para os diversos ministérios os pedidos razoáveis e está-se a organizar um serviço que permita averiguar do fundamento das reclamações relativas ao funcionamento dos serviços públicos, apresentadas com um mínimo de seriedade, para tentar corrigir o que puder ser melhorado.

«Mas o Presidente do Conselho não é o governante onipotente desta terra»

Mas o Presidente do Conselho não é o governante onipotente desta terra. O seu papel consiste em orientar e coordenar o trabalho dos ministros, cada um dos quais por sua vez chefiar um complexo departamento recheado de serviços especializados. A resolução de cada assunto tem de obedecer à lei que o regula e pertence ao ministro que tiver a seu cargo as matérias respectivas. E para além dos casos que aos ministros cabem resolver, há as questões que

a lei confia às câmaras municipais ou a serviços autónomos e onde só estes podem proferir decisões, salvo recurso aos tribunais ou que escapam à autoridade administrativa por respeitarem à esfera de acção de empresas comerciais ou industriais ou de simples particulares.

O Governo dispõe, nalguns sectores, de meios de inspecção e correcção, mas quanto à generalidade das entidades privadas os litígios que lhes respeitam só pelos tribunais podem ser apreciados e julgados — e sobre os tribunais não possui o Governo nenhum poder: os juizes são, e devem continuar a ser completamente independentes no desempenho da função de julgar.

«É com muita pena que eu, frequentemente, me vejo impossibilitado de atender a súplicas»

É com muita pena que eu frequentemente me vejo impossibilitado de atender a súplicas e apelos dirigidos ao Chefe do Governo por pessoas aflijidas, mas não posso dar ordem a empresas privadas nem sequer fazer-lhes pedidos de favores, como não disponho das centenas de casas livres e de lugares vagos para distribuir pelos petiçãoários. O que ao Governo compete é fazer a política de fomento habitacional que corresponde à necessidade de casas de rendas módicas. É promover uma economia que dê emprego a quem tenha capacidade para trabalhar.

Um chefe de governo tem os seus dias preenchidos com tarefas que em todos os países do mundo são pesadas e absorventes. Para orientar a política interna e externa é forçado a ler longos relatórios e constantes informações, e a ouvir governantes, altos funcionários e personalidades nacionais e estrangeiras, altos funcionários e personalidades nacionais e estrangeiras que o possam esclarecer. Não pode ignorar os problemas económicos e as suas implicações. Há-de estar ao corrente da vida internacional. Tem de seguir de perto a marcha da opinião pública em todo o País. Os problemas educacionais exigem estudo e reflexão. O Ultramar a sua defesa, o seu desenvolvimento e o seu futuro ocupam o espírito todas as horas do dia em busca das melhores soluções. Há que promover o progresso de uma nação desejosa de recuperar atrasos fomentando a riqueza, melhorando a distribuição dos rendimentos valorizando cada vez mais os homens, procurando recursos que tornem isso possível, e tudo sem romper equilíbrios cuja rotura possa abrir crises de difficilíssima solução.

Para realizar a sua política

tem ainda de encontrar as pessoas capazes, dispostas a fazer o sacrifício das suas comodidades, e quantas vezes até dos seus interesses para guarnecer os postos-chave da Administração nos vários escalões e por esse País além.

«Os impacientes acham sempre que se vai devagar e se faz pouco»

Os impacientes acham sempre que se vai devagar e se faz pouco. A juventude, ignorando ou esquecendo quanto é complexo, nos tempos que correm, o tecido da vida social, arde em ímpeto revolucionário. Por esse mundo além sobram os redentores que se propõem apagar todos os males e todas as injustiças por obra mágica da violência ou pela aplicação milagrosa de um formulário ideológico.

É certo que estamos a presenciar uma espantosa transição histórica. A nossa roda assistimos a extraordinárias transformações da técnica com repercussões no modo de viver dos homens e a uma crise de conceitos morais que se projecta inevitavelmente na estrutura das sociedades. Os governos não podem ignorar tais realidades. Mas a própria intensidade das tensões existentes impõe que se tente ordená-las e discipliná-las, sem o que se produziria a catástrofe.

«Nós não podemos correr o risco de um abalo social que nos lance na guerra civil...»

Nós não podemos correr o risco de um abalo social que nos lance na guerra civil. Interrupção o desenvolvimento económico, abale o crédito interno e externo paralise a produção e reduza o País à miséria — embora com a promessa de vir a ser readificada sobre as ruínas acumuladas uma sociedade perfectibilista que os revolucionários afinal não noriam de pé, porque a perfeição não é deste mundo.

Para que todos os portugueses possam ter melhores condições de vida é preciso que a Nação seja mais rica produzindo mais bens. Só se reparte o que há. E não se pense que bastaria dividir igualmente aquilo que neste momento existe para passar a viver-se melhor. O bem-estar de um país não depende do gozo momentâneo de algumas comodidades, mas do progresso na produção, que só a conjugação constante do capital, da técnica e do trabalho pode assegurar.

O instinto vital da conservação do País exige, pois, uma política de reformas, não o culto da subversão. É a essa exigência nacional a que o Governo procura corresponder — preparando e realizando as reformas,

prevenindo e combatendo a subversão.

«Mas as reformas, para não ficarem no papel, não podem ser improvisadas»

Mas as reformas, para não ficarem no papel, não podem ser improvisadas. E não-de alcançar o mais longe possível — não se limitando a remendos de ocasião. Tenho pressa em vê-las em actos, e por isso, se não quero dar descanso aos que hão-de estudá-las, também não posso deixar de conceder o tempo necessário para que sejam medidas convenientemente.

Andam hoje outra vez muito em voga os termos adireitas e esquerdas para significar posições políticas em relação às quais se procura situar o Governo. Trata-se de palavras de sentido muito equivocado. Todavia, se a essência da esquerda está no movimento, se o espírito da esquerda é o da reforma social, não me esquivo à qualificação que dessa tendência possa resultar. Mas na medida em que a direita signifique a manutenção da autoridade do poder para permitir a normalidade da vida dos indivíduos, o respeito das esferas da legítima actividade de cada um e o funcionamento das instituições que asseguram a ordem — então e sobretudo nos tempos que correm, creio que nenhum governo, em qualquer regime que seja, pode deixar de ser dessa direita. A luta contra a subversão que lavra com intensidade pelo mundo obriga por vezes a medidas que despertam os protestos daqueles que, consciente ou inconscientemente fazem o jogo revolucionário, mas que traduzem a defesa natural de uma sociedade não disposta a perecer às mãos dos seus inimigos.

A propaganda intensa que está a ser feita neste momento entre a juventude visa os próprios alicerces da sociedade e da Nação.

«Já noutra ocasião observei que, em África, não declaramos guerra a ninguém...»

Já noutra ocasião observei que, em África, não declaramos guerra a ninguém, não tomámos a ofensiva contra ninguém. Limitamo-nos a defender a vida dos portugueses, pretos e brancos, ameaçados por uns tantos grupos armados e treinados no exterior e que, deixados à solta, semeariam o luto e a desolação em terras onde construímos pacíficas comunidades progressivas que trouxeram paragens selváticas à civilização.

Que em África morram e sofram em combate portugueses, pretos e brancos, immanados na mesma causa, que em muitos lugares a vida decorra insegura para homens, mulheres e crianças nos seus lares de Angola, de Moçambique ou da Guiné, eis o motivo permanente de preo-

cupação e de cuidado para os governantes, a quem nada seria mais grato do que reconquistar a paz para todos quantos se abrigam à sombra da bandeira de Portugal.

Para essa preocupação de todos nós, em defender as vidas, a segurança, o trabalho dos nossos irmãos portugueses em África e em lhes garantir a paz, se pede o respeito dos estrangeiros que vivam no solo da nossa pátria. Em todos os países os estrangeiros neles residentes são convidados a observar certos deveres elementares de hospitalidade, entre os quais o de não se intrometerem na política interna. Muito mais grave é o dever dos estrangeiros de não intervir em actos que possam prejudicar o esforço de uma Nação inteira empenhada na defesa de filhos seus em aflição.

Do mesmo modo, os estrangeiros que nos seus países estejam ligados aos inimigos de Portugal, os acolham, os apoiem, os alientem, não podem ser recebidos como hóspedes em terra portuguesa; e também isso não constitui jurisprudência só nossa, pois é a prática seguida em todos os Estados, especialmente nas épocas em que tenham de lutar de armas na mão.

Só é pena que, volta não volta o trabalho construtivo do Governo, aquele que se destina a resolver necessidades reais do povo, embora muitas vezes se tenha de olhar longe e largo e não para o momento que passa no lugar onde se está, pena é que tantas vezes esse trabalho fundamental seja perturbado pelos cuidados resultantes do boato alarmante ou da calúnia destinada a inutilizar homens válidos, da intriga enredadora, da deturpação das intenções e dos actos, das impaciências incompreensivas, dos protestos tumultuários, de tudo isso que infelizmente constitui a baboseira da política, fazendo perder muito tempo e gastar muitas energias.

«Paciência. A obra a realizar não é daquelas que se erguem do momento para o outro»

Paciência. A obra a realizar não é daquelas que se erguem de um momento para o outro: só os charlatães podem prometer maravilhas sociais em vinte e quatro horas. Mas se soubermos continuar unidos e não nos deixarmos perturbar pelas contestações anarquizantes, nem seduzir por enganosas miragens e formas capazes de colaborar na empresa comum ainda que criticando construtivamente, a partir de dados colhidos com consciência e raciocinando com frieza e recta intenção, estou certo de que venceremos mais uma vez as dificuldades e encontraremos o rumo certo — o rumo que a toda a Nação convém.

Maior rapidez na justiça penal

— objecto de uma proposta de lei discutida na Assembleia Nacional

A Assembleia Nacional prosseguiu esta tarde os seus trabalhos, sob a presidência do sr. dr. Soares da Fonseca, vice-presidente em exercício, secretariado pelo sr. dr. Celso Pereira. Na ordem do dia — discussão na generalidade da proposta de lei sobre o estabelecimen-

to de normas penais para imprimir maior celeridade à justiça penal — estão inscritos os deputados Duarte Oliveira, Figueiredo de Oliveira e Correia Barbosa.

No período antes da ordem do dia deve falar sobre problemas económicos do Alentejo o deputado por Beja,

Francisco Antonio da Silva, Câmara Corporativa.

Na Câmara Corporativa prosseguiram ontem os trabalhos de apreciação do projecto de parecer — de que é relator o dr. Mário Arnaldo da Fonseca Roseta — acerca da proposta de lei sobre a reorganização das Casas

do Povo e a Previdência Rural. Para o efeito reuniram-se, sob a presidência do dr. Luís Súpico Pinto, os procuradores que fazem parte das subsecções de política e administração geral (da Secção de Interesses da ordem administrativa) e de Seguros (da Secção de Crédito e Seguros) com agregados.

O ARQUIVO DISTRITAL DE BEJA CUSTARÁ 2500 CONTOS

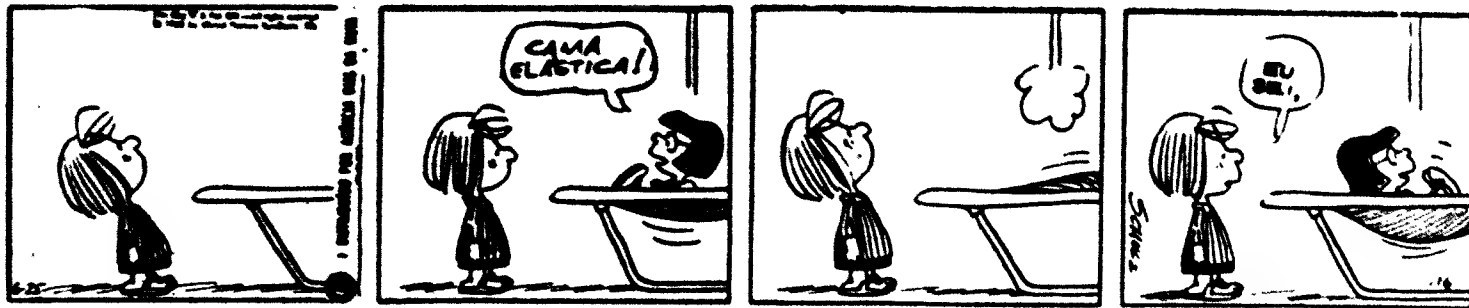
BEJA, 11 — A Junta Distrital de Beja vai, agora, emprender a construção do edifício para o Arquivo Distrital, dando, assim, concretização a uma ideia que remonta a 1946, e que não foi realizada por falta de disponibilidades financeiras. A obra está orçada em 2500 contos.

Recentes diligências efectuadas em Lisboa, pelo chefe de distrito, dr. Vieira da Silva, e pelos dirigentes da Jun-

ta Distrital, asseguraram um subsídio de 1200 contos da Fundação Gulbenkian e uma comparticipação de mil contos do Ministério das Obras Públicas. Os restantes 300 contos serão dos cofres da Junta.

O novo edifício ficará junto da sede da Junta, na Avenida Vasco da Gama. O projecto é da autoria do arquitecto Alberto Assaredo Coutinho.

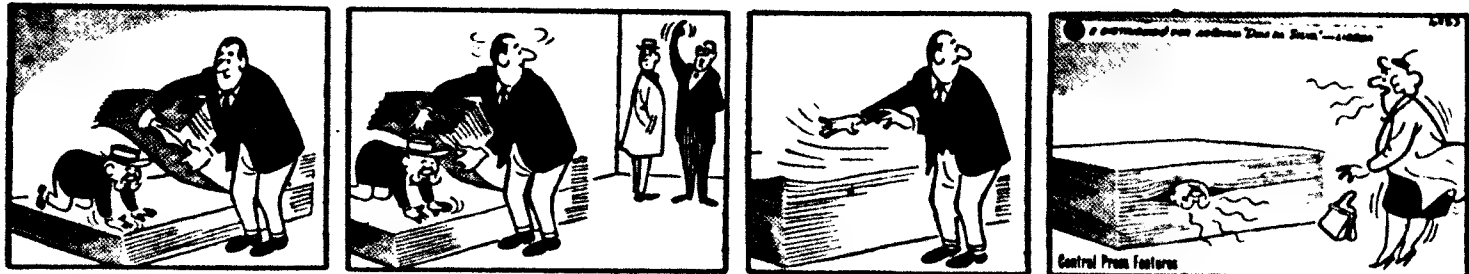
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Fevereiro de 1939 publicava:

«Enterrou-se esta tarde Joaquim Pinheiro, que Lisboa inteira conhecia pela designação de «Pinheiro Maluco».

«Era uma figura popular e pitoresca, tipo único e inconfundível. Tinha a mania do discurso. Era vulgar vê-lo parado em qualquer artéria da capital, na pregação das suas «doutrinas».

«Pinheiro Maluco tinha, porém, simpatias. O povo ouvia-o com indulgência, pois os seus discursos inflamados não faziam mal a ninguém. Honrado era ele.

«Algumas vezes, Joaquim Pinheiro vinha à nossa redacção contar-nos algum episódio curioso, ou perorar contra qualquer coisa por ele considerada como um «cancro» da sociedade. «Pobre «Pinheiro Maluco», que, às vezes, dizia coisas acertadas!»

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, 8.
A.R.L. — 95, Rua Nova
de Almada, 99 — LISBOA

LUSTRES

de sonho para a sua casa.
Fábrica, Av. 5 de Outubro,
203, r/c, E — Tele-
fone 77 16 39 (Ao Campo
Pequeno)

Palavras cruzadas

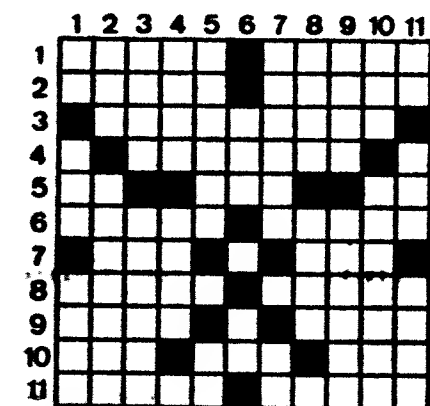
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5086

HORIZONTAIS: 1 — Causam amia a Mamíferos carnívoros, semelhantes ao cão 2 — Embarcação parecida com o bote, usada no Tejo Ave trepadora 3 — Dera pequenas saídas 4 — Dera marradas 5 — Antes de Cristo Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica 6 — Ilha do golfo Pérsico que em 1506 foi tomada por Afonso de Albuquerque 7 — Uma das Cidades Cento e quatro em romano 8 — Estacionam. Emparelhou 9 — Cinchas Engue 10 — Chefe etíope. Ne gativa. Nome de mulher 11 — Querida. Mãe de cera, pez e sebo, com que se enceram as lâminas para as obras de ouro ou ouro

VERTICAIS: 1 — Nota musical (inv.) Saudável. Proposição 2 — Conjunção Educaram 3 — Gritam. Demorada 4 — Sala onde se lecciona. Emprego 5 — Igreja principal de uma localidade. Em a 6 — Enguia Basta 7 — Palmeira do Brasil. Língua antigamente falada ao sul do Rio Loire 8 — Rezar. Engue 9 — Criança francesa célebre pelo seu heróismo. Fazer ricas em 10 — Agora. Aldia 11 — Apelido Espaço de trinta dias Rio da Rússia

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo posatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5085

HORIZONTAIS: 1 — Asava. Asam. 2 — Mo-
ta. lago. 3 — Abala. Parar. 4 — Cartora. 5 —
Corregata. 6 — DA. Co. 7 — Imês. Ruma. 8 —
Alicara. 9 — Urras. Morte. 10 — Eira. A. Arad.
11 — Moera. Glosa.

VERTICAIS: 1 — Asar. QUEM. 2 — Sob. Co.
Rig. 3 — Alpa. Mera. 4 — Valor. Alor. 5 —
Ara. 6 — TE. 7 — Passam. 8 — Sira.
Urras. 9 — Sora. Morte. 10 — Ada. Aca. Res.
11 — Morte. PESE.

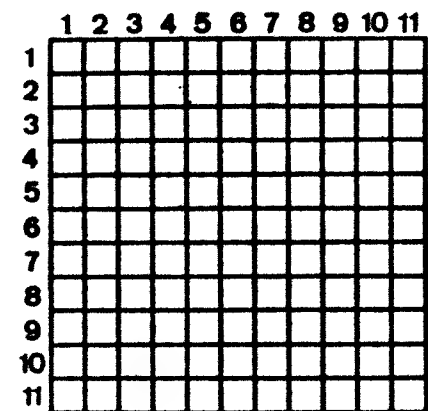
Provérbio: DA A QUEM TE PEE

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8930

HORIZONTAIS: 1 — Mostrava 2 — Cidade do Egito Escutem 3 — Avalia. Parreira parte do nome de um quadro célebre de Manet existente no Louvre 4 — Esteira. Cidade da Alemanha. Senhor em inglês 5 — Oferece. Baxela 6 — Adejara 7 — Sair frequentemente á rua. Prender com as garras 8 — Tratar por tu 9 — Futeis. Povoação do concelho de Condeixa. Ente 10 — Aniversário. Grupo de três 11 — Tempo do verbo ser. Considerar (Fig.)

VERTICAIS: 1 — Despertar. Tempo do verbo 2 — Hilota. Nome de um planeta 3 — Fért. Utensílio doméstico. Ruído 4 — Estava. Um dos Estados do Brasil. Isolado 5 — Solitário. Apelido. Pronome pessoal 6 — Transpirar. Apeita. molhos 7 — Laço. Letra grega. Em partes. quais 8 — Sinal gráfico. Lavrem. Nome de letra 9 — Ferros. temperados. O mais. Senhores. 10 — Préstamo. Ribeira de Portugal 11 — Sentir. desgosto (Fig.) Grande quantidade



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8929

HORIZONTAIS: 1 — Pargo. Tanga. 2 — Alcor. Afar. 3 — Sem. Asse. 4 — Dó. Toa. Af. 5 — Rã. Arama. Ao. 6 — Odeira. 7 — Barris. Ra. lio. 8 — Area. Sura. 9 — Vim. 0 — Elara. Acaña. 11 — Rural. Saram.

VERTICAIS: 1 — Pós. Rebater. 2 — Afaca. Ar. Lu. 3 — Rola. Onerar. 4 — Gás. Ada. Ra. 5 — Or. Três. Vol. 6 — Cçam. P. 7 — Tã. 8 — M. 9 — AIS. Aras. Co. 9 — Nica. Adu. 10 — Espor. Ar. M. 11 — Aps. Alapraz.



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«INF. D. HENRIQUE»
a sair em 22 de Fevereiro
às 12 horas

Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 15 a 19 de Fevereiro

«PATRIA»
a sair em 26 de Fevereiro
às 12 horas

Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 19 a 24 de Fevereiro

«AMBOIM»

a sair em 28 de Fevereiro

Com escala por LEIXÕES, para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES. Carrega de 22 a 26 de Fevereiro

«VERA CRUZ»

a sair em 6 de Março às 16 horas

Com escala por LAS PALMAS, para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 28 de Fevereiro a 3 de Março

«LUGELA»

a sair em 10 de Março

Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 6 a 9 de Março

«PORTO»

a sair em 18 de Março

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 11 a 16 de Março

«UICE»

a sair em 26 de Março às 16 horas

Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 16 a 20 de Março

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

a sair em 13 de Fevereiro e 19 de Março às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: FENERIFF, LA GUAYRA, CURACAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 20, e na Tabacaria do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícia; 16 e 05: Canções por Tom Jones; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr. Correia da Costa — A respeito de vedações; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 49: Jovens Acadêmicos; 19 e 50: Música ao micro; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 11.º Episódio do Folhetim «A Casa da Nespereira»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Música ligada; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectá-

culo, magazine de teatro, cinema e bailado; 22 e 30: Fados, por Leda Ribeiro; 22 e 50: A orquestra Gérard Calvi; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 15 e 45: Música sinfónica; 17: Discos raros — Enxertos da ópera «Os Mestres Cantores de Nuremberga» de Wagner, interpretados pelo baritone Friedrich Schorr; 17 e 30: Perspectivas da obra de Carl Nielsen; 18 e 30: Música de piano; 19: Dança e Ballet, pelo dr. Pinto Machado; 19 e 30: O Quarteto «Hollywood» — Quarteto n.º 3, opus 33, em lá menor (Dvorak); 20 e 20: Música de arco; 20 e 30: Noite de Teatro: «O Assassino de Macário», de Camilo Castelo Branco em adaptação de Leopoldo de Araújo; 22 e 03: Concerto para

piano e orquestra (Tippett); 22 e 38: Quarteto n.º 70 em ré maior op. 71 n.º 2 (Havdn) — Quarteto Grieg; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (cultural) — 94,3 mc/s — 23: Música Portuguesa — Obras de Rui Coelho; 23 e 50: Romance, Révère et Cançon op. 8 (Berlioz); 0 h: Canções de Brahms, pelo soprano Elisabeth Schumann; 0 e 15: Ciclo «A Sinfonia» — «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C-D-C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Textual; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No Mundo Aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Noite de Abertura e Notícia; 20 e 07: Um conjunto famoso; 20 e 15: A Estrela do Dia; 20 e 30: Jornal dos espetáculos; 20 e 45: A Grande Orquestra de... 21 e 03: Hora Alemã; 21 e 30: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande Roda; 0 e 03: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 03: A noite é nossa; 6 e 03: Diário rural; 7 e 03: Tchau.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 03: Boa noite em FM; 22 e 03: Programa do Gô-Gô; 0 e 03: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM 67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa CDC; 18: Depois do chá; 18 30: Ela e o seu mundo; 18 45: Matinée Teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 30: Robôbiol; 19 e 45: Conjuntos de ritmo; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Noite Dia a Dia; 21 e 05: Cabina de Escuta; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Música para meditar; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 02: A voz de...; 22 e 15: Ritmos; 22 e 30: Presença combrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio rama; 18: Santa Maria; 18 e 30: Tempo e Bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Ritmos em contraste; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular; Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 21: Clube Rádio-fónia de Portugal — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17: Rádio Graça — Das 10 às 12 e das 22 às 2.



HOJE PODE VER...



Perante o paço de Huck, Tom e Becky, Hércules, com a força dos seus braços, levanta uma árvore tombada no caminho.

cantada e vão ter à antiga Grécia. Hércules salva-lhes a vida e eles ajudam-no a realizar o seu 12.º e último trabalho: capturar Cérbero, o cão de três cabeças que guarda a Porta do Inferno. O rei prende os três garotos e prepara-se para os matar, mas eles

TV EDUCATIVA

Física Moderna

O PROFESSOR dr. António Manuel Baptista aborda na lição de «Física Moderna» um tema de grande interesse: «Teoria da relatividade restrita — Contração das distâncias».

Nesta lição serão expostas as teorias de Lorentz, Feynmann, Prémio Nobel da Física, Coanow e Terrel.

AS ENFERMEIRAS

Esta noite, é apresentado mais um episódio desta série norte-americana, com Shirl Coneay e Zina Bihune nos principais papéis. A vida movimentada de um grande hospital, os dramas e os problemas, casos e aspectos sempre novos e sempre diferentes, tendo como pano de fundo os doentes, os médicos e as enfermeiras.

A VERDADE

«Provação»

BASEADA em factos da vida real, «True» (Verdade) é uma série com episódios independentes de origem norte-americana que periodicamente aparece no pequeno «écran» da RTP.

O episódio desta noite, intitulado «Provação» e é interpretado por Chris Robinson, Kevin Hagen, Lillian Buyeff e Judee Morton, conta a história verdadeira de Connie Holt, ex-presidiária, que mata um polícia a tiro numa boite de Nova Orleães, fugindo em seguida e refugiando-se em casa dos Simms, uma família decente que se vê obrigada a albergar o parafuso criminoso durante 22 horas de terror.

HUCK FINN

«O último trabalho de Hércules»

MARK TWAIN criou as personagens de Tom Sawyer, Huck Finn e Becky, pequenos heróis da juventude de todas as gerações. O cinema, em mais que uma versão, transplantou para a tela gigante as aventuras de Tom Sawyer e a televisão ampliou a obra de Mark Twain em «Huck Finn», ilustrando a fantasia daquele com desenhos animados. Vêmo-los assim ao lado dos actores Michael Shea, Luann Haslam e Kevin Schultz, intérpretes da série.

Hoje, pelas 19 e 50, será exibido o episódio «O último trabalho de Hércules». Huck, Tom e Becky, para fugirem ao índio Joe, perdem-se numa floresta en-

apresenta-se acompanhada só por um plano para cantar Mozart, Schubert, Gluck, Mahler, Schumann. Onde se prova — se provas fosse necessário — que o verdadeiro espectáculo é o artista, e tudo o mais não passa de manobra de diversão para uso das damas «smiles» e das costureirinhas de alfaiate.

A maravilhosa voz de Schwarzkopf; as belíssimas canções que não esquecem mais; mas não esqueçamos também o esforço da R.T.P. para aproximar o público do entendimento literário destas. Dado se encarregou a escritora Ana Hatherly que comprou multifunção bem a sua medida, ao chamar a atenção do público para os aspectos mais significativos. Ao fazê-lo com simplicidade, atraiu a simpatia dos telespectadores. O que não é coisa nada fácil — M. C.

Item



Os seus cabelos estavam espessos, quadrados e a calvície ameaçava-o. Antes que as mãos tivessem totalmente morrido e o tratamento fosse...

Os resultados são visíveis!

Produtos Item A venda em toda a parte

PEÇA FOLHETOS PÓRTO — Rua de Alegria, 181 LISBOA — Rua Andrade, 61-63

canal da crítica

CARTA ABERTA

AO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO, A PROPÓSITO DE REMOS

Acabo no presente momento de ouvir a entrevista que V. Ex.ª, sr. eng.º António da Bernarda, concedeu ao Momento Desportivo, na pessoa escolhida de Fiátho Gouveia. Disse que existem no País vinte e tantos clubes de remo, mas que pode haver mais. O que é preciso é vontade, muita vontade. Instalações? Não importa. Não é essencial. Tal qual como na ginástica. Há para aí a mania de que são indispensáveis ginásios para a prática de ginástica. O sr. engenheiro diz que não. Ginástica faz-se em qualquer lado. Pois. Não há comissol? Faz-se de tronco nu. Não há calções? Faz-se em cuecas. Não há sapatos? Há os pezinhos nus. Ginásio é uma boa desculpa para não haver ginástica. Subsiste (digo eu) o problema dos professores. Mas a isso o sr. António da Bernarda dirá: «Ora essa, seja autodidacta! Nada de luxos. Para aprender não são indispensáveis as escolas.» E quanto a ginástica, se não se pratica de Inverno, pratica-se, de Verão, ao ar livre. Vamos muito a tempo.

Pede o sr. engenheiro a todas as pessoas que escrevam à Federação a fim de se informarem como podem praticar remo. É o que eu estou a fazer.

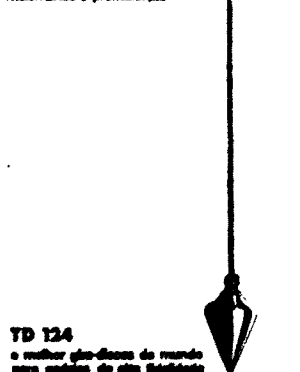
RECITAL POR SCHWARZKOPF

Foi muito bom de ver e ouvir o recital de Elizabeth

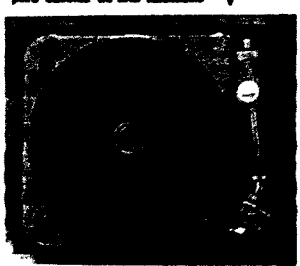
Schwarzkopf. Variados os motivos de agrado desta emissão, entre os quais o ambiente descontraído e acolhedor. Acontecem destes

paradoxos: uma cançoneta surge-nos, em TV Clube, acompanhada por 600 músicos para interpretar o belo perfume da eardinha assada na noite de St. António, da autoria de Malagula Sem Vergonha; Schwarzkopf

THORENS
preferido por
maestros e professores



TD 124 a melhor glória do mundo para escritores de alta fidelidade



PEÇA CATALOGO e não esquecer de pedir o PROPOSTO DO BOM VOLUNTÁRIO DE GABRIEL

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

MORADIAS — LUXUOSAS EM PAÇO D'ARCOS (e brevemente em Cascais)

LINHAS DE SIN-
TRA E CASCAIS
Especialmente
Amadora, Venda
Nova e Paço
d'Arcos

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

AMADORA PAÇO D'ARCOS

Frente à Estação do C. F.
e Reboleira

Espargal

Linda vista do mar

ANDARES

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.

Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

**IMPEN-
SARI**

Rapaz ferido pela explosão de dinamite

COVILHA 11 — O jovem José Augusto Baptista Rodrigues, de 11 anos, do sítio do Barro, encontrou, perto da residência, uma carga de dinamite. Ao brincar com ela para uma fogueira, deu-se a explosão, da qual resultou o rapaz ferido gravemente ferido. Recolheu ao Hospital Regional.

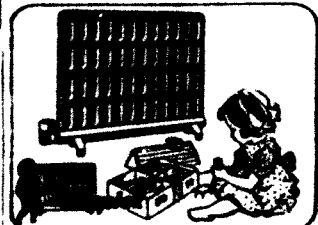
**BOLBOS
DE
FLORES**

DA
HOLANDA



dimplex

O Melhor Aquecimento do Mundo



RADIADORES ELECTRICOS A OLEO
COM CONTROLE TERMOSTATICO

**CAMPEONATO
NACIONAL
DE FUTEBOL**

(1.ª Divisão)

**ACADÉMICA-
SPORTING**

Domingo, 16 de Fevereiro

A C. P. organiza, em colaboração com o Sporting Club de Portugal, um comboio especial de Lisboa a Coimbra, e volta, no dia 16 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «Académica-Sporting», ao preço de 80\$00.

HORARIO

Partida de Lisboa
(Rego) 7-30 h.
Chegada a
Coimbra 10-38 h.

Partida de
Coimbra 20-05 h.
Chegada a Lisboa
(Rego) 20-21 h.

Bilhetes à venda na sede do Sporting Club de Portugal e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

CONCURSO PÚBLICO N.º 3/69

PARA ADJUDICAÇÃO DO «FORNECIMENTO DE SACOS PNEUMÁTICOS PARA O LEVANTAMENTO DE AVIÕES ATÉ 120 TONELADAS»

1. — Faz-se publico que, pelas 15 horas do dia 14 de Março de 1969, no edifício da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, e perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso publico para arrematação do fornecimento de sacos pneumáticos.

2. — Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisorio de Esc. 11.000\$00 (ONZE MIL ESCUDOS) na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas filiais, à ordem da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, mediante quitação passada pela Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade até às 15 horas da véspera do dia do concurso.

3. — O depósito provisorio pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil e devidamente aprovada por Sua Excelência o Ministro das Finanças, através da Direcção-Geral da Fazenda Publica.

4. — O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

5. — O processo encontra-se patente todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Repartição dos Serviços dos Aerodromos e Material de Voo, sita no Aeroporto de Lisboa (Telefone 728151).

6. — O programa do concurso e caderno de encargos respectivos, são vendidos na Secção de Inventário e Património da Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, sita na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 10 Fev. 1969

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata



Serviço Portugal/Mediterrâneo

para:

**MARSELHA
SAVONA**

para:

**LIVORNO (sv.)
GÉNOVA**

• n.º «Haida» em 15 de corrente
• n.º «Lindila Diane» em 26 de corrente
— ambos os navios escalam Leixões —

Os Agentes Gerais:



SOCIEDADE COMERCIAL
GREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 — TEL. 322271/32228/32229
LISBOA 2 - PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:

SOCIEDADE COMERCIAL GREY, O BARROS LEITE, LDA.

DESENGORDURANTE
INDUSTRIAL
A FRIO

Jizer

Rápido
Eficiente
Económico

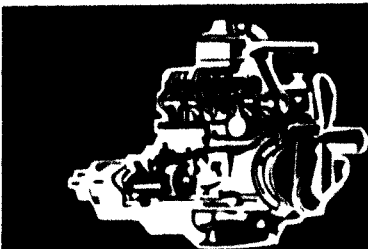
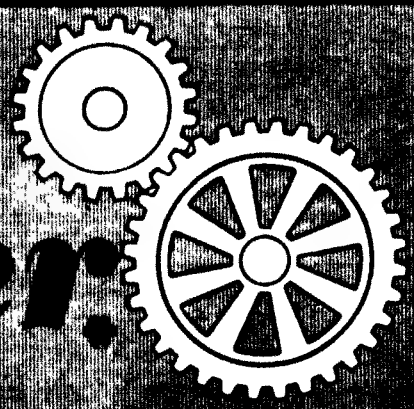
NÃO É CÁUSTICO
TÓXICO NEM CORROSIVO

PEÇA
UMA DEMONSTRAÇÃO GRATIS

Danisol

REPRESENTAÇÕES, LDA.

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 20, R/C D. TELFS 4 53 37/53 08 40 LISBOA-1



AMORTECEDORES PARA AUTOS E CAMIÕES

AMORTEX

GARANTIA

100.000 Km. ou 2 ANOS

CARAGEM CENTRAL

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lapa, Matosinhos, Paço, Avenida da Beirinha, Carvalhoso, Curvelho, Rotunda da Beirinha, Praça Marquês de Pombal, Rua do Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Baixa e Alta, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

«TELEX» DE MÁRIO ZAMBUJAL, DA HOLANDA

BENFICA EM MANTO DE NEVE

(Continuação da 1.ª página)

comandos benfiquistas. E eles que se preparavam para «metralhar» Eusébio à espera da história completa e pormenorizada do «jogo» mais célebre do futebol português... tiveram afinal de contentar-se com uma improvisada e rápida conferência de imprensa, numa sala que existe para o efeito no Aeroporto de Schiphol. Foi o responsável, o «inglês» Helder Vieira, que, entre outras coisas, afirmou ter tido enorme alegria ao ver sul de chegada a Amesterdão, a que lhe dava a ideia de a neve poder desaparecer o que permitiria afastar uma preocupação já que bastava a que era causada pelo próprio Ajax.

Do Funchal para o Barreiro

FUNCHAL, 11 — (L.) — Vai ingressar no Barreirense o futebolista madeirense João Arnaldo Ferreira, do C. F. Pátria.

A Federação Portuguesa de Futebol já comunicou à Associação de Futebol do Funchal que o pedido de transferência fora deferido.

Depois, viagem de autocarro até Wagenigen — local de boa tradição e magníficas recordações para o Benfica, pois foi lá que estagiou antes de vencer o Real Madrid, há sete anos, por 5-3.

No caminho, a 70 quilómetros da «sua» casa de dois dias, a comitiva almoçou num motel. Eram cerca de 14 horas. Duas horas depois voltou-se à estrada e através de uma paisagem impressionante e rara para olhos portugueses, o Benfica chegava ao hotel, cerca das 17 horas.

Distribuição rápida de quartos e jogadores em repouso até às 19 e 30. Seguiu-se o jantar e uma primeira conversa de Otto Glória com os seus pupilos. Intenção: começar a habituá-los à ideia de jogar sobre a neve.

A equipa treinou esta manhã

Hoje, cerca das 11 horas, os jogadores do Benfica que realizaram a viagem, dirigiram-se para o campo do Wagenigen (a cem metros do hotel) onde realizaram uma breve sessão de treino. Objectivos: desentorpecimento e muito em especial, adaptação à neve, já com os «pitons» e a utilização do «pezinho» que voou com a equipa desde Lisboa.

Depois, regresso ao hotel de onde o grupo não sairá até amanhã, depois do almoço. Nessa altura os jogadores

em campo mais cedo, do que obrigá-los a uma longa viagem de ida e volta, que teria de ser feita hoje, antes do jogo.

Entre os jogadores, excelente moral e equilíbrio. Nada de exageros. Toni, tem sido a «vitima» das brincadeiras dos colegas — na sua condição de estroante na «Taça dos Campeões». E o facto não pode passar despercebido entre os «sobreviventes» da célebre final de Amesterdão: Cruz, Coluna, José Augusto, Eusébio e Simões.

Otto Glória pode contar com todos os elementos de primeiro plano. Desta forma e inicialmente o Benfica deve alinhar com: José Henrique; Jacinto Humberto Coelho; Raul e Cruz; Coluna e Toni; Jaime Graça, Torres, Eusébio e Simões.

Inevável: os holandeses não conseguem esquecer uma enorme fé no apuramento. Portanto, na eliminação do poderoso e experiente Benfica, o resultado volumoso de sábado mas fez radicar esse optimismo — o que pode vir a ser bom para o Benfica.

Michéls, o treinador, concentrado com a sua equipa, mostra-se um homem difícil e até desconcertante, não dizendo muita coisa positiva. De qualquer forma «advinha-se» que a linha para amanhã, deverá ser esta: Bais; Suur Bier, Hulshoff, Vasoovic e Duven Bode; Groot e Muller; Swart, Cruilj, Nuninga e Keizer (Danielsson).

o que dará a espantosa e impressionante receita de 800 contos!

Nevou outra vez. E não se adivinham perspectivas de melhoria. Mas: as coisas podem piorar se se confirmar a descida de temperatura anunciada como possível. Se assim acontecer também aparecerá o gelo um «inimigo» bem pior do que a neve.

O Benfica aqui está outra vez. Conhece Amesterdão, onde já se cobriu de glória. E onde querará repetir a impressão deixada...

ESTA TARDE, DE AMESTERDÃO:

MAIS NEVE NA HOLANDA
MAIS OPTIMISMO NOS HOLANDESES

AMSTERDÃO, 11 — (Pelo telefone) — Os serviços meteorológicos holandeses prevêem, para os próximos dias, um aumento de intensidade dos nevões, que estão a sair sobre esta zona da Europa.

Amesterdão é uma cidade branca. As praças, os lagos (e, também, os campos de futebol) estão cobertos por uma espessa camada de neve. Só uma cuidadosa e insistente limpeza das ruas permite o tráfego normal. Mas, esse tráfego processa-se com extrema prudência: para evitar acidentes.

Tudo indica, portanto, que será em condições inadequadas, totalmente fora dos seus hábitos, que os futebolistas do Benfica vão defrontar os do Ajax, na terceira eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus».

Grande optimismo holandês

Um milhão de florins (oito mil contos), fora uma verba-extra, pela transmissão de TV: receita prevista. Raramente um jogo de futebol foi rodeado de tão grande expectativa — e zombaria aqui, em Amesterdão. A neve e o frio não quebraram o entusiasmo do Ajax, ainda que o espectáculo vá sofrer com isso.

Os jornais, a Rádio, a Televisão, não se cansam de animar o Ajax, afirmando que o Benfica não se encon-



Otto, no sábado, foi «captivo». E no final do jogo, Muller, o nº 7 do Ajax, com a filha ao colo, fez questão de se fotografar com o treinador benfiquista. Hora de confraternização, portanto.

tra como nos seus melhores tempos. E Eusébio faz menos golos do que antigamente, num passado ainda próximo.

As duas equipas mantêm-se nos estágios: a 30 quilómetros daqui, o Ajax; a 80 quilómetros de Amesterdão, o Benfica.

— Eles estão muito habituados a sistos. E foi assim, num campo coberto de neve, que eliminaram uma equipa da categoria do Liverpool — disse-nos, esta manhã Otto Glória.

O Benfica, já na Holanda, comprou «pitons» especiais, próprios para a neve. Toda a equipa está em condições de alinhar. E, esta noite, a Televisão holandesa apresentará uma grande reportagem com os portugueses. Entretanto, um «slogun» corre de boca em boca:

— Do Eusébio actual, não vem mal para o Ajax... — afirma Michéls, o técnico da turma holandesa. Mas, será mesmo assim? Veremos, amanhã.

MÁRIO ZAMBUJAL

BADMINTON

AINDA NÃO HÁ CAMPEÃO...

Esperavase que o campeão de Lisboa por equipas, de 1968-69 ficasse anteciente conhecido, após a realização da final, que o Benfica e o Internacional «exigiram», quando concluíram a prova em igualdade — cada um com 16 pontos.

Mas... não aconteceu assim. O encontro de desempate terminou com o resultado de 3-3, que nada custa a aceitar e é, sem dúvida, mais consentâneo com as possibilidades das equipas do que foram as expressivas marcas obtidas pelo Benfica (no encontro da 1.ª volta) e pelo Internacional (no da 2.ª).

Pois a igualdade verificada no sábado, após os «carnados» terem conduzido a luta com as marcas de 1-0, 2-1 e 3-2 foi o pior que poderia ter acontecido a Vilfredo Ribeiro (Int.) e Mar-

ques da Costa (BF) sobre quem impende, agora, a responsabilidade de decidirem, entre si, o problema, num encontro suplementar, marcado para 5.ª feira, às 21 e 30, na Escola Nuno Gonçalves.

E, para finalizar, vejamos o resultado do encontro da final. Assim:

José Bento (BF) v. José Novais, por 16-17, 17-15 e 15-11; Tomás Matoso (Int.) v. Luís Barroso, por 15-6 e 15-3; José Azevedo-R. Damásio (BF) v. Ribeiro José Novais, por 15-9, 4-15 e 15-9; Pinto Alves professor F. Lemos (Int.) v. Marques da Costa-Flores Tavares, por 15-12 e 15-5; José Bento (BF) v. Tomás Matoso, por 15-4 e 15-12; Pinto Alves professor F. Lemos v. José Azevedo-R. Damásio, por 15-12, 14-17 e 15-4.



Este é Cruyl — o «Eusébio» do Ajax — em acção no sábado contra o D. O. S. Resultado: três golos — e que é aviso para o Benfica. E como se vê a neve para os holandeses é, nesta altura do ano, uma «intimidade».

DES
POR
TO

res viajarão de autocarro para um hotel de Amesterdão onde lancharão e pernoitarão depois do jogo. Otto Glória marcou a partida para o estádio para uma hora e meia antes do início do encontro.

Iluminação forte de mais

Todos o dizem: a iluminação do Estádio Olímpico é tão boa... que até fere Otto Glória, porém, não levará lá os jogadores. Prefere — segundo ele próprio o disse — que os seus jogadores entrem

Mas nada se pode garantir.

Quanto ao entusiasmo pelo jogo, é impressionante: apesar de se saber que a Televisão fará a reportagem directa a lotação está esgotada.

MORREU MARTY SERVO

ANTIGO CAMPEÃO DE BOXE

PUEBLO (Colôrado), 11 — (A. N. I.) — Vittmado pelo cancro, faleceu nesta cidade, com 48 anos, o antigo campeão mundial dos «meios-médios» Marty Servo, que bateu adversários de todos os «pesos» durante a sua carreira.

O campeão, devido à doença de que veio a falecer esteve numa cadeira de rodas durante os últimos cinco meses de vida.

Natural de Schenectady (Nova York), Servo ganhou 91 dos seus 95 combates como amador, incluindo o campeonato das «Luvas de Ouro», de 1937 na categoria de «meios-leves», antes de passar a profissional em 1938.

O ponto máximo da sua carreira chegou em 1 de Fevereiro de 1948, no Madison Square Garden, dia em que conquistou a coroa mundial dos «meios-médios», batendo por K. O. O. ao quarto assento o campeão Ed Cochran.



Estádio Olímpico de Amesterdão — o mesmo onde, em tarde brilhante de sol, há sete anos, o Benfica fez vergar o orgulhoso Real Madrid e conquistou o seu segundo título europeu. Agora, as bancadas e a relva, cobrem-se de neve, branca, poética, mas «inimiga» dos futebolistas de uma terra onde o Sol é cariz de S. Maria. E aqui e quase nadas condições que o Benfica jogará, amanhã às 20 e 15 com o Ajax. Perigo na rota dos portugueses: o adversário e o manto neve e branco — bom para poetas e não, para o verso de pé quebrado do músico...

YUSTRICH: O TREINADOR MAIS EM FOCO NO BRASIL

BELO HORIZONTE (Brasil). 11 — (L.) — Derival Kalpell (Yustrich) é hoje, certamente, o treinador mais em foco no Brasil, tendo levado o Atlético Mineiro ao primeiro plano. Ele é, também, aquele que mais suscita o interesse da imprensa



YUSTRICH: treinador do Atlético de Portugal

desportiva brasileira, não apenas pela brilhante carreira que o seu clube tem tido, mas, igualmente, pela oportunidade e actualidade de que se revestem sempre as suas declarações.

Assim, falando no jornal «O Globo», do Rio de Janeiro, Yustrich começa por dizer que são «obscuros» as acções de que os resultados que obtém com o Atlético são devidos à utilização do «shopping». E acrescentou: «Meus métodos de estimular a equipa são bastante simples: primeiro, exijo que o clube cumpra em dia as suas obrigações contractuais com os jogadores. Com os salários devidos, no bolso, começam as exigências dos jogadores. Treinos, no mínimo, de cinco horas por dia, para que todos se aprimorem fisicamente e também corrijam os seus erros. Para os meus jogadores, proibido terminarem de noite em «boites» e bares, festas e coisas parecidas. Ten-

to que eles não estranham mais o regime de concentração, habituados a floarem isolados das extravagâncias durante o resto da semana. Pretendo com isso mostrar que os jogadores da minha equipa têm direitos — e o clube os cumpre — mas que estão obrigados a deveres profissionais, pois o futebol não é circo. Quem não gostar, procure outra profissão. Os resultados estão aí. Fôlego para jogar três horas. E, como tem gente aí nem conseguindo jogar dez minutos, a disparidade fica flagrante. E só usarem os métodos de profissionalismo constante que empregamos e verão que não é preciso «shopping».

Treinador da selecção do Brasil

O derivaliano treinador, que não esquece Portugal (uma propriedade do Futebol Clube do Porto), é também um sentimental e assim, narra a que um dia os dirigentes do futebol brasileiro se lembraram dele para ser o técnico da selecção do Brasil.

Diz, a propósito: «O negócio era saber se eles acceitariam as minhas ideias, pois na selecção eu não deixaria de ser o Yustrich que trabalha nos clubes, para evitar que o futebol brasileiro se submeta aos caprichos de alguns saracotes».

Estou disposto a batalhar nesta cruzada para que o futebol brasileiro recupere a sua posição, acabando com a irresponsabilidade que há por aí, primeiro passo para que possa adoptar formas ou fórmulas técnicas e táticas

condizentes com o progresso do futebol. Depois, será fácil partirmos para conquistar novamente o plano principal deste desporto no Mundo».

Depois de frisar que nunca prometeu sucessos, apenas garantindo que consigo todos terão de estar em condições de lutar até ao final de cada partida, o antigo guarda-redes do velho Andaraí revela, com humildade, que aproveita todas as oportunidades para aprender, o que explica ter seguido, atentamente, o treino de húngaros e jugoslavos que recentemente actuaram em Belo Horizonte, e cujos técnicos lhe comunicaram que os métodos de treino que utiliza são bastante perfeitos com os que se adoptam actualmente na Europa.

Finalmente, a entrevista no jornal «O Globo» encaminha-se para os dotes do pelotinho de Yustrich, que o tornam capaz de denunciar todas as manhas e vícios dos futebolistas, facto que ele próprio considera ser a razão de o julgarem rigoroso. E o técnico conta, a esta he de folclore, um pormenor da sua vida familiar:

«Tenho uma filha que, para meu orgulho de pai, tem o curso completo de Psicologia, tirado, aliás, com brilhantismo. E sempre lhe digo que quando ela precisar, terá em mim um campo ideal para as suas experiências científicas».

Para Yustrich, derrotado no Brasil como em Portugal, mas que se impõe, sem reservas, pelo seu modo honesto de trabalhar, que apesar de tudo, tem dado sempre os melhores resultados

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL. — Campeonato Nacional da II Divisão, Zona Sul Internacional. Oriental e Técnico-Ateneu, no Técnico, às 21 e 22 horas; C. Quebradense-Luso e Belenenses-Vitória, no pavilhão da Ajuda, às 22 e 23 e 18 horas; Seixal Atlético no Seixal, às 21 e 30.

— Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, feminino: A.D. da Encarnação-C. U. F. e Internacional-Benfica, no pavilhão da Ajuda, às 21 e 16 e 22 e 15.

VOLEIBOL. — Torneio feminino, com a participação das equipas do Benfica, Leixões e Slavia Universitá de Bratislava, no pavilhão da Luz, a partir das 21 e 30.

Eleições no Benfica em hora de expectativa

Hora de expectativa em plena (e febril) preparação das eleições no Benfica. Não há, agora, notícias de renúncia, confirmando-se a existência de três listas: dr. Borges (continua oficial), comendador Adolfo Vieira de Brito e Fernando Martins (oposição).

Ontem reuniu-se a comissão que trata da elaboração da lista oficial. Presentes o prof. dr. José Maria Gaspar, Manuel Almeida Oliveira, Francisco Roberto e dr. Luís Botelho, Roman Navarro, António José de Melo e Diogo de Aguiar.

Principais questões tratadas: escolha dos presidentes da assembleia geral e conselho fiscal. Nome sendo hoje concluídas algumas das elementos previstas para o preenchimento daqueles cargos.

Annuncia-se, entretanto, que no seu regresso da Holanda — onde se encontra com a equipa do clube — o comendador Adolfo Vieira de Brito apresentará a sua lista.

Falando, com insistência, no nome de Romão Martins, para a chefia do departamento de futebol.

O terceiro candidato, Fernando Martins, também terá o seu elenco definitivamente constituído esta semana. O comendado dirigente tem estado a efectuar frequentes e longas reuniões de trabalho com os seus mais directos colaboradores.



INSTANTÂNEOS

O MEU BARBEIRO

Não é o nosso (que não é certo) mas o do nosso camarada Carlos Pinhão. Um livro acabado de editar vem consagrar o barbeiro do apreciado jornalista-humorista.

Oferecemos um decê (isto não passa de uma força de expressão!) a quem conseguir ler esta obra apenas uma vez.

Como o barbeiro do Pinhão, todos terão de dar-lhe uma segunda passagem...



AS «AVES» MORREM DE PE

O Desportivo das Aves teve a honra de receber o Sporting em sua casa. E mostrou-se digno dela, pois bateu-se bem, dificultando a vitória dos elzebs.

Cala a modesta equipa nortenha na luta com um antagonista de grande porte. Mas de modo que a não diminui.

Podrá dizer-se, com propriedade, que os (e us) Aves morrem de pé.

A FORMAÇÃO DAS CHECAS

As voleibolistas checas do Slavia não são nenhuma analfabetas. Segundo informações que colhemos, a maioria delas é formada.

Porém, como se não deve cuidar apenas por informações, fomos vê-las em pessoa e ficámos

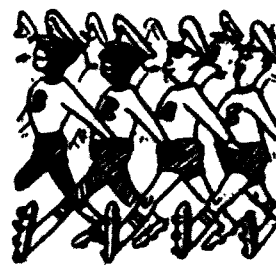
com a melhor das impressões. Acreditamos plenamente que sejam formadas.

E bem formadas, conforme nosso e sera! perceber (e mais vale ser do que parecer...)

POR GROSSO...

Segundo consta, um empresário espanhol pretende comprar toda a linha avançada do Bética. Talvez suponha que a meia dezena é mais barata...

Uma aquisição deste



A MARCAR PASSO

António do Passo, da C. B. D., anunciou que a selecção brasileira de futebol será preparada sob a orientação do Exército.

O facto não deixa de ser estranho. Estamos

pénero não deixa de ser chocante. Até agora usavam-se as compras a retalho...

Mas, assim, por grosso! Não há dúvida que, como se dizia numa revista, «salvo o devido respeito, está tudo grosso».



MUITO BEM, VISEU!

As atletas do Académico de Viseu dividem-se em estudantes e empregadas. Dividiam-se!

As primeiras, numa demonstração de solidariedade que só as enobrece, arvoraram-se em explicadoras das segundas, que estudam agora também. A expressão «cidade progressiva», tantas vezes vãs de sentido, parece ter inteiro cabimento no que se refere a Viseu.

A avaliar pela qualidade das suas habitantes,

daqui a ver o «Rei» Pelé a bater a paia aos seus superiores.

Amigo do Passo, que ideia essa de obrigar os «comarinhos» a... marcar passo.

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

Acontecimentos

DE ONTEM

TENIS DE MESA

Início da «Taça de Portugal»

Nos jogos ontem disputados na área do distrito de Lisboa, a contar para a 1.ª fase da Taça de Portugal (seniores), apuraram-se os resultados seguintes:

Desp. Operário-Pago de Arcos, 0-3; G. I. P. Amoreira-Rodrigues Cordeiro, 3-1; Combatentes-Centro Católico, 0-3; Casa Pia-Sporting, 0-3; Arrados-Intendente, 0-3; Avila-Belenenses, 3-0; Amadorense-Luz, 0-3; Mirantes-Recoórdio de Apolo, 3-0; Moscaide-Benfica, vitória dos benfiquistas por falta de comparecimento do opositor.

Os jogos a contar para a 2.ª eliminatória terão lugar depois de amanhã.

Campeonato Regional de Juniores

Proseguiu ontem a fase final do campeonato de juniores, com os seguintes resultados:

Benfica-Ateneu, 3-0; Amadorense-Sporting, 0-3; Intendente-Católico, 5-0; S. L. Aguias-Lisgás, 3-2.

ANDEBAL

O C. I. F. à frente no Campeonato da III Divisão

Na sequência da fase final do Campeonato da III Divisão de Andebol de Sete, disputaram-se ontem os seguintes encontros:

Liga de Algué-Sporting da Penha (19-10) e C. I. F. Santa Catarina (21-13).

Mercé da vitória obtida, o C. I. F. isolou-se no comando da classificação.

BASQUETEBOL

Triunfo do Nacional sobre a Vitória de Setúbal (feminino)

Ontem à noite, no ginásio do Naval Setubalense, principiou a 5.ª jornada (última da 1.ª volta) do Campeonato Metropolitano Feminino. Zona Sul. Deixaram-se Nacional e Vitória de Setúbal, tendo o encontro terminado com a vitória das lisboetas por 37-23, com 17-10 ao intervalo.

VOLEIBOL INTERNACIONAL

AS CHECAS DO SLAVIA ESTA NOITE NA LUZ

Hoje, no Pavilhão do Estádio da Luz, realiza-se um Torneio Internacional de Voleibol feminino com o seguinte programa:

Benfica-Leixões, às 21 horas; Leixões-Slavia, às 22 horas; e Benfica-Slavia, às 23 horas.

Idéia feliz e bem aproveitada, com a qual só beneficiarão as atletas portuguesas em virtude da falta de contacto internacional que possuem.

Ontem, a equipa do Slavia foi oferecido pelo Benfica um passeio, visitando o Estoril, Cascais e Sintra. Em Lisboa, deslocaram-se ao Castelo de S. Jorge e à Cidade Universitária, donde seguiram para o Estádio da Luz, onde treinaram das 20 às 22 horas. Neste treino as checoslovacas exercitaram a comparticipação

das jogadoras do Benfica, que se sujeitaram a uma sessão repleta de interesse e de ensinamentos por parte das nossas visitantes.

A equipa do Slavia segue amanhã de manhã com rumo a Madrid, onde efectuará um encontro na capital espanhola, seguindo depois para Bratislava, onde defrontará o Benfica no próximo domingo, no encontro da 2.ª edição dos jogos de final da Taça dos Campeões Europeus.

NACIONAL — Maria Carvalho, Lucinda Machado (8); Maria Seabra (22); Lucinda Casanova (4); Ana Santos (1); Maria Madeira (2); Idalina Almeida e Ana Sousa.

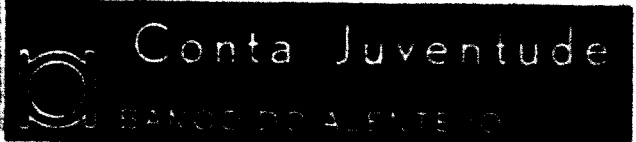
Completados os corpos gerentes da F. P. Ginástica

Reuniu-se, ontem, o Congresso da Federação Portuguesa de Ginástica, em sessão extraordinária, para apreciação, discussão e votação de propostas da direcção, admitidas em congresso extraordinário de 1 de Outubro de 1968 e de uma proposta do presidente do congresso, para a concessão de medalhas, além da eleição para preenchimento dos cargos vagos nos corpos gerentes.

Presidiu o sr. ten. cor. Lúlio Ribeiro, e durante a reunião foram apreciadas diversas propostas entre as quais a eleição de major Garcia Alvares para sócio de mérito da F. P. G. e a atribuição de medalhas ao dr. Manuel Fradinho e à secção de ginástica do Sporting. Ambas as propostas foram aprovadas por aclamação.

Por fim foram eleitos para os cargos vagos nos corpos gerentes os srs. Herlander Silva Fonseca, António Fernando Mota Guerra, Maria Margarida Sá e Campos e Nelson Seromenho respectivamente para os cargos de 2.º secretário do Congresso, secretário relator, 3.º vogal do Conselho Técnico e presidente do Conselho Fiscal.

Conta Juventude



CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 8866
As 3 e 6.15 da tarde
e 9.30 da noite
**FRANK SINATRA, RAQUEL
WELCH e DAN BLOCHER**
(da «Bonanza»)
no filme policial
**UMA MULHER
NO CIMENTO**

POLETEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
Permanente gargalhada
com **CARLO DE OLIVEIRA**
**O LADRÃO
DE QUEM SE FALA**
A maior farsa do cinema nacional
**CINEMA - VARIEDADES
E BAILE**
Pedir programas na bilheteira
Bilhetes à venda

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 626743
As 15.15, 18.30 e 21.45
7. SEMANA
O discutido filme de Charlie
Chaplin

**A CONDESSA
DE HONG-KONG**
com Sophia Loren e Marlon
Brando
TECHNICOLOR
Métris Plocas

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 326768
As 15.00, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
**OS CANHÕES
DE NAVARONE**
com Gregory Peck, Anthony
Quinn e David Niven

Atenção: a primeira «matinée»
tem início às 15 h.

**ESTÚDIO
444**
(Adultos) Tel. 73987
4 SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um homem entra em casa de
uma mulher só e fica...
**LE VIOL - o desconhe-
cido desejado**
com Bibi Andersen e Bruce
Cresser
EASTMANCOLOR

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 618375
As 21.30
O êxito de uma canção inspirou
uma bela comédia
**QUANDO DICO
QUE TE AMO**
Tony Bonis, Laila Falana,
Catarina Caselli

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
As 15.15 - 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
NOITE DE VIOLENCIA
(Rough Night in Jericho)
com Dean Martin - Jean Se-
mon - George Peppard

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 84153
As 15.15, 18.30 e 21.30
3.ª SEMANA
Um filme fora de série
A BRIGADA DO DIABO
com William Holden, Clint
Robertson e Vince Edwards

ROMA
(Adultos) Tel. 787778
As 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de humor e violência
FLOR AMARGA
com Mireille Darc
Eastmancolor - Francosco
CARNIVAL - Bilhetes à
venda - Programa em dis-
tribuição

LUMIAR
(M. 17 anos) Tel. 791574
As 21.30
ESPLendor NA RELVA
com Warren Beatty - Fátima
— AR CONDICIONADO —
— PARQUE PRIVATIVO —

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763880
2.ª SEMANA
As 15.45 e 21.45
G. Peppard num filme in-
ulgar
NOITE DE VIOLENCIA
(Rough Night in Jericho)

LIDO
Tel. 93 75 93 AMADORA
As 21.30 (M. 17 anos)
**O PERFUME
DO DINHEIRO**
Uma comédia de alto nível
com Rex Harrison

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
As 21.45
Dois monstros do cinema
frente a frente num filme
fora de série!
**CHARLES BRONSON
ALAIN DELON**
ADEUS AMIGO
COLORIDO

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
A MULHER DESCONHECIDA
FANTASMAS EM FÉRIAS

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 686134
As 15.00 e 21.30
2.ª SEMANA
20 mm em «cores» gigante
**AS SANDALIAS
DO PESCADOR**
com Anthony Quinn, John
Werner e Sir Laurence Olivier

QUENZENA DO BURLESCO
Amanhã - Adultos - As 18.30 h.
BOMA ERA ASSEM,
de Richard Lester,
com Zero Mostel, Phil Silver,
Buster Keaton, etc.
Dia 14: Há Festa na Aldeia
(M/ 12 anos)

IMPERIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
Não foi uma vulgar história
de amor
TECHNICOLOR
ROMEU E JULIETA
Um filme de Franco Zeffirelli
com Olivia Hussey e Leonard
Whiting

ESTÚDIO
As 15.30, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Um filme sobre os ídolos do
nosso tempo com Bob Dylan,
João Bess e Donovan
EU SOU BOB DYLAN

CONDES
Tel. 52 45 23 22 67 18
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Ad.)
3.ª SEMANA
ADEUS AMIGO
(Adieu L'ami)
COLORIDO
de Charles Bronson e Alain
Delon num filme fora de série

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
O filme de Claude Chabrol
**CHAMPANHE
ESCANDALOSO**
com Anthony Perkins, Mauri-
ce Ronet, Yvonne Furneaux
Technicolor - Techniscope

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 48933
As 21 horas
**PARIS-ISTAMBUL SEM
REGRESSO**
**FANTOMAS PASSA
AO ATAQUE**

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 536353
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
ULTIMAS EXIBIÇÕES
**A CAÇADA
DO MALHADEIRO**
com Fernando Grunz
e Carmen Maura
EASTMANCOLOR
Em complemento
**MOÇAMBIQUE - MISSAO
DE COMBATE**
Documentário colorido

**CASINO
ESTORIL**
(M. 12 anos) Tel. 360729
As 17 e 21.30
**O ELOGIO
DA PREGUIÇA**
com Philippe Noiret - Françoise
Brion - Martine Jobert

**CHIADO
TERRASSE**
(M. 17 anos) Tel. 328017
As 21 horas
A NOITE E PERVERSA
A COLINA DA SAUDADE

CONCURSO
«MAJA DE PORTUGAL»
com o patrocínio da IBERIA
(Linhas Aéreas de Espanha)

Nome

Morada

Idade Profissão

Junta das fotos (uma de rosto e outra
de corpo inteiro) e remeter para o «Diário
de Lisboa» Rua Lus Soriano, 44-48, Lisboa

FARMACIAS
DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Colô-
da da Ajuda, 22 (638256) *
Tepede, Lda, Colô da Tapada,
83-A (63472)
ALCANTARA — Ester Nogueira,
R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antónia,
Lda, Av. Almirante Reis, 88-B-C
(44773) * Megalhães, Av. Al-
mirante Reis, 4-D a 4-F (42479)
ALVALADE — Libia, Av. da Gre-
a 4-B-C (7168) * Marbel,
Av. de Roma, 3-A (17635)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça
das Águas Livres, 8-D (6855)
AREIRO — Lusitana, Av. de Ro-
ma, 8-A (725431) * Chinda,
Rua Agostinho Lourenço, 6-B
(71033)
ARROIOS — Fonseca, R. Car-
valho Araújo, 46-B-C (84708)
AVENIDAS NOVAS — Providência,
R. D. Filipe de Vilhena, 9-C
(770324) * Sá de Bandeira, R.
Marquês Sá de Bandeira, 36-42
(4196-5467) * Oliveira Viei-
ras, R. Vitoria 29-A (48966-
55360)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira,
Pr. das Casas Novas, Lote 66
(31072)
BAIXA — Formosinho, P. das Res-
tauradores, 8 (30927) * Mer-
mel, R. da Prata, 220 (3242-
37553)
BENFICA — Benfitez, Est. de Ben-
fica, 44-A (78206) * Alegria,
Est. de Benfica, 80-A-B (7850)
* Progresso, Est. A-de-Mora,
64-C (702226) * Meade, Est.
do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE — Lindeia
— Rua Ferreira Borges 30
(660955) * Flinder — Rua D.
Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Renil, R. Rodrigo
da Fonseca, 153 (683438) *
Zenel, R. A. 82, Barro da Li-
berdade (651840) * Nova, R.
de Campolide, 297-C (687475)
CAMPO DE SANTANA — Penin-
sular, Campo das Mártires do
Pórtico, 7-118 (553308)
ESTEFANIA — Dêlia, Rua Aço-
res, 32 (52886)
ESTRELA E LAPA — Neves, Sec.
R. da Boa Vista, 6 Lapa 37
(661251)
GRACA — Higienica, R. Hecadoro
Saigado, 20-A (84436)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros,
R. do Lumiar, 22-24 (790332)
* Beira, Al. das Linhas de
Terra, 93-A-B (79113)
OLIVAS — Simão — Av. de
Berlim, R. D. 16-A (30581)
PALMAVA — Camé, Est. das La-
ranjeiras, 202-B (78084)
PEDROUÇOS — Miguel, R. de Pe-
drouços 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Delfon,
Av. Mouzinho de Albuquerque,

* OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — As 21 e 30: «Com-
panhia Internacional» (12 anos)

TEATROS

VILLARET — As 21 e 23: «A pre-
guica» (17 anos)
A B C — As 20 e 45 e às 23:
«Eles é que sabem» (17 anos)
TEATRO LAURA ALVES — As 20
e 45 e às 23: «O Jovem Ven-
troso» (17 anos)
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«Noite de Verbo» (12 anos)
CAPITOLIO — As 21 e 45: «Tan-
go» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 45: «Sabão
Fresco» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
e 23: «Grande poeta é o Zé»
(17 anos)

CINEMAS

CINEARTE — As 21: «Boa Sorte
Gringo» (12 anos)
ROYAL — As 21: «Chuka» (17
anos)
PARIS — As 21: «A Deusa de
ouro» (12 anos)
OLIMPIA — As 19: «Tarzan e os
inimigos da Selva» (12 anos)
ARCO IRIS — As 21 e 30: «Pa-
saporte diplomático» (12 anos)
JARDIM — As 21: «O estrangeiro»
(17 anos)
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Os
longos dias da vingança» (17
anos)
A VOZ DO PERÁRIO — As 21:

«A hora do Furo» (7 anos)
DESPORTO ALEGRIA — As 21:
«A ultrapasagem» (17 anos)
SALAO LISBOA — As 9: «Norman
Jornalista» (12 anos)
UNIVERSAL — As 21: «Quando
tu não estás»
PROMOTORA — As 21: «O ve-
conde não perdona» (17 anos)
CINE-ORIENTE — As 21: «A últi-
ma volta» (17 anos)
S. L. BENFICA — As 21 e 45:
«Há na a um homem novo»
(17 anos)

● Linha de Cascais

ALBES — STADIUM — As 21 e
5: «24 horas da vida de uma
mulher» (12 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As
21: «Este homem é perigoso» e
«O marido é meu mal» e
«Quando me apertares» (17 anos)
PARADE — ROYAL-CINE — As
21: «Vingança de Pecosa» e «O
caso por testemunha» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — As 17 e
21 e 30: «O elogio da pre-
guica» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «As duas orfãs» (12 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE UNIAO —
As 21: «Música no coração»
(12 anos)
DAMAIA — O JOAO V — As
21: «Ataque à muralha da Atlân-
tica» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE PORTU-
GAL — As 21: «Madame X»
(17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «Yang»
— «Tá em chamas» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
21 e 15: «Terror na Luna Pa-
ques» e «A última vez que vi
Paris» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE CHARY
— As 21: 30: «Técnica de
um espido» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL —
As 21 e 30: «As minhas pi-
lolas» (12 anos)

● Outro Bando

ALMADA — INCRIVEL — As 21
e 15: «O último comboio de
Katanga» (17 anos) e «ACADE-
MIA» — As 2 e 15: «Os
dois oficiais» (17 anos)
BARREIRO — CINE BARREIREN-
SE — As 21: «O telefone ta-
tal» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIAO
ARTISTICA — As 21 e 15:
«Chubasco» (17 anos)

VENDA NOVA — Nova e Elas
Garcia O 193920
COLARES — Colares Norte —
(Tel. 299088)

● Outro Bando

ALCOCHETE — Gamito — As
21 e 15: «Os santos toros» —
(124 00)
ALHOS VEDROS — Guimões R.
— «Ondas do Rio» — (410)
ALMADA — Salena R. — (101)
Leitão, 85 (276050)
BAIXA DA BANHEIRA — Alibi-
ca, Est. Nacional — (4302)
BARREIRO — Higienica — D.
Manuel — (1111)
COVA DA PIEDADE — Castro
Rodrigues P. 5 de Outubro 62
(120121)
MOITA — Silva Rocha, P. 30 Re-
publica — 6 (Te. 23904)
MONTIJO — Giraldo — R. Al-
mirante Reis, 45 (23008)
SESIMBRA — Lopes R. — «Ondas
do Rio» 61 (Tel. 22908)
SETUBAL — Costa, Largo do Mi-
o do Brasil (Te. 24788)
«Ondas do Rio» 22160 — Brest,
SEIXAL — Godinho L. — (1111)
e (Te. 22908)

SERVICOS
URGENTES

Telefones

AQUA, GAS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Águas 661553
* Companhia Reunidas, 637011
* Gásdão 58821 e Gásd-
ão (dom e feriados), 882069.
BOMBEIROS — Sapadores 22223
* Voluntários 58524
POLICIA e G. M. R. — serviço de
emergência, 115 e Segurança
Pública 66141 e Judiciária,
53588 e Medicina, 626456 e
Internacional, 862721 e Vi-
gilância e Trânsito, 42205 e G. M.
R. (área rural) 68665
SAUDE — Cruz Vermelha 66342
* Enfermagem permanente,
766161 e Enfermagem de ur-
gência 43738 * Hospital de
Santa Maria, 775171 * Hospi-
tal de S. José, 860131 * Sen-
que, urgência e socos 771168
e 771169 * Transfusões de so-
re e urgência 58524 * Centro
de intoxicações (informação),
767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto,
720111 * Caminhos de ferro
(C. P.), 860229 * Caminhos de
ferro (Estoril), 861121 * Está-
ção fluvial (T. Page), 825345 *
Estação Marítima de Alcântara,
66195 * Estação Marítima de
Roche, 672445 * Estação fluv-
ial (Belém) 638331

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B
Tel. 57378
(frente
à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
SALADA YO LYH
e o clássico arroz Chao Chao

MINABELA

Restaurantes
Churrasco
Pastelaria
Diariamente
várias especialidades
AMADORA — Tel. 939191/2
QUELUZ — Tel. 951611

MONTE ALTO

Rua Filipe Folque, 10-B-C-D
Tel. 51885
TODOS OS DIAS PRATOS
VARIADOS
SALADA DE BANHETE
SALADA DE CASANHETO

BOM APETITE

Música,
muita música,
UM CARNAVAL ALEGRE!
Um CARNAVAL completo num ambiente
DIAS DISTINTAMENTE FAMILIAR
VARIEDADES NOS DIAS 15 E 17
INFORMAÇÕES PELO TEL. 790211
15 RESTAURANTE
16 QUINTA DE S. VICENTE
17 TELHEIRAS DE CIMA, 144
18 (2.ª CIRCULAR AO CAMPO GRANDE)
Parque privativo para automóveis
Fevereiro
AR CONDICIONADO (Maiores de 15 anos)

TARANTELA

RESTAURANTE e SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Tel. 595208
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala de 1.ª andar para
Recepção
Lounge de 2.º andar

VIRIATO

RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2h)
Telefone: 53 67 58

Diário da Manhã

Publicidade em
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
 Editor João C. de Sá
 Sede: Rua Lusitana, 44
 Telef. 32 02 71-28 e 32 11 84-5
 Publicidade 3 42 21
 End. 1.ª D. BOA, Telef. 1283
 Lisboa 2 - Portugal

FRANK BORMAN (PÁLIDO) CHEGOU A BONN



FRANK BORMAN

BONN, 11 — (R.) — O astronauta americano Frank Borman, que ontem adoeceu na Holanda, chegando hoje a Bonn, ainda pálido mas bem disposto, para fazer uma visita ao chanceler alemão.

para conversar e aprender com os cientistas alemães. Antes de partir da Holanda, Borman chegou a ter ontem 40 graus de febre, mas hoje a sua temperatura era normal.

Um informador oficial disse que o astronauta se

queixava, além do estômago, da garganta e dos intestinos e estava fatigado. Porém ontem à noite, a Embaixada americana na Haia disse que o coronel fora examinado pelos médicos, os quais o autorizaram a continuar a sua digressão pela Europa, tal como se encontra previsto. Assim, antes de regressar aos Estados Unidos visitará ainda a Itália, a Espanha e Portugal.

O tempo

SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o céu estava geralmente limpo, à excepção do Algarve onde estava muito nublado, o vento era fraco e moderado de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Roca, 15°; mínima: Penhas da Saúde, 5°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 9°; Faro, 9°; Lisboa, 5°; Penhas da Saúde, 3°; Portimão e Beja, 3°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na altitude de 650 m, na água do mar 18,4°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu em geral limpo, podendo ocorrer períodos de muito nublado nas regiões do Alentejo, vento fraco ou moderado de Leste, condições favoráveis à formação de geada forte nas terras abrigadas do Norte e Centro.

Amor
 Nascer às 8 e 32
 Ocorrer às 19 e 11

Mar
 Dia 16 Dia 24 Dia 4 Dia 11

MARÉS:
 PRAIA MAR: Dia 11 — 0 e 09 (3,1 m); 22 e 46 (3,3 m); Dia 2 — 12 e 43 (3,3 m); Dia 3 — 14 e 15 (3,3 m); Dia 4 — 16 e 17 (3,3 m); DIA LIXA-MAR: Dia 11 — 4 e 33 (1,6 m); Dia 17 — 5 (1,6 m); Dia 18 — 6 e 11 (1,5 m); Dia 19 — 7 e 18 (1,5 m); Dia 20 — 9 e 46 (1,4 m).

MORRERAM DE FRIO

CHRISTIANSHAAB (Grönlandia), 11 — (A. N. I.) — Numa cova de gelo foram hoje encontrados na região de Christianshaab (Grönlandia), os corpos de quatro pessoas da mesma família, mortas pelo frio.

O pai, de 51 anos, dois filhos de cinco e dois anos, e uma enteada de doze, tinham partido domingo para um passeio de trenó motorizado pela neve. As equipas de salvamento seguiram o rasto do veículo durante dois dias até encontrarem os quatro corpos gelados.

Julgase que foram apinhados por uma tempestade de neve e procuraram refúgio na cova.

MAIS UM...

CARACAS, 11. — (R.) — Um avião de passageiros venezuelano com 73 pessoas a bordo foi desviado para Cuba esta manhã.

Um informador da companhia venezuelana L.A.V. disse que o avião seguia para Caracas quando foi assaltado cinco minutos depois de ter levantado voo do aeroporto de Grano de Oro.

Na Jugoslávia MULHERES NA TROPA

BELGRADO, 11 — (R.) — As mulheres entre os 19 e os 40 anos ficam sujeitas ao serviço militar em unidades de defesa territorial do Exército Jugoslavo, nos termos de uma nova lei de recrutamento, aprovada hoje pelo Parlamento. Por outro lado, apenas os maridos que tiveram cursos superiores ou constituíram o único emprego das famílias terão um período reduzido de serviço militar, no prazo que todos os outros terão de cumprir 18 meses.

NA CECOSLOVÁQUIA

Os soldados russos instalam-se

PRAGA, 11 — (R.) — As autoridades militares soviéticas do norte da Checoslováquia pediram às autoridades municipais de Olomouc terreno para a construção de prédios de 12 andares destinados ao alojamento de militares soviéticos e das suas famílias, segundo notícias publicadas na imprensa local.

Segundo as mesmas notícias, a licença de construção foi pedida para um prazo de 15 anos, mas não se sabe ainda se as autoridades checoslovacas aprovaram o pedido.

Os soldados soviéticos vivem actualmente em quartéis do exército checoslova-

co em diversos pontos do país.

MARKO REGRESSOU A PRAGA

MOSCOVO, 11 — (A. N. I.) — Regressou hoje a Praga por via aérea o ministro checoslovaco dos Negócios Estrangeiros, Jan Marko, depois de uma visita oficial de seis dias à União Soviética — anuncia a agência noticiosa «Tass».

Marko encontrou-se com os «leaders» do Kremlin, incluindo o secretário-geral do Partido, Leonid Brejnev, o primeiro-ministro Kossyguine, o presidente Podgorny e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Gromyko. Foi a primeira visita que Marko fez ao estrangeiro, depois de investido no seu novo cargo.

Continua a agitação na Cisjordânia

JERUSALEM, 11 — (F. P.) — Uma granada explodiu hoje de manhã numa das ruas principais de Gaza. A explosão não fez vítimas.

Os alunos das escolas organizaram, por outro lado, uma manifestação nas ruas de Gaza. Atiraram pedras aos carros israelitas antes de serem dispersados pela Polícia.

Em Jerusale, a gente no vá andou a distribuir pan-

fletos incitando «a greve geral para protestar contra a ocupação israelita». Alguns deles foram presos.

A greve estudantil e comercial continua nas cidades de Tulkarem e de Napluse. Em Ramallah e em Bireh as escolas não abriram as suas portas, mas a greve dos comerciantes terminou.

A agitação na Cisjordânia ocupada, nomeadamente na zona de Gaza, dura agora há onze dias.

A «EL FATAH» DECIDIDA A LUTAR

CAIRO, 11 — (A. N. I.) — «Continuaremos a lutar mesmo que se chegue a um acordo político no Próximo Oriente», declarou o «leader» dos guerrilheiros da «El Fatah», Yasser Arafat, recentemente eleito chefe da Organização de Libertação da Palestina (P. L. O.), numa entrevista para o semanário egípcio «Rose el Youssef».

«Excluo a possibilidade de um acordo pacífico no Próximo Oriente porque os sionistas não são tão tolos que se retirem dos territórios ocupados», acrescentou Arafat, que salientou: «Não nos oponemos a que os países árabes diligenciem obter uma solução política, mas isto não significa que estejamos prontos a aceitar uma decisão que afirme a existência e a segurança de Israel».

Condecoração espanhola para o ministro das Obras Públicas

MADRID, 11 — (A. N. I.) — O chefe de Estado espanhol, generalissimo Franco, agraciou com a grã-cruz do Mérito Civil o ministro português das Obras Públicas, eng.º Rui Sanches, que recentemente visitou oficialmente a Espanha — informam os matutinos madrilenos.

«Em resumo continuaremos a lutar, mesmo que se imponha uma solução política» — acentuou.



Roy Wilkins, secretário executivo da N. A. A. C. P. (Associação Nacional para o Progresso das Gentes de Cor), foi recebido por Nixon na Casa Branca, tendo sido o primeiro dirigente negro a contrair com o novo presidente dos Estados Unidos da América.

RESTAURANTE MÓNACO

CAXIAS — TELEFONE 243233

A Gerência comunica aos seus estimados clientes que hoje se encontram reservadas todas as suas salas aos jantares e durante a noite.

ATENÇÃO AO CARNAVAL

DIA 14—FESTA DE ANIMADÍSSIMA INAUGURAÇÃO DESTA QUADRA COM LOTAÇÕES QUASE ESGOTADAS
BAILES — COM MUSICA CONTINUA DE SHEGUNDO GALARZA E O SEU CONJUNTO E O JÁ TÃO FAMOSO QUARTETO 44
 RESERVAM-SE SALAS PARA BANQUETES E CASAMENTOS
 DIR. DE OUTEIRO COSTA Maiores de 15 anos

SAPATARIA PARIS

268 — RUA DO OURO — 270

Aproveitem só até dia 15 os fins de colecções do nosso famoso calçado, por preços abaixo do custo.
 Exposição no interior do estabelecimento.

MISSÃO BRASILEIRA EM LISBOA

LUANDA, 11 — (L.) — Em quatro aviões, partiu esta manhã para Lisboa a missão aérea brasileira às comemorações do primeiro centenário do nascimento de Gago Coutinho.
 A missão, que deve chegar à capital cerca das 22 horas, reunirá-se em Lisboa com a Esquadra marítima que inclui o porta-aviões «Minas Gerais».

Conta Universitária BANCO DO ALENTEJO

FÉRIAS DE CARNAVAL

Com conforto, tranquilidade e belas paisagens
BUÇACO — PALACE HOTEL
CARCAVELOS — HOTEL PRAIA-MAR
COIMBRA — HOTEL ASTÓRIA
LISBOA — HOTEL METRÓPOLE
 Serviços especiais
 Informações e reservas
 nos hotéis e nas Agências de Viagens

TEREZA: um nome

por Augusto Frade

Diário de Lisboa
Juvenil
N.º 610
DOS JOVENS PARA TODOS

TRISTE HISTÓRIA DE GURIK

por Paulo Ferreira

Gurik vive ali
Gurik tem principalmente grandes árvores ali

Gurik gosta tanto de imitar uma escolta que pretege a sagração dos campos de cobalto contra a tempestade.

as noites de Gurik são saliva das vinhas porque Gurik pensa assim a união livre é água numa taça

Gurik vive ali
Gurik tem principalmente grandes árvores com seiva de caulimo ali

Gurik ama mais que tudo o tronco do pinheiro porque Gurik pensa assim um pinheiro conta a história dos escravos que se evadiram numa jangada de filhos que dormiam no ruído da lareira

Gurik vive ali
bem dentro da pequena paz no estanho da mão pré-nupcial que semeia os campos de centeio dentro dos cestos de limos

Gurik vê ao longe e pensa ah a cidade infantil Gurik não Gurik tu não abris as pálpebras para deixares os campos de goma

tu não pararas as mãos para perdeses a saúde nesse amargo de perseguição que é correr atrás de um horário sem fusos porque os teus dedos Gurik são raízes e não dedos não Gurik

tu não vais ingressar na cidade infantil ah a cidade infantil Gurik como é incompleta nas janelas sem o cobalto sem as vinhas sem o tronco do pinheiro sem os cestos de limos

não Gurik não queiras a ponte pensil com as suas nuvens de aço

nem os guindastes de império nem a reparação dos asfaltos ou dos esgotos de nata nem o cais tardiamente escondido pela imobilidade dos navios barrocos nem o cubículo perpétuamente escondido no estuque do sono incapaz nem o copo de suco de melancia nos salmos do trânsito nem a laranja seca nos beijos de bronze dos amantes nos becos lunares ah a cidade infantil Gurik Gurik vê ao longe

Gurik vive ali bem dentro da pequena paz Gurik tem principalmente as suas grandes árvores de balza Gurik tem principalmente o calendário da saibro com os sorrisos riscados Gurik tem principalmente a voz das salinas de cobalto Gurik tem principalmente a velha mosca que há dois dias que não dá leite de coco dá leite de cobra

eu queria e as minhas palavras despertavam sempre sorrisos a parte final da visita era passear no quarto em que estávamos sós o tempo necessário para que ela se aborresse e começava a compreender que isso era impossível e por fim quando ela abrisse a porta para se afastar dizer-lhe «sem papas» que não podia com ela repeti-lo e gritar até que ela se convencesse mas não se convenceu. A Teresa olhava para mim sem compreender... não era costume falar assim às noites.

OUTRO NOME

A idela não era má imaginar para os dois um mundo com o auxílio dela. Primeiro era necessário esquecer o hábito os caminhos estavam gastos as horas o tempo apodreceu o café porque os olhos dos outros caminhavam entre nós um mundo conhecido com leis e com remorsos esquecer a planície com os pés nus como fazíamos na praia e esquecer a praia também — já deu bastante aos pobres pode morrer descansada com a certeza que as esmolas ganham o céu — sentir apenas a luz até que a terra se cansasse ouvir o vento aspirar o perfume dos corpos tactear as pétalas saborear o tempo o tempo podre e por isso mesmo diferente-nosso. Fariamos o que ocorresse ao pensamento com a certeza que o pensamento destroi como ouvi ao hortelão — brincar com as tuas mãos para continuar o movimento e com as mãos mudar as montanhas ao longe em gestos delicados na

coisas feias dela e chamava-lhe atrasada. Foi um desejo brusco. Que eu e a Ana Maria nos conhecíamos há muito tempo é verdade porque nem os cães ladravam ao portão quando entrei como faziam aos outros mas preferia que o tivessem feito porque não sabia exactamente o que ia fazer — subi as escadas porque depois de almoço resolvera lá ir — aquela casa sempre me pareceu triste talvez porque estava sempre fechada e o jardim só tinha roseiras. Havia duas pessoas na cozinha quis que fosse ela e a mãe não me perguntou porque era necessário que fosse assim e o pai estivesse na sala de mau humor como também era necessário que eu entrasse sem cumprimentos e em seguida porque era a primeira vez não recusaria pedi-lhe para falar a sós com a Ana Maria acedeu porque o teria feito se o meu desejo era precisamente o contrário que ela se encolerizasse mas continuou a deitar açúcar no bolo ela era mais gulosa que os convidados para a festa que ia dar e eu devia ser um deles porque a filha não deixou de sorrir um sorriso viciado o pai excedeu tudo quanto podia esperar pôs-me o braço no ombro ultimamente há muito sobre a juventude enumerou-me pormenores que eu desconhecia obrigou-me a ter problemas e a admitir que os compreendia no tempo dele já era assim e por fim era a véspera da festa perguntou-me delicadamente o que «desejava» estive prestes a ir-me embora porque a visita não era aquela que

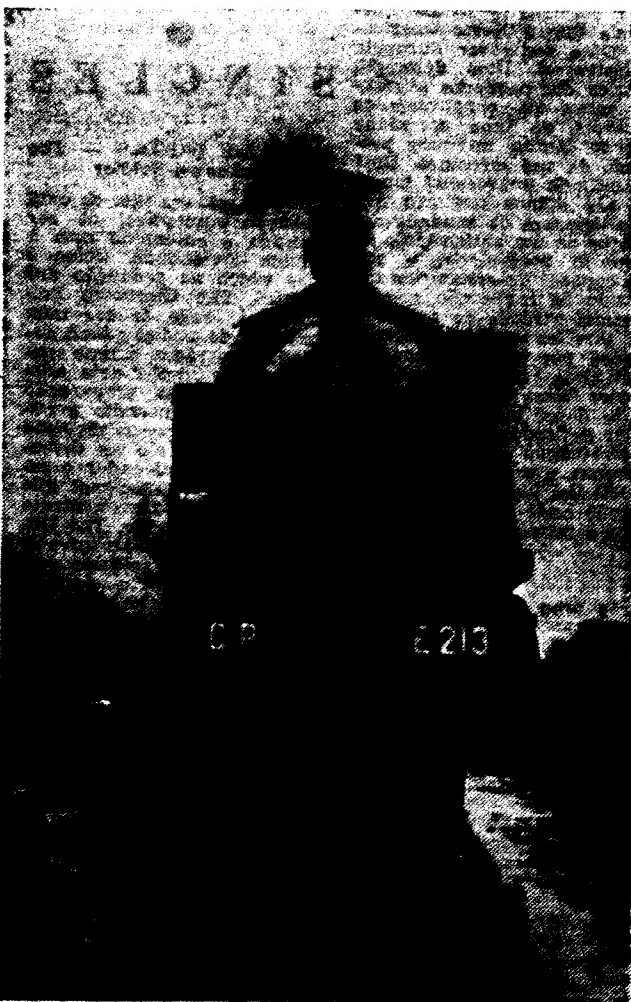
Fazia parte de um encontro pensado com vagar, enquanto caminhava cheguei a casa dela e no entanto a casa dela ficava ainda a uns 500 passos até me parece que a casa não é dela, é de uma amiga ou de um homem-de-fora mas logo que comeci a andar tive a sensação nítida dos seus gestos — gestos de mulher — e comeci a pensar o que havia de lhe dizer. Então pensei as palavras. Havia de lhe repetir depois como sempre e elas tomavam dimensão na medida em que eram sinceras ou não fossem carícias dos meus lábios esquecidos de murmurar orações. Portas sucediam-se de ambos os lados não admito a ninguém que se ria de mim quando sou sincero. Lembrem-me os bêbedos da outra noite a «berrar» o fado apeteceu-me berrar também mas tinham ficado para trás e esta porta — conheço-a bem — não conhece o fado ou talvez conheça mas a Teresa limita-se a repetir as boas noites de quem passa até as minhas a amiga dela faz parte das cortinas e passa a noite a escutar o que dizemos porque ainda não tem idade para namorar só o fez uma vez quando era mais pequena e quando o segredou a Teresa ela pôs-se a rir e depois jurou que havia de aprender e aprender para ela é fazer parte das cortinas.

Hoje fui visitar a Ana Maria. A Teresa conhecia muito bem a Ana Maria e até sorria quando eu falava nela porque se convenciu que o segredo dela era nosso mas enquanto ria eu pensava

ANTIGAMENTE

por

Mário Contumélias



«FRENTE A FRENTE»

Por PEDRO RIBEIRO SIMÕES

Vinham crianças vivas das escolas com pestas nos dentes nos olhos resas. Criança, vinham (entre outras gentes que então havia) de trazer luz nos artefatos e transportar joelhos nos joelhos. E vinha eu então com idade definida — os olhos deixados por aí — as mãos esquecidas, naigum corpo — o corpo que trazia o cheiro das pedras das estradas e das pedras de todas as coisas vivas. Tão vivas como eu dentes.

Andam para aí uns senhores das arábias a lamentarem-se que as estações de rádio não transmitem música portuguesa, e se dedicam cada vez mais ao lançamento da música de além-fronteiras.

Cabe perguntar que música portuguesa querem esses senhores: as pastiches sentimentais de Tony? Os gringos senhores da Madalena? Ou os folclore p'ra inglês ver, à Pedra Homem de Melo, folclore sofisticado sem razões nem Amor?

Por favor!... a tudo isso clare que se prefere — e constantemente — os Simon and Garfunkel, o Dylan, Beatles ou se quiserem os loconsequentes Aznavours e Sandie Shaws, tal como essa gama de cancionistas e conjuntos de 2.º ou 3.º ordem de mercado internacional. Sempre cantam qualquer coisa parecida com música e que fica no ouvido. Agora o que para aí corre como música portuguesa é que nunca!

TRABALHADORES RURAIS: SALÁRIOS

Numeros retirados do «Diagrama Social» — República:

Salários médios dos trabalhadores rurais em Agosto de 1968 (valores em escudos)

Distribuição	H	M
Aveiro	59,2	36,5
Beja	50,0	26,7
Braga	46,5	30,0
Bragança	49,0	26,5
Castelo Branco	54,9	27,5
Coimbra	59,4	38,8
Évora	43,8	22,5
Faro	57,0	37,5
Guarda	52,8	32,3
Lisboa	71,0	35,8
Lisboa	64,0	38,0
Portalegre	41,6	22,0
Porto	50,0	37,5
Santarém	53,8	33,3
Setúbal	53,8	31,0
Viana do Castelo	61,3	40,0
Vila Real	45,3	29,3
Viseu	51,0	31,0

Médias: 53,60 32,00

PAZ E JUSTIÇA, CAMINHO DE TODOS OS HOMENS

Um telegrama proveniente de Copenhaga e publicado nos jornais nórdicos

que os pequenos dinamiteiros vão passar a interessar-se pela actualidade internacional. É o caso que a televisão uma vez por semana passará a incluir uma espécie de telejornal em que se lhes contará o que vai pelo mundo. Garante o telegrama que esse telejornal será redigido em termos inteligíveis para as crianças.

Cabe perguntar o que se considerará termos inteligíveis. Subentende-se que a linguagem será clara. Contudo esperamos que a par desse esforço venha uma sã pedagogia interessando vivamente as crianças para o verdadeiro caminho de todos os homens — a Paz e a Justiça. Não interessará apenas narrar os acontecimentos mundiais. É mister tentar dizer às crianças por que se dão os maus acontecimentos e o que em contrário devia acontecer neste nosso mundo que amanhã lhes pertencerá. Assim sucedem pensamos que o exemplo dinamarquês — segundo se julga o primeiro país a tentar semelhante experiência — venha a ser seguido por outros países.

O NOVO NOME DE PAZ

Paulo VI na homilia por ocasião do Dia Mundial da Paz:

«A Paz não é uma flor que brote espontaneamente da nossa terra estéril, sem amor e regada pelo sangue. O desenvolvimento dos povos é hoje o nome novo da Paz».

Salientou ainda que as raízes da Paz mergulham no reconhecimento dos direitos do homem, tais como a liberdade religiosa o direito ao trabalho, igualdade entre os cidadãos, as possibilidades de vida a defesa dos fracos e a educação. E acabou por afirmar que no Mundo continuam a existir exemplos de homens que estão privados desses direitos ou de uma grande parte deles.

«Posso eu impor a um jovem esta sabedoria que só a vida ensina, recusar-lhe as suas ciberias e as suas injustiças que são o único meio de ele forçar o caminho da verdade? — Emmanuel Mourier».

ASSIM VÃO NASCENDO AS GRANDES ALEGRIAS PARA CONTRABALANÇAREM COM AS MUITAS TRISTEZAS QUE NOS INVADEM

A grande e maravilhosa aventura do Homem e a sua luta no dia a dia do Mundo. E este a girar em redor do eixo presenciando a guerra, as tentativas (frustradas) para o estabelecimento da Paz, as constantes injustiças e atropelos às liberdades individuais, as crianças que morrem de fome, que não recebem educação, a maravilhosa realização deste século — todos esses foguetões e naves vagueando pelo espaço e em que não sabemos mais que admirar mais se o apuro de uma técnica, se a coragem dos homens que se lançam à conquista do espaço. Em todos os dias uma gama enorme de factos que procuramos sempre lembrar e amar e aqueles que conhecemos mas preferimos ignorar para não nos darem cabo do sono e da digestão.

E assim os jornais dizem-nos que 2500 costureiros e desenhadores da moda de todo o mundo escolheram as mais bem vestidas do ano. E para orgulho nosso na lista das «dozes» mais bem vestidas figura uma portuguesa.

E esquece-se tudo para só lermos a notícia no jornal desfolhado numa manhã de mais um dia do nosso quotidiano.

DESTAQUE AS RAIZES FOLCLÓRICAS COMO ÚNICA FORMA DE FAZER MÚSICA GENUINAMENTE POPULAR

Por que há boa e autêntica Música Portuguesa. Tem uma riquíssima tradição folclórica. Experimentem dar uma volta por Trás-os-Montes ou pelo Alentejo. Por toda a parte o povo não se cansa de oferecer motivos. Gremos ser mesmo uma obrigação fornecer matéria-prima para todos os sensibilizados, para sejam pintores, músicos, poetas ou romancistas. Claro que o povo não tem culpa de que certos compositores, certos cantores da nossa época sejam cegos e surdos não lhe prestando atenção. A Música que é nossa, de raiz, composta de acordo com a tradição folclórica, preferem a musical-

mente recheada de lugares comuns e acanhados no âmbito da arte.

As raras excepções surgem apenas para lamentarmos mais a Música que poderia nos ter e que lamentamos em não possuir.

Quem nos resta? Quem está mesmo disposto a ouvir? Peter Paul and Mary ou Raulinho de Santa Maria de Portugal? Dylan ou Calvário? Beatles ou Os 3 de Portugal? Joan Baez ou Cidália Moreira?

E depois vêm uns senhores das arábias lamentarem-se da falta de música portuguesa nas estações de rádio. E vontade de brincar!

QUE MELHOR DESTINO PODE TER UM BOM POEMA DO QUE SER CANTADO?

LUIS CORANDELL

PANORAMA

ÁLBUNS • ÁLBUNS • ÁLBUNS

1.º — THE MOODY BLUES — In Search of the Lost Chord

O requinte máximo de uma encenação musical transposta para disco. É a afirmação categórica de um grupo que legou em 1968 uma experiência única em música popular. In Search of the Lost Chord, é um libelo contra o mau gosto, uma impugnação ao que é caduco, cabotino e fácil. Um desafio de continuidade. Um repto à imaginação criadora de cada um.

2.º — THE BEATLES — The Beatles

Um duplo Álbum que enferma do defeito único de ser duplo. Um trabalho que se fecha sobre si mesmo, reunindo o magnífico e o diáctico.

3.º — DONOVAN — In Search of the Lost Chord

Deve ser considerada como a obra máxima de DONOVAN. Um duplo Álbum que encerra todas as potencialidades de um criador insatisfeito, cujos objectivos de perfeição não conhecem limites.

4.º — SIMON & GARFUNKEL — Bookends

Em 1968, esta foi uma afirmação solitária de um criador que se situa na elite da moderna geração de poetas norte-americanos: PAUL SIMON. A interpretação do resultado classificativo deste Álbum deve tomar em conta a circunstância da obra ser constituída em 50 % na base de temas não inéditos. A destacar: Uma das mais maravilhosas organizações do ano que terminou. Um tema que vale por si só toda uma colecção. AMÉRICA.

5.º — DOORS — Waiting for the Sun

6.º — THE MOODY BLUES — Days of Future Passed

7.º — JEFFERSON AIRPLANE — Crown of Creation

8.º — BUFFALO SPRINGFIELD — Again

9.º — CREAM — Wheels of Fire

10.º — OTIS REDDING — The Immortal Otis Redding

É talvez a prova mais evidente de uma vitalidade expressiva que ainda não encontrou quem a substitua. É um Álbum que encerra todo um mundo de sugestões e princípios que tem servido como motivo de inspiração a toda uma geração de intérpretes de cor.

1.º — SIMON & GARFUNKEL — Mrs. Robinson

Mais, muito mais do que um tema agradável, musical ou líricamente, Mrs. Robinson é o mais acabado retrato de uma pequena e média burguesia que é Norte-Americana como podia ser Europeia e Universal. Uma descrição satírica dos pequenos e grandes mitos que constituem os alicerces de uma sociedade que se ignora no mais profundo da sua estrutura. Uma gargalhada irreverente lançada aos dignos senhores que se alimentam da saudade dos tempos de um antigo idolo do desporto profissional e que são capazes de assumirem um sentido de realização pessoal e social através do exercício de direitos políticos desvirtuados por um esquema bipartidário mistificador nas opções falsas que propõe. Onde se desape publicamente um viver definido pela tibieza na confrontação das realidades terrenas, a pretexto da garantia de um lugar reservado no mundo onde se galardoadam as boas e puras intenções.

SINGLES

SINGLES

SINGLES

4.º — THE MOODY BLUES — Tuesday Afternoon

O alargamento definitivo de uma concepção enriquecida com a consciência das infinitas possibilidades que se abrem à música popular. Um marco importantíssimo na evolução de um grupo de que nunca se desconfiou. Um requinte elevado a um grau praticamente inédito de sofisticada encenação orquestral.

5.º — NINA SIMONE — Ain't no-I got life

Presença de NINA SIMONE justificada por si própria. Presença também de um dos acontecimentos mais sugestivos de um acontecimento artístico da maior relevância no ano que terminou. Um título cuja posição obtida representa objectivamente a importância que se atribuiu à personalidade do intérprete.

6.º — DONOVAN — The Hurdy Gurdy Man

O primeiro grande ensaio de DONOVAN no aproveitamento de processos sonoros que tradicionalmente vinha mantendo à margem. Ainda e sempre uma poesia da máxima musicalidade. Um contraste maravilhoso entre a subtilidade do conteúdo lírico e a tranqüilidade na articulação interpretativa, com a novidade de uma intensidade rítmica e instrumental.

3.º — MANFRED MANN — Mighty Quinn

O grupo que é hoje talvez o mais brilhante arauto dos temas de Dylan. Mais uma exploração clara e linear, mais uma prova incontestada de uma plenitude musical. Uma gravação sumamente eficiente pela justaposição de um criador de génio a secretários inventivos.

7.º — BYRDS — Lady Friend

8.º — CREAM — Sunshine of your love

9.º — CANNED HEAT — On the Road Again

10.º — BUFFALO SPRINGFIELD — Mr. Soul

11.º — CREAM — White Room

(CONTINUA)

Aqui realiza-se a colaboração PANORAMA-EM ÓRBITA. Como no ano passado apresentamos o que «Em Órbita» seleccionamos para os seus ouvintes como as melhores da música anglo-americana em 1968. Votamos a utilizar o processo de se estabelecerem duas classificações distintas: uma para «singles» e outra para «long-plays».

ANGLO-AMERICANA 68

— SEGUNDO O «EM ÓRBITA»

RECEPÇÃO

por Alice Vassalo Pereira

E. BRANCO (Santo Amaro de Oeiras) — Esta tua última remessa de trabalhos prova que estás a evoluir consideravelmente. Mais atento à realidade, mais comedido nas expressões. É que sabes, tu às vezes... (desculpa!)... «choras» demais, e as lágrimas aqui não servem para nada. Os teus «instantâneos de uma festa» pareceu-me o melhor, embora pudesses ter explorado um bocadinho mais o assunto. O resto é ainda um pouco vago. Quanto ao ensaio sobre a juventude, fazes muitas citações, deves ter lido um monte enorme de livros e revistas, mas não passas das transcrições, e opiniões pessoais, originais (o que, neste assunto, já vai sendo difícil de arranjar no mercado.) Pouco ou nada nos dás. Vamos publicar os «instantâneos» e cá vou esperando que continues a melhorar.

H. CORREIA (Lisboa) — Estes teus últimos poemas são muito semelhantes aos anteriores. Talvez até sejam um pouco mais fracos. Nota que isto não é para te desanimar (até porque tenho a certeza de que não ias desanimar por tão pouco) mas apenas para te pôr de sobreaviso e para te fazer notar o que talvez até nem tenhas notado.

CLAUDIA ZINN (Lisboa) — Os três trabalhos que mandaste agora parecem-me muito ainda na linha dos anteriores, o que não admira muito porque uma pessoa não pode mudar de um dia para o outro... No entanto é bom que continues a escrever, que continues a exercitar-te. Mas não abuses muito daquelas exclamações lírico-saudosistas no estilo de «lembras-te?», «como éramos felizes!», etc. E também não abuses das reticências e dos pontos de exclamação. Verás que não são necessários. O potencial emotivo não é nesses que está. Podes ter a certeza. (Um pedido: escreve só num dos lados da folha do papel, está bem?)

M. MARCELO (Lisboa) — Espero mais trabalhos teus. Este não me deixou uma ideia muito exacta a teu respeito. De resto pareceu-me um pouco a «armar» ao intelectual, o que me irrita sempre muito. Mas até posso estar enganada. Só com meia dúzia de linhas à minha frente, como queres que eu te dê uma opinião? Ah, se eu tivesse uma bola de cristal! Ainda por cima agora, que parece que as bruxas estão na moda.

AR. MOUTA (Covilhã) — Por esta primeira remessa de trabalhos fiquei com uma impressão bastante boa a teu respeito. Parece-me, no entanto, que ainda há muito «palavreado» pelo meio, muitas expressões-trovoes-ribombantes.

*A vida é hoje
Lázi eternamente comprado
eternamente ausente ao som
[do diapasão]*

isto (apenas um exemplo) é demasiado rebuscado, ar-

tificial, não te parece? Mas, de qualquer modo, confio na colaboração seguinte.

ALFREDO (Montijo) — O teu conto é fraco mas podia não ser (até pareço o Senhor de La Palisse...) Porque não exploraste devidamente o assunto, limitaste-te a mostrar o teu personagem «por fora», muito pela rama e teria interesse em ser desenvolvido um pouco mais. Vamos tentar novamente?

JOAO F. MATEUS (Lisboa) — Pois é. Fazes poesia «para te distraíres» e o resultado só pode ser este...

*«Vou pelas ruas sem luz
Na treva da solidão
Que a lugar nenhum conduz
E nos mata o coração».*

(Não mata, podes estar descansado...) Quanto ao ensaio... Sabes, para se poder hoje escrever um ensaio sobre a juventude é preciso ter muita garra, ter lido muito, ter visto muito, para não se cair nas banalidades do costume.

M.ª ELVIRA S. F. (Barreiro) — Tu dizes que és uma pessoa felicíssima (ainda bem!), que jamais sofreste uma desilusão (idem). E os teus poemas só falam das tuas «mãos pardacentas / de cavar a lama», das tuas «unhas sangrentas / de arranharem a vida», etc. Isto é, falas de coisas que não conheces, que não podes entender em toda a sua extensão. É claro que não pretendo, com isto, que tu faças poemas às estrelas e aos lírios do campo. Mas deves procurar escrever de acordo com a tua vida, com a tua realidade. Senão os poemas resultam, fatalmente, falsos.

S. CARVALHO (Leiria) — Desculpa, mas nós não aceitamos fotonovelas de chorinho fácil mesmo sob a capa de brutalidade, de verdade-nua-e-crua como estes teus dois contos.

C. GOUVEIA PINTO (Lisboa) — Como tu próprio reparas, nos teus poemas há ainda uma mistura de coisas boas e coisas más. No entanto, com tudo o que de menos bom (prefiro assim) por lá encontrei, eles agradaram-me. Creio que temos mais um poeta entre nós! Espero mais trabalhos.

R. H. VASCONCELOS (Almada) — Lê o que acima digo ao J. Rosa. Sofrem ambos do mesmo mal...

J. RAFAEL (Porto) — Li tudo o que mandaste e começo a verificar que estás por aí anda muito melhor... O teu «Apontamento sem títulos» já é muito diferente das coisas que costumavas escrever. Parece-me, pois, que estás em plena evolução e que deves continuar a trabalhar. Quanto mais não seja para não quebrar o ritmo.

J. DAVID ROSA (Remscheid, Alemanha) — Mas quem foi que te disse que os poemas são tristes? De

que lhes serviria a tristeza? Lembra-me agora de dois versos de um poema de Vinícius de Moraes:

*«Não fiques triste, pescador,
que mágoa não pega peixe».*

Medita bem nisto, não te deixes levar pela imagem romântica do poeta físico, de olheiras, cabeça apoiada à mão (esquerda ou direita? Não me consigo lembrar) e olhos atirados para bem longe; põe de lado palavras que já ninguém diz («solidades», por exemplo) e então, se precisares, dá notícias.

ELISABETE F. (Alverca) Realmente há muito tempo que não falamos. Mas falar para te dizer o quê? Que está um tempo muito bonito e que Fevereiro tem 28 dias porque este ano não é bissexto? É que, minha amiga, com respeito aos teus poemas continua tudo como dantes... No entanto vou tentar publicar «Um grande vómito ao serão». Há muita gente que, com um trabalho publicado, cria novas energias e começa a escrever coisas realmente boas. Vamos a ver...

CARMEN (Lisboa) — Depois de várias horas a tentar decifrar os teus arabescos, conclui que o teu conto faz-me antever contos melhores, talvez mais uma possível colaboradora nossa. Este ainda tem uns pontos mais fracos, além de que poderias ter desenvolvido mais o tema — que se prestava bem para isso. Vamos tentar novamente?

A. J. ESCADA (Lisboa) — *«Se um poeta verdadeiro
lhesse meus versos
seria o primeiro a conde-
[nar-me].»*

Também acho que sim. Completamente de acordo contigo.

JESUS FERREIRA (Lisboa); **MANUEL A. B.** (Lavrado); **F. A. RIJO** (Lisboa); **ALFREDO F. FERREIRA** (Lisboa); **MAPAREBO** (Lisboa); **E. MONTE-NEGRO** (Lisboa); **M.ª ISABEL G. M.** (Alcobaca); **JOSÉ B. M. FONSECA** (Cascais); **SEBASTIAO J. B.** (Coimbra); **M.ª JOAO L. G.** (Loures); **RAINHA** (Açores); **CARLOS JOSÉ M. DE O.** (Lisboa); **JOSÉ M. N. L.** (Mem Martins); **A. C. MATIAS** (Lisboa); **JOSÉ CARLOS M. L.** (Coimbra); **A. VILARINHO** (Porto); **MANUEL E. CABRAL** (Lisboa); **SOUSA FERNANDO** (Lisboa); **JORGE L. C.** (Abrantes); **FARIA LINHARES** (Almada); **M. P.** (Matosinhos); **HELDER B. R.** (Lisboa); **J. MONTEIRO** (Lisboa); **ANTÓNIO ANÓNIMO** (Lisboa); **M.ª FERNANDA S. V.** (Gaia); **R. M. ANDRADE** (Lisboa); **V. SERRA** (Setúbal); **JOAO A. GOMES** (Lisboa); **M. G. C.** (Amadora); **IVO A. F.** (Lisboa); **UNI CETALAS** (Lisboa); **AMAN GONPHIL** (Algueirão); **ANDRÉ GAMBOA** (Lisboa) — Os vossos trabalhos não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

CRÍTICA AOS TRABALHOS RECEBIDOS

SOBRE UMA IMAGEM CONHECIDA DE WANDEWAALTS (PARA A LEONOR)

por Vítor Oliveira Jorge

ele como num único retrato ou a sua trajectória na cidade difícil, um nervo, figura febril de criar, das mãos aos dias, uma rua, a janela, a penumbra: o seu gabinete, os instrumentos

e a demorada face, confronto de silêncios, de nós à imagem, desta aos seus olhos e ainda o tempo, sobre a cabeça, a toda a parede, [tu: o oceano necessário, doce anémoma em torno da inquietante [transparência que só tu conheceste, única presença humana na difícil cidade onde procurou uma vida que fosse também uma [razão.

ANTROPOLOGIA DOS CIGANOS

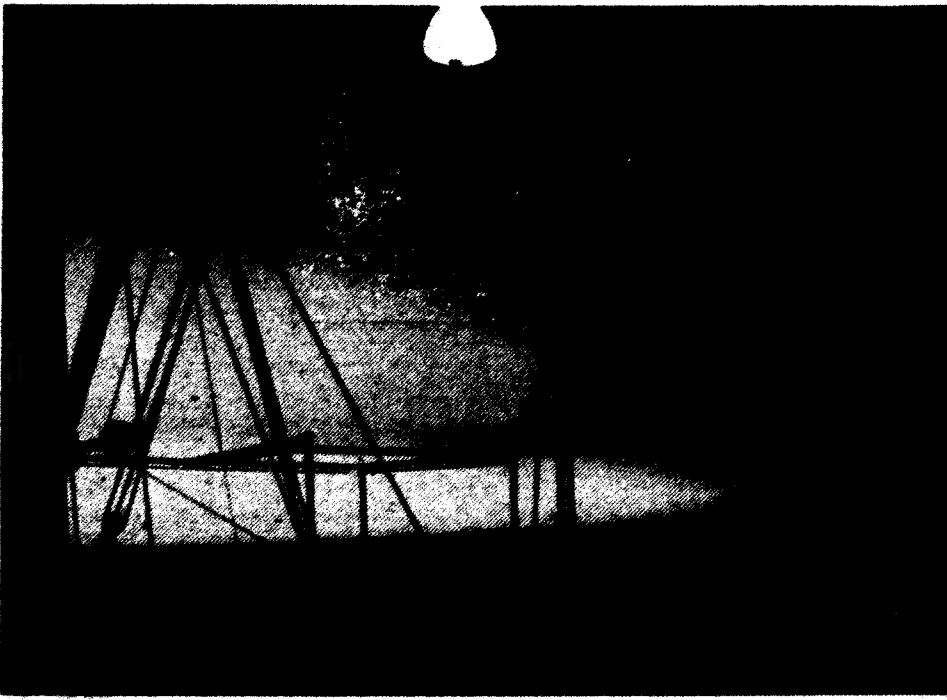
por Sérgio Figueira

Os ciganos ao entrarem na cidade faziam-no pelo lado norte donde sopra o vento e vinham aos cachões como se o contacto dos corpos os tornassem mais seguros na subida da colina para aí estacarem em roda esperando a chegada da Estrela-Vénus que era hábito adorarem ao primeiro sábado do [mês

os ciganos acendiam fogueiras e na noite de Maio subia ao céu em desespero morno a necessidade de saber o fim e onde os punhais tinham efeito de gritos esventravam os ratos alguns com fetos para os lançarem à consumação do lume com as unhas e o resto de vida oferecida a chior levando à boca um líquido verde espraivam-se deitados em cruz e só acordavam quando a chuva os confundia aos torrões de terra

«CAIS»

ERNANY BRANCO



A AJUDA DO AVÔ

Por Aníssima

Uma tarde, o meu avô, que é velho e feio, contou-me uma história de borboletas. Eu ouvi com atenção, porque o senhor professor pedia uma redacção sobre as borboletas. Eu tinha já visto borboletas nas montanhas de Outono das grandes armazéns e nas folhas coloridas dos meus livros de fadas e anões, mas não sabia sonhar com elas. E isso entristecia-me muito.

Atinal, as borboletas são as borboletas... azuis, amarelas, pretas... são também de outras cores, que povoam outros planetas, pois eu sei que há outros planetas e outras cores de borboletas, diferentes das que o Avô conhece.

São como as flores, as borboletas de Avô — veem as lhas dá o vento e brilham ao sol amarelo e grande. São tão livres como o ar e o pensamento de, sábios, disse o meu

Avô, e como os perfumes breves que há nas resas e nos lírios brancos.

Se eu fosse rica, comprava algumas borboletas para dar ao João, porque ele também não sabe como fazer a redacção de hoje.

Eu disse-lhe que as borboletas não mordem, nem sonham, mas sabem como não de ficar mais bonitas, quando chega o domingo de folga e descanço. Penteiam-se com pétalas leves e saídas e vestem-se com fios de seda que as aranhas teias vendem — isto não disse o Avô, mas eu sei que é assim.

Além, não há borboletas, disse-me ele, um dia, num outro fim de tarde, levantando o dedo e o olhar — e apontava a lua branca.

Só as borboletas do senhor professor são feitas e chamam-se lepidópteros.

INSTANTÂNEOS DE UMA FESTA LÁ LONGE E NO MEIO DA SERRA

Por Ernany Branco

Fungalvaz, cento e tal quilómetros na direcção de Tomar e quinze dias no mês de Setembro. Uma aldeia de casas brancas caiadas.

Mas hoje há festa. Logo às 7 horas da manhã, foguetes no ar e o grupo filarmónico da vila perto a passar toda a gente de pé hoje há festa em Fungalvaz, festa para o povo bravo que fácil nos adopta para o seu selo e nos prende em simpatia e interesse. Hoje toda a aquela gente ri e salta lá em baixo, no largo perto do Santareno onde está o arrabal e a música sempre a tocar, a tocar... já ninguém repara em mim e o barbas que estava ao pé do cruzeiro a tirar fotografias quando passava a procissão. O barbas já não monopoliza os olhares de curiosidade, já foi aceite até pela Luisa, a pequena da barraca das rifas cada duas \$50, o barbas passou no teste — alguns copos de tinto na taberna e agora já todos sabem que é amigo do filho

do Jacinto e que está em Lisboa a estudar, os meus filhos também estão em Lisboa mas hoje vieram à terra, hoje é um dia de festa riça como não se via há anos.

Escureceu, mas nem o lento churviscar tem alguma importância. Amanhã ninguém trabalha festa só uma vez por ano e as cachopas precisam de alegria. Ninguém sai do seu lugar e no largo sem espaço depois da corrida de sacos apenas alguém cambaleia, não repare no meu homem. E depois o baile. Um vez a banda, outra o acordeão e as cachopas dançam em cima do estrado ao ar livre. Depois do baile, lá para as 5 horas da manhã, vão todos às uvas para os lados do cemitério. Amanhã toda esta gente vai para fora e depois temos o trabalho, porque quem não trabalha não merece comer e o pão é tão precioso como o meu homem, que Deus lhe dê muita saúde.

EVOLUÇÃO II

(PARA A ISABEL)

Por João Cotrim

os passos cansados na mesma areia os deixámos no mesmo hálito moldámos as palavras onde catorze vezes me acreditaste e quando dos gestos aconteceram os poemas li-os na serra que criaste para sempre ficarem além da memória depois descobriste um sorriso suspenso no teu corpo e espaçaste o silêncio nos meses

só pela morte o flor pertence à terra mas é para fazer qualquer coisa que hoje habito o bafio das mesmas tardes.

POEMA DEDICADO

Por Maria Tereza de A. Dias

Deixem de gastar na boca nosso tempo que as palavras já não cabem de corpo inteiro Deixem de julgar pelo exterior que isso é maneira de evasão Deixem que nossas mãos construam ilusões nas paredes Sintam nossos passos absorvidos pela cidade.

«OS INÚTEIS»

Por José Pinho da Fonseca

Quando cheguei já não havia cartões.

A cada número cantado acorria um fluxo sanguíneo às faces, os olhos brilhavam mais intensamente e, ávidos, percorriam os cartões ao que se seguiu imprecações: o milho que servia para marcar era rudo, os chapéus eram ora puxados atrás ora à posição convencional, uns dedos arranhavam grotescamente uma cabeça, cigarros, muitos cigarros eram acesos, ajudando a manter o fogo que por dentro nos devora e que tem que ser continuamente alimentado: se se apaga é a molesta, o cansaço, o tédio.

— Paulo, arranja-me aí 1 ou 2 cartões.

— Não pá, daqui só saio teso!

Estava a jogar lá já algum tempo com uma colecção completa não tendo quinquado nenhuma vez. Mas forçava, forçava sempre a sorte tal como outros fazem à vida. Forçavam, forçavam, esperanças, uma mudança até a um limite inexorável. Calmo e espiroscopio normalmente, Paulo estava um pouco agressivo.

Filho de pequenos comerciantes estudara em tempos tendo, após 4 anos, feito o 5.º ano. Está à espera de ser chamado para a tropa. Enquanto isso alimenta o seu fogo com o jogo, o vinho, as paródias burlescas.

Levanta-se à hora do almoço: depois vai até ao

café e por lá fica pela tarde adiante com os companheiros habituais, mais ou menos nas suas condições. Dois deles são «franceses» que subiram na hierarquia social e que pagam uns copos em troca de os deixarem andar com eles, jogar com eles, contar as histórias das francesas, poderem dizer — e julgarem-se admirados por — os merdes e a lla vous plaits. Quando não há parceiros em n.º suficiente ou o dinheiro não abunda, por lá ficam a falar daquela vez «em casa do Patolino... ah ah ah... o Rui ficou na valente abaixo duma carvalha mesmo ao pé de casa ou daqueloutra em que co falisca que está agora na França... ou cortam na casaca da sociedade estabelecida que os margina como vagabundos «Paulo tem um carro novo. Só queria saber quem ficou sem ele...» Isto agora basta-lhe assinar mais umas letras... Pelo meio da tarde vão beber um copo. A noite, se há cinema, vão ao cinema, por vezes a S. João. Se não há vão jogar ou ver jogar. A noite há sempre parceiros: aqueles que trabalham e que, diz o Paulo, «é bom que o lá vão deixar abaixo».

De há uns tempos a esta parte namora. Sim, porque sabe muito bem que assim não é vida. Além de que o pai não dura sempre e o que ele lhe deixar também não. Portanto, seja do trabalho alienado, seja dos rendimentos, isto é, da remuneração do capital, ele

terá que viver. O pai deixa-lhe a loja e um pézito-de-meia que a 8%... Quando vier da tropa, casa-se. Se a mulher tiver «queda» para o negócio e atendendo a que a loja está num bom sítio...

A moça que o Paulo namora foi subindo na hierarquia social sendo hoje empregada nas malhas. A seguir vêm as empregadas de cabeleireiro, de consultório... e por aí fora na hierarquia em que os vestidos, as jóias, a marca do carro, o laser são o símbolo de estabilidade e respectabilidade servindo ao mesmo tempo para disfarçar o medo — traduzido numa necessidade imperiosa da opinião — de descer na citada hierarquia.

«Winchester»
«Que é isso?»
«73»

«Cante-me isso em condições!»

O afluxo sanguíneo; o grotesco das bocas babosas e cheias de milho; o fumo insuportável; o fogo que tem que ser continuamente alimentado; a sorte mardasta; o limite. A magia que emana da sala.

«27»
«Chega!»

DEPOIS QUE O JOÃO MORREU

Por M. Ilda Costa Figueiredo

Os dias são amassados com mesas partidas e talhas furadas por falta de asfalto (é por isso que não há luz desde que o João morreu) ou porque se acabou no canto da arca a caixa dos segredos.

os meus segredos são palavras amassadas letras cuspidas de cima da ponte para o lado do rio.

e a casa não tem luz desde que o João morreu

ferve-se na lareira e nasce de confiança que ontem nasceu

as crianças estão longe na infância sem pássaros nem bonecas como os velhos a cair de velhas no meio de dentes por serem velhas com especialidade.

O DIA NOVO

Por Filipe Guerra

Nítido, diferente e nosso. Interessa o dia mesmo com as sombras.

Convém respirá-lo com força, mordê-lo com força até deltar sumo, ferrar-lhe os dentes.

Nada de histórias, histórias são do passado e o dia é inventado em cada segundo.

Este dia é uma certeza flagrante e irreversível, é preciso tirar-lhe a máscara e ferrar-lhe os dentes e deltar-lhe o fora se já estiver seco. Escolher. Hesitar é sonhar.

Já se vêem ribeiros, folhagens e coelhos bravos em plena zona industrial. Convém mordê-lo.

A proposta da flor cheirar-lhe as raízes e seguir. As sombras do dia: Cada carro eléctrico é lento e antigo e tem uma placa onde se lê o número

e o destino e onde bate de chapa a escuridão. No interior infiltrou-se um silêncio forte. Além disso está cientificamente provado que o eléctrico além de velho e velho também provoca a azia. Há muitas coisas que você não sabe se não as inventar.

Porque se deixa levar ao seu destino dentro de coisas tão velhas? E por que razão mostra no focinho esse ar de repouso e segurança quando vai no eléctrico? Tenham calma e atam-se culpados, vá lá. Tenham calma, TENHAM CALMA não me façam gritar.

Nada de histórias. — Porque não falas tu? — Tenho azia.

Nem feliz nem infeliz, nada de histórias, é o dia novo.

POEMA

Por Joaquim Pessoa

Era abril talvez abril ou maio e tempo em que anímonos claramente e cor dos nossos olhos e dor dos nossos membros silenciares e verdadeiros em cada fruto

e cada um de nós era um selo enforcado no semo mais alto de cada árvore pedindo a cada uma dessas coisas de calma e forma, de todo, os frutos silenciares e verdadeiros